



**Campus Universitário de Almada
Escola Superior de Educação Jean Piaget**

João Pedro Alves Silva

**O exercício da profissionalidade docente e o género masculino
– Um estudo de perceções enfocado nas práticas educativas
com as primeiras idades**

Relatório Final de Prática de Ensino Supervisionada

Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1ºCiclo do Ensino Básico

Orientador: Professor Doutor Domingos Rasteiro

Almada, Outubro 2020



Campus Universitário de Almada
Escola Superior de Educação Jean Piaget

João Pedro Alves Silva

O exercício da profissionalidade docente e o género masculino
– Um estudo de perceções focado nas práticas educativas
com as primeiras idades

Relatório Final de Prática de Ensino Supervisionada

Apresentado com vista à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico (2º ciclo de estudos), ao abrigo do Despacho nº 1105/2010 (Diário da República, 2.ª série – nº 10 – 15 de janeiro de 2010)

Orientador: Professor Doutor Domingos Rasteiro

Almada, Outubro 2020

“Onde quer que haja mulheres e homens, há sempre o que fazer, há sempre o que ensinar, há sempre o que aprender. “

Paulo Freire

Agradecimentos

Ao longo deste percurso, existem pessoas a quem não posso deixar de agradecer e que tiveram um papel fundamental para que tudo corresse da melhor forma, por isso, é com enorme orgulho e consideração que aqui lhes deixo um eterno obrigado.

Ao meu orientador, Professor Doutor Domingos Rasteiro, por toda a dedicação, paciência, orientação, companheirismo e, sobretudo, pela amizade que brotou deste período de trabalho em cooperação.

À minha namorada, pelo amor, sinceridade e fidelidade, por ter feito esta caminhada de mão dada comigo, por apoiar-me em todas as minhas decisões e por ajudar-me a ultrapassar todas as adversidades.

Aos meus pais e à minha irmã, que apesar de nem sempre concordarem com as minhas escolhas, sempre me ajudaram a ultrapassar os problemas.

Aos meus amigos, Filipa Pinto e André Santos, pela amizade verdadeira e sincera que demonstram todos os dias.

À professora Doutora Helena Ribeiro de Castro, por ter-me encorajado a “pegar” neste tema e dado as primeiras diretrizes para o desenvolvimento deste relatório.

À educadora Guida, por ser diferente, por mostrar-me a sua forma de trabalhar e por toda a amizade que construímos ao longo do nosso percurso de trabalho.

Ao professor Alberto Gois, por mostrar-me um contexto diferente, por ensinar-me o que é ser professor e por ter-me enriquecido com cada palavra e cada história do seu percurso, não só como professor, mas como homem.

Aos professores Cristina Gonçalves, Rosa Nogueira, Rita Alves e Fernando Santos, por todo o acompanhamento ao longo destes anos e por todo o empenho que demonstraram no exercício das suas funções.

A todos os entrevistados, professores, educadores e encarregados de educação, pela sinceridade e disponibilidade que demonstraram com o seu testemunho e experiências vividas.

Às escolas e instituições em que tive o privilégio de trabalhar e estagiar, e que também contribuíram para me tornar profissional docente.

Ao pessoal não docente do Instituto Piaget de Almada, pela sua simpatia, boa disposição e disponibilidade para comigo.

Aos inquiridos deste estudo, pela ajuda no desenvolvimento da investigação.

A todos aqueles que não foram devidamente mencionados aqui, mas que contribuíram também para este estudo. A todos vós, muito obrigado.

Resumo

O presente relatório final de mestrado, intitulado “O exercício da profissionalidade docente e o género masculino – Um estudo de perceções enfocado nas práticas educativas com as primeiras idades”, surge no seguimento das práticas profissionais supervisionadas em contexto de Pré-escolar e 1º Ciclo, com o objetivo da obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, na Escola Superior de Educação Jean Piaget de Almada. Esta investigação pretende escrutinar a presença do homem na educação de infância, procurando compreender *em que medida, o género do educador de infância, influencia a sua prática profissional*, partindo de algumas questões principais: Será que pelo facto de ser homem, não posso desempenhar a profissão de educador/professor, com a mesma, ou melhor competência que as mulheres? Será que a relação entre um educador do género masculino e as crianças pode ser tão boa, ou melhor do que com as docentes do género feminino? A figura masculina como docente é, ainda hoje, um tema complexo, quer pela escassez e discrepância numérica face ao género docente oposto, quer pelos benefícios e/ou desconfianças que podem surgir com a sua presença na educação de infância. Este relatório surge, não só, como uma necessidade pessoal, pois sendo homem e estando eu numa área completamente dominada pelo género feminino, senti a necessidade de procurar as razões pelas quais existe esta escassez de docentes do género masculino, mas, pretendo também, que o presente estudo contribua para a desconstrução de ideias pré-concebidas em relação aos homens, educadores de infância/professores e/ou profissionais de educação do género masculino, como auxiliares de ação educativa. Para isso contribui o enquadramento teórico da problemática de género na educação, o desenvolvimento do trabalho de campo e recolha das perceções dos principais atores no processo educativo, e ainda as constantes reflexões, acerca da importância da profissionalidade dos educadores de infância tendo em conta as questões de género. Ao longo do estudo, e a partir dos dados recolhidos através das entrevistas e inquéritos por questionário, foi possível constatar, que o género do docente, para a grande maioria dos respondentes, não tem qualquer influência na qualidade de desempenho das competências docentes, sendo que estas englobam também a relação com as crianças.

Palavras chave: Género e a docência, Figura masculina, Educação Pré-escolar, Práticas pedagógicas

Abstract

This final master's report, entitled “The exercise of professionalism in teaching and the male gender - A study of perceptions focused on educational practices with the first ages”, follows the supervised professional practices in the context of Pre-school and Primary School, with the objective of obtaining a Master's degree in Pre-School Education and Primary School Teaching, at Escola Superior de Educação Jean Piaget in Almada. This research intends to scrutinize the presence of men in childhood education, trying to understand to what extent *the gender of the kindergarten teacher, influences their professional practice*, based on the following assumptions: Could it be that because I am a man, I cannot perform the profession of educator/teacher, with the same or better competence than women? Could the relationship between a male educator and children be as good, or better, than with female teachers? The male figure as a teacher is, even today, a complex theme, either because of the scarcity and numerical discrepancy in relation to the opposite teaching gender, or because of the benefits and/or mistrust that may arise with his presence in childhood education. Being a man in an area completely dominated by the female gender, this report appears not only as a personal necessity, since I felt the need to look for the reasons why there is a shortage of male teachers, but because I also intend to deconstruct preconceived ideas towards men, male kindergarten educators/teachers and/or education professionals, as assistants to educational action. For such purpose the theoretical framework of the gender issue in education; the development of fieldwork and the collection of perceptions of the main actors in the educational process; as well as constant reflections on the importance of the professionalism of early childhood educators, taking into account the issues of gender take part of this work. Throughout the study and from the data collected through the interviews and surveys, it was found that the gender of the teacher, for the vast majority of respondents, has no influence on the quality of performance of teaching skills, which also encompasses the relationship with children.

Keywords: Gender and teaching, Male figure, Pre-school education, Pedagogical practices

Índice

Introdução.....	1
Parte I - Prática Profissional em Contexto Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico	8
1.1. Contextualização da Prática Profissional	8
1.2. Caracterização da Entidade Cooperante	11
1.2.1. Caracterização das Instituições.....	11
1.2.2. Metodologia Utilizada pelos Cooperantes	15
1.3. Desenvolvimento da Prática Profissional.....	18
1.3.1. O contributo do estágio para a prática profissional e para a problematização do tema/questão.....	18
1.4. Caracterização do grupo.....	21
1.4.1. Relação dos grupos de estágio com o masculino	25
Parte II – Enquadramento Teórico - Estudo Empírico.....	27
2.1. Educador de Infância e Educação de Infância – A evolução em Portugal.....	27
2.2. Identidade – Um conceito na educação de infância.....	29
2.3. Representação das competências dos educadores de infância	30
2.4. O Género Masculino na Educação de Infância	33
Parte III – Metodologia de Investigação	36
3.1. Objeto de estudo	36
3.2. Tipo de estudo	37
3.2.1. Metodologia qualitativa e quantitativa.....	37
3.3. Instrumentos de recolha de dados.....	40
3.3.1. Entrevistas	40
3.3.2. Questionários.....	41
3.4. Apresentação e Análise dos Dados Recolhidos.....	42
3.4.1. Apresentação da análise das entrevistas.....	44
3.4.2. Apresentação da análise dos questionários	96

3.4.3. Síntese e discussão final dos dados recolhidos	109
Considerações Finais.....	122
Referencias Bibliográficas	127
Anexos.....	133
Anexo A - Guião de entrevista para docentes do género masculino	134
Anexo B - Guião de entrevista para docentes do género feminino	137
Anexo C - Guião de entrevista para encarregados de educação.....	140
Anexo D - Guião de entrevista para docentes com cargo diretivo	143
Anexo E - Entrevista com professor	146
Anexo F - Entrevista com educador.....	159
Anexo G - Entrevista com educadora	164
Anexo H - Entrevista com encarregada de educação.....	167
Anexo I - Entrevista com docente do género feminino com cargo diretivo.....	170
Anexo J - Descrição de categorias de entrevista - Professor.....	174
Anexo K - Descrição de categoria de entrevista – Educador	178
Anexo L - Descrição de categorias de entrevista – Educadora	182
Anexo M - Descrição de categoria de entrevista - Encarregada de educação.....	185
Anexo N - Descrição de categorias de entrevista - Docente com cargo diretivo ..	187
Anexo O – Declaração de Autorização de Deposito no Repositório Comum	190
Anexo P – Licença de Distribuição Não Exclusiva – Repositório Comum.....	191

Índice de tabelas

Tabela 1 - Tabelas de análise de conteúdo da entrevista – Professor (Anexo E).....	44
Tabela 2 - Tabela de análise de conteúdo da entrevista – Educador (Anexo F)	58
Tabela 3 - Tabela de análise de conteúdo da entrevista – Educadora (Anexo G).....	67
Tabela 4 - Tabela de análise de conteúdo da entrevista - Encarregada de educação (Anexo H)	74
Tabela 5 - Tabela de análise de conteúdo de entrevista - Docente em cargo diretivo (Anexo I)	80
Tabela 6 - Tabela de síntese final das entrevistas.....	91
Tabela 7 - Tabela de conclusões finais das entrevistas.....	94
Tabela 8 - Alunos inscritos no ensino superior, discriminados por sexo e área de formação.....	113

Índice de gráficos

Gráfico 1 - Gráfico circular – Exercício da profissão docente.....	96
Gráfico 2 - Gráfico circular – Respondentes não docentes.....	96
Gráfico 3 - Gráfico circular – Tipo de docente.....	97
Gráfico 4 - Gráfico circular – Docentes com cargo diretivo.....	97
Gráfico 5 - Gráfico circular – Contratação de docentes do gênero masculino.....	98
Gráfico 6 - Gráfico de barras - Idade dos inquiridos.....	99
Gráfico 7 - Gráfico de barras - Gênero dos inquiridos.....	99
Gráfico 8 - Gráfico de barras – Confiança nos educadores do sexo masculino.....	100
Gráfico 9 - Gráfico de barras – O gênero e o exercício da profissão.....	101
Gráfico 10 - Gráfico de barras – Lidar com a intimidade da criança.....	101
Gráfico 11 - Gráfico de barras – O cumprimento das tarefas e o gênero masculino....	102
Gráfico 12 - Gráfico de barras – O desempenho profissional e as questões de maternidade.....	103
Gráfico 13 - Gráfico de barras – Tendências sexuais e os docentes masculinos.....	103
Gráfico 14 - Gráfico de barras – Questões de pedofilia e a educação de infância.....	104
Gráfico 15 - Gráfico de barras – Relação entre educadores masculinos e pedofilia....	104
Gráfico 16 - Gráfico de barras – Masculinidades de ambas as partes.....	105
Gráfico 17 - Gráfico de barras – Relutância quanto ao gênero docente.....	106
Gráfico 18 - Gráfico de barras – Educação de infância e o gênero docente.....	106
Gráfico 19 - Gráfico de barras - Competência de gêneros e a docência.....	107
Gráfico 20 - Gráfico de barras – Conceções da profissão docente.....	107
Gráfico 21 - Docentes do sexo masculino em exercício no ensino pré-escolar.....	118
Gráfico 22 - Docentes do sexo feminino em exercício no pré-escolar.....	120

Índice de Figuras

Figura 1 - População residente em Portugal no ano de 2015	115
Figura 2 - Remuneração média de base por sexo	115
Figura 3 - Tempo médio de trabalho não pago em horas.....	116

Introdução

A elaboração do presente relatório final surge no processo académico que visa a obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, na Escola Superior de Educação Jean Piaget de Almada, sob a orientação do Professor Doutor Domingos Rasteiro.

O percurso académico que agora concluo é o culminar de vários anos de trabalho e aprendizagem. Nele foram vividas experiências inesquecíveis e que guardarei para o resto da minha vida pessoal e profissional. O sonho de ser educador de infância e professor de ensino básico está agora cada vez mais próximo e com ele virão outras responsabilidades. Responsabilidades essas que tenho a certeza de que estarei pronto para “agarrar”.

Baseando-me nas palavras de Delors et al. (1998), que define a educação básica como sendo “um indispensável passaporte para a vida que faz com que os que dela se beneficiam possam escolher o que pretendem fazer, possam participar na construção do futuro coletivo e continuar a aprender” (p.125), torna-se importante referir que também eu pretendo como futuro educador/professor, contribuir para uma educação mais justa, onde os estudantes possam aprender a refletir sobre as suas aprendizagens, sobre as suas fragilidades e potencialidades. Onde possam, tal como eu fiz ao longo do meu percurso, aprender experienciando o que de mais belo a vida tem para oferecer, mas também ultrapassando as dificuldades que desse percurso brotarem.

Fazendo uma análise introspetiva do meu percurso pessoal e académico até aqui, posso afirmar que nele aprendi a refletir, não só sobre as minhas aprendizagens, mas também sobre aquelas que planeei para serem adquiridas pelas crianças. Ao longo desta última etapa, pude perceber que não existem crianças iguais e que cada uma delas aprende ou não, por motivos específicos e relativos à sua própria personalidade e identidade. Identidade e personalidade que foram moldadas ao longo do tempo, pelos contextos em que as crianças estiveram ou estão inseridas e por todos os intervenientes ao seu redor. Cabe-nos a nós educadores/professores, compreender as crianças e utilizar estratégias/métodos diferentes e que potenciem todo o seu potencial.

Tal como destaca a UNICEF (2017), é importante que os educadores e professores adotem uma abordagem integrada e flexível, e adaptem as suas atividades às características, competências e contextos sociais, económicos e culturais das crianças.

Chegando ao fim desta etapa, tenho a plena noção de que todo o “eu”, futuro educador/professor, emergiu de todas as experiências que tive até agora, sejam elas a nível pessoal, profissional ou académico, e que ao longo do futuro que me espera, continuarei a evoluir e moldar a minha personalidade neste meio que é a educação básica.

Refletindo agora sobre o que me levou até aqui, posso afirmar que desde tenra idade senti que a área da educação seria a minha escolha profissional e que direta ou indiretamente, as escolas, tinham algum tipo de influência em mim. Não me refiro à influência básica que a escola exerce no estudante, mas sim a um tipo de influência diferente e fora do comum. A escola sempre foi a minha segunda casa. Talvez por ter muitos familiares a trabalhar em escolas, ou por ter criado uma forte ligação com as pessoas que ali trabalhavam. O que é facto, é que as minhas expectativas se vieram a confirmar, e aqui estou eu.

Desde que me lembro, que me fascina o facto de poder ajudar alguém a aprender. De poder mostrar aos outros aquilo que ainda não viram ou não fizeram. Desde cedo que procuro fazer o que ainda não foi feito.

Durante toda a minha infância procurei a magia que havia naqueles que me rodeavam de forma a inspirarem a minha vida e, de certa forma, todos os que me rodeavam estavam ligados ao contexto da educação.

Ao longo de um percurso académico sem graves sobressaltos, foi-me transmitido a importância de valores como a amizade e a cooperação.

Iniciando o meu percurso académico frequentando o contexto pré-escolar, relembro a educadora com quem tive oportunidade de aprender e que ainda hoje recordo com bastante estima. Seguidamente, no contexto de 1º ciclo, lembro bem a minha professora, mas, curiosamente, não é a ela que recorrem a maior parte das memórias desses anos. É sim às auxiliares de um espaço de Atividades de Tempos Livres (ATL) que frequentei. Nesse ATL, lembro principalmente as colónias de férias e os “passeios” que fazíamos. Posso afirmar, que foi desses contextos que surgiram as primeiras questões ligadas ao meu futuro como profissional docente. Foram nestas colónias que observei os primeiros homens educadores/professores e auxiliares de ação educativa. Foi a partir da observação das ações deles que brotou a minha vontade. Vontade de fazer viver, fazer feliz, fazer aprender tanto como eles me fizeram aprender

a mim. Já nesta altura eu dizia “quero ser como eles”, “quero ter esta profissão”. E depois de tantos anos aqui estou eu.

No restante percurso académico, já com inúmeros professores, um para cada disciplina, tive oportunidade de observar os vários tipos de docentes. Os que se querem sobrepor aos estudantes e os que querem que os mesmos participem nas suas aprendizagens. Porém, considero que todos eles foram importantes no meu percurso, pois contribuíram para a identificação daquilo que não queria ser, pois na minha opinião, devemos ter contacto não só com aquilo que nos identificamos e/ou gostamos, mas também com o “diferente”. Devemos sair da nossa zona de conforto e observar outras coisas que não aquelas a que estamos habituados.

No ensino secundário, enveredei pela área de línguas e humanidades, onde percorri todo um currículo de preparação para hoje poder realizar e enveredar por esta profissão. Já nesta altura, o curso preparava os estudantes para lidar com os outros. As relações humanas, e as interações de grupo e entre pares foram objeto de frequente discussão ao longo destes três anos de escola.

Ainda neste contexto, posso confessar que houve algumas mudanças significativas na minha vida. Ao longo destes três anos, levei um “choque” de realidade com o qual não tinha tido contacto. Novas pessoas, novas realidades. Umas melhoras, mas a maioria piores que a minha.

Após o percurso no ensino secundário, estava pronto para “entrar” no ensino superior. Estava seguro do que queria, Educação. Todavia, precisei de um ano de paragem para organizar as minhas ideias e ganhar a minha independência, tão desejada pelos adolescentes naquela idade.

Nesse ano de paragem, ocorreram várias mudanças na minha vida, nomeadamente o ingresso na vida profissional. Contudo, eu sabia que não era aquele o caminho que queria para mim, trabalhar em algo com que não me identificava. Queria e precisava de viver a faculdade e o curso que queria.

Finalmente e depois de um ano de muito pensar, iniciei a minha licenciatura em Educação Básica, na Escola Superior de Educação Jean Piaget de Almada.

Referindo-me agora aos anos de licenciatura, existiram altos e baixos, momentos bons e menos bons, mas afirmo que foi nesta instituição que me fiz homem. Foi aqui que me tornei na pessoa e profissional que sou hoje. Aqui evolui em todos os aspetos, rodeado por professores e amigos que de todas as maneiras contribuíram para que

pudesse evoluir. Transformar-me, transcender-me e tornar-me. Alcançar muito mais para além do expectável. Ultrapassar grandes obstáculos, que hoje, agradeço por se terem cruzado no meio caminho.

Na licenciatura, estudei e refleti arduamente, construindo as minhas aprendizagens baseadas da reflexão e cooperação. Foi nesta etapa que a caminhada para este relatório final começou. Por um lado, o facto de a licenciatura ter alargado a minha compreensão na área científica, contribuindo para a escolha do caminho de pedagogias com que mais me identifico, contribuiu para “levantar” as dúvidas inerentes a este relatório final.

Ser educador/professor é ter a capacidade de observar e mediar a relação com as crianças. Na minha opinião, e como futuro docente, é preciso que as crianças descubram os seus interesses, explorem o mundo que as rodeia, que cresçam e se tornem autónomas ultrapassando as dificuldades inerentes aos seus contextos. É importante que percebamos e admitamos que as aprendizagens mais significativas são aquelas em que o estudante participa ativamente.

Já no mestrado e ao longo dos últimos anos, tive a oportunidade de estar por dentro das rotinas da escola, e sempre foi comum o facto de não existirem homens como auxiliares de educação e muito menos, como educadores de infância.

O facto de ser homem, numa profissão maioritariamente dominada pelo sexo feminino, levanta algumas questões no pensamento das pessoas, levando-as mesmo a criar pré-conceitos e estereótipos sobre os homens que escolhem esta profissão. Esta situação, fez-me querer investigar e perceber a razão pela qual isto acontece.

Voltando a referir o pensamento de Delors acerca do que deve ser a educação básica, o mesmo defende que:

A educação básica é essencial se quisermos lutar com êxito contra as desigualdades quer entre sexos, quer no interior dos países ou entre eles. É a primeira etapa a ultrapassar para atenuar as enormes disparidades que afligem muitos grupos humanos. (Delors et al., 1998, p.125)

Pegando nestas palavras e aplicando-as ao contexto deste relatório final, também eu pretendo contribuir para colmatar estas desigualdades.

De acordo com Programa de Ação de Beijing (1995, citado por Delors et al., 1998), a educação:

(...) é um direito do homem e um meio essencial para atingir os objetivos da igualdade do desenvolvimento e da paz. Jovens de ambos os sexos só têm a ganhar com um ensino não discriminatório que, no fim de contas, contribua para instaurar relações mais igualitárias entre homens e mulheres. (p.125)

Desta forma, no seguimento das ideias do autor e interligando-as com todas as dúvidas e inquietações vividas por mim ao longo do meu percurso, este estudo, intitulado “O exercício da profissionalidade docente e o género masculino – Um estudo de perceções focado nas práticas educativas com as primeiras idades”, visa compreender *em que medida, o género do educador de infância, influencia a sua prática profissional*, partindo de algumas questões principais:

1. Será que pelo facto de ser homem, não posso desempenhar a profissão de educador/professor, com a mesma, ou melhor competência que as mulheres?
2. Será que a relação entre um educador/professor do género masculino e as crianças pode ser tão boa, ou melhor do que com as docentes do género feminino?

De forma a responder a estas questões, ao longo do estudo irei recorrer a autores de referência nesta temática.

Com a elaboração deste relatório pretendo contribuir para a desconstrução de ideias pré-concebidas em relação aos homens, educadores de infância/professores e/ou, profissionais de educação do género masculino, como auxiliares de ação educativa.

Para isso contribui o enquadramento teórico da problemática de género na educação, o desenvolvimento do trabalho de campo e recolha das perceções dos principais atores no processo educativo, e as constantes reflexões acerca da importância da profissionalidade dos educadores de infância tendo em conta as questões de género.

Este estudo tem ainda como objetivo, diminuir a escassez de investigações neste âmbito, proporcionando um parecer no masculino sobre a temática, visando uma participação equitativa na educação das primeiras idades.

Para desenvolver o estudo empírico, utilizaram-se técnicas mistas, qualitativa e quantitativa, sendo um trabalho de tipo qualitativo exploratório/descritivo sobre a problemática das questões de género na profissionalidade dos docentes. Para o efeito, além da revisão bibliográfica e consequente investigação, realizei, em primeiro lugar,

um questionário, com questões que dizem respeito ao tema deste relatório.

Adicionalmente, entrevistei um educador do género masculino e feminino, um professor do sexo masculino, uma encarregada de educação, e ainda a coordenadora de uma das instituições em que estagiei.

Este relatório obedece a uma organização onde todos os capítulos estão interligados uns com outros, sendo que todos contribuem para o processo de desenvolvimento da investigação.

Numa fase inicial, consta esta introdução, onde elaborei uma retrospectiva acerca do meu percurso pessoal e académico, e onde relaciono os mesmos com as motivações que me levaram a escolher o tema em análise.

Na Parte I – “Prática Profissional em Contexto Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico”, constam os pressupostos da minha prática profissional e a caracterização dos contextos de estágio, sendo que ao longo desta fase, encontram-se, não só as informações referentes à caracterização das entidades cooperantes e metodologias utilizadas pelas mesmas, mas também, reflexões sobre o desenvolvimento da minha prática profissional e em que tudo têm relação com o tema deste estudo.

Na parte II – “Enquadramento Teórico - Estudo Empírico”, é a fase onde apresento o estudo empírico, sendo que este se divide em quatro pontos. No primeiro ponto, apresentam-se conceitos centrais da investigação, onde se desenvolve uma reflexão sobre a educação de infância e o educador de infância, acompanhados da evolução histórica que estes dois conceitos sofreram em Portugal. De seguida, partimos da conceção de “identidade”, refletindo sobre o processo de construção da mesma quer a nível pessoal, quer a nível profissional. Posteriormente, refletimos sobre as competências que incutem aos educadores de infância e ainda, se as mesmas se relacionam especificamente a algum género. Por último, abordaremos especificamente os docentes do género masculino, nomeadamente os educadores de infância, espelhando e enfatizando a importância dos mesmos nos contextos educativos.

Na parte III – “Metodologia de Investigação”, encontra-se a informação referente à forma como foi construída esta pesquisa. Numa primeira fase, faz-se menção ao objeto de estudo desta investigação, refletindo-se sobre as metodologias e instrumentos de recolha e análise de dados que foram utilizadas. Posteriormente, passo à fase de apresentação e análise dos dados recolhidos através da utilização desses mesmos instrumentos e metodologias. Esta fase culmina com a síntese e discussão final

dos dados recolhidos, que foi apresentada através de vários eixos, de forma a que a informação apresentada permaneça bem organizada e concisa. Os tópicos apresentados ao longo dessa síntese e discussão final dos dados, resultaram das confluências e/ou discordâncias das conclusões retiradas ao longo da investigação.

Por fim, a última fase reflexiva deste relatório, as “considerações finais”, onde foi elaborada, não só, uma retrospectiva, como também uma introspectiva, percorrendo todo um caminho de memórias e aprendizagens, que tanto contribuíram para a conclusão desta investigação, como para esta fase do meu percurso académico.

Parte I - Prática Profissional em Contexto Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico

1.1. Contextualização da Prática Profissional

Baseando-me na minha experiência pessoal e profissional, penso que é fundamental, nesta última etapa, refletir sobre os princípios que orientam a prática pedagógica e que irão guiar o meu caminho na educação daqui em diante.

Nos últimos cinco anos, deparei-me com vários profissionais, que de alguma forma, influenciaram as minhas práticas e o meu pensamento enquanto profissional na área da educação. Tive oportunidade de trabalhar e estagiar em contextos diferenciados, onde se praticavam várias metodologias e se utilizavam vários métodos. Analisei e observei diversos comportamentos por parte das crianças e dos profissionais, procurando compreender as relações que os mesmos criam entre si. Houve preocupação em identificar as principais necessidades e interesses das crianças, e participar nas rotinas diárias, criando uma boa relação com todos os educadores/professores e auxiliares, com quem tive o prazer de trabalhar e estagiar.

Atualmente, penso que é fulcral que a criança seja ouvida e guiada num caminho em que cada um de nós, mediadores de aprendizagens, potenciemos as suas capacidades, e arranjemos ferramentas que as ajudem a ultrapassar as suas dificuldades. A criança desempenha um papel imprescindível na sociedade atual, uma vez que, a criança de hoje, é o adulto de amanhã. Agindo desta forma, estamos a contribuir para que num futuro próximo, aquando se tornarem adultos, tenham adquirido valores imprescindíveis para uma sociedade justa e equitativa, como por exemplo a solidariedade, a autonomia, o espírito crítico e reflexivo, entre outros.

Na minha opinião, o papel do educador/professor deve ser o de apoiar, mediar, educar, desenvolver, cuidar e estimular a criança para uma aprendizagem ativa. Penso que os educadores/professores/mediadores, devem proporcionar às crianças experiências novas, que as capacitem com ferramentas que as levem a desenvolver os seus conhecimentos. Trabalhar como mediador com as crianças é, do meu ponto de visto, a forma mais correta de trabalhar, assim posso afirmar, que qualquer educador/professor irá fomentar nas crianças capacidades como sentido crítico, criatividade, pensamento reflexivo e autonomia e, acima de tudo, motivação para as aprendizagens. É fundamental partilhar com as crianças a orientação do seu percurso na educação. A meu ver, a melhor prática, é aquela que promove uma transmissão ativa,

em que a criança é um ser ativo, participativo e construtor das suas aprendizagens (Formosinho, 2013).

Segundo o perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória (Martins et al., 2016), o conhecimento de cada uma das áreas disciplinares está constantemente em mudança, tal como focam Anderson et al. (2001, p.13). Na minha opinião, não são só as áreas disciplinares que estão em constante mudança, mas também, as exigências que a sociedade e o mundo impõem a cada um de nós, sejamos crianças ou adultos. Consequentemente, e indo ao encontro dessas novas exigências, cada criança ou estudante, deve ser orientado para que possa tornar-se num ser ativo e participativo nas suas próprias aprendizagens. Para tal, é essencial a construção de um ambiente pedagógico inclusivo, promotor da participação e da aprendizagem de todos os alunos (Madureira, 2017).

Para que isso possa acontecer, creio que é necessário que existam mudanças curriculares, que possibilitem às crianças um *upgrade* nas possibilidades de exploração e de aprendizagem. Penso que o currículo, deveria favorecer o desenvolvimento de processos, que estimulem os estudantes a refletir sobre as suas aprendizagens, com o objetivo de se tornarem, crianças autónomas e mais tarde, adultos pensadores da sociedade.

Como futuro educador/professor, sou da opinião de que qualquer profissional desta área, tem de ter em conta os interesses das crianças com que está a trabalhar, com o objetivo de desenvolver atividades, que estejam direcionadas a esses mesmos interesses, e que sejam mediadas através da cooperação. A partir dos conhecimentos que as crianças já possuem, é possível desenvolver e explorar esses mesmos conhecimentos, enquanto desenvolvem outros.

Outro dos meus objetivos pessoais como futuro educador/professor, focalizasse em nunca parar a minha formação, procurando adquirir novos conhecimentos e explorar novas metodologias, refletindo sobre elas e consecutivamente, construir ou moldar a minha personalidade dentro da comunidade educativa.

De acordo com o relatório da Comissão Internacional de Educação para a UNESCO, intitulado *Educação um Tesouro a Descobrir* (Delors et al., 1998), são quatro os pilares básicos da educação para o século XXI: aprender a fazer; aprender a conhecer; aprender a ser; aprender a viver juntos. Todas estas competências, correspondem a uma visão holística na educação, com a qual me identifico. Esta visão

contribui para: perceber o aluno como ser integral; aprender a viver junto com o aluno; experienciar vivências em dinâmicas de grupo.

Esta é exatamente a relação de ensino-aprendizagem, que pretendo que seja o fio condutor da minha prática profissional e que vai ao encontro de metodologias/modelos que promovem a aprendizagem ativa, nomeadamente o Movimento da Escola Moderna, a Metodologia de Trabalho de Projeto e o modelo High Scope.

O ensino-aprendizagem voltado apenas para a absorção de conhecimentos, que tem sido objeto de preocupação constante de quem ensina, deverá dar lugar ao ensinar a pensar e a refletir. Saber comunicar, pesquisar, ter raciocínio lógico, fazer sínteses e elaborações teóricas, ser independente e autónomo, ser socialmente competente. Estas competências devem, na minha opinião, ser a grande preocupação na mudança de prioridades do ensino em vigor e que são promovidas pelos modelos/metodologias que acabei de enunciar.

Tal como defendem Hohmann e Weikart (2011), penso “que o poder para aprender reside na criança, o que justifica o foco nas práticas de aprendizagem através da ação. Quando aceitamos que a aprendizagem vem de dentro, atingimos um balanço crítico na educação das crianças” (p.1). Segundo os mesmos autores, o papel do adulto deve centrar-se em “apoiar e guiar as crianças através das aventuras e das experiências que integram a aprendizagem pela ação” (p.1).

Sou também da opinião que a criança tem de brincar. Tem de ter tempo para ser o que é, criança. Tempo para ser feliz. “Hoje sou criança e o meu trabalho é brincar.” (Wadley, n.d.).

Partilhando da opinião da autora, defendo que tem de existir tempo para que o educador considere as brincadeiras das crianças, pois segundo Montaigne (n.d., citado por Carvalho, 2013), “as brincadeiras das crianças deveriam ser consideradas as atividades mais sérias” (p. 3).

Portanto, na minha opinião e como futuro professor/educador, penso que todos os profissionais devem considerar válidas várias metodologias/modelos, de modo a captar o que cada um tem de melhor e/ou se adequa ao grupo de crianças em questão. É fulcral, valorizar os conhecimentos, experiências, cultura e as capacidades e ritmos de aprendizagem de cada criança.

É indispensável que o educador tenha uma boa relação com toda a comunidade educativa, desde auxiliares de ação educativa, membros da direção, não esquecendo a família das crianças. Em suma, a relação professor-aluno, tem de ser baseada na

cooperação entre ambos. Como referido por Jean Piaget (1976), é através do debate e da discussão como figuras igualitárias, que o processo de desenvolvimento cognitivo acontece. O professor deve assumir um papel de mediador de aprendizagens, provocando os seus estudantes para que surjam projetos que levem a novas descobertas.

Tal como afirma Niza (2013):

(...) é no envolvimento e na organização paritariamente, em comunidade cultural e formativa, que se reconstituem, se recriam e se reproduzem os instrumentos (intelectuais e materiais), os objetos de cultura, os saberes e as técnicas através de processos de cooperação e de interajuda (todos ensinam e todos aprendem). (p.144)

Em consequência, os alunos estarão envolvidos num ambiente de descentralização do conhecimento absoluto, socialização e construção de conhecimentos racionais e dinâmicos, para que compreendam o significado do processo das atividades e não só do produto.

1.2. Caracterização da Entidade Cooperante

1.2.1. Caracterização das Instituições

A Prática de Ensino Supervisionada (PES) I em contexto de Pré-Escolar e a PES II em contexto de Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico ocorreram em instituições diferentes. Uma situa-se na freguesia de Marvila e é uma instituição particular de solidariedade social (IPSS) e a outra, na freguesia de Arroios, pertencendo à rede de escolas públicas. Ambas pertencem ao concelho e distrito de Lisboa.

PES I – Educação Pré-Escolar

No que diz respeito à freguesia de Marvila e segundo o website da junta de freguesia, esta possui uma área de 6,29 km² e é maioritariamente zona urbana de alta densidade, com habitação permanente, com 38 102 pessoas (6.96% dos habitantes no concelho), das quais 18.89% têm mais de 65 anos e 13.80% são crianças ou adolescentes. Estes foram os últimos dados disponibilizados pelo Instituto Nacional de Estatística. Até então, em termos demográficos, verifica-se que das 14.195 famílias residentes na freguesia de Marvila, 21.94% são compostas por uma única pessoa, e que o peso dos agregados domésticos com quatro ou mais indivíduos é de 9.59%.

A população residente é constituída na sua maioria por indivíduos com descendência de ex-colónias portuguesas (Angola, Guiné, Moçambique, São Tomé e Cabo Verde), e de outras regiões como a Estremadura, as Beiras (Alta e Baixa), do Alentejo, do Ribatejo e de Trás-os-Montes. Em termos laborais, existem várias discrepâncias. Pessoas desempregadas, trabalhadores com empregos mal remunerados e ainda, pequenos e médios empresários. Os Marvilenses apresentam um nível etário equilibrado, embora com uma tendência para a população mais idosa.

Contudo, a população apresenta um baixo nível de vida, tendo como consequências mais graves, o aumento da atividade criminosa, a prostituição e o consumo ou tráfico de droga.

No que diz respeito à instituição onde ocorreu o estágio em pré-escolar, a mesma foi fundada em 1983, e faz parte de um conjunto de unidades, espalhadas por todo o país.

Segundo o projeto educativo da instituição¹, a pedagogia de projeto é a base da metodologia seguida na escola. Este tipo de pedagogia, concebe a escola como uma comunidade educativa democrática e ecológica, onde se constroem ideias por meio do debate com os outros e com base em experiências.

Ainda segundo este projeto, o trabalho realizado na escola:

É orientado no sentido da educação para a cidadania, para a multiculturalidade, favorecendo e dando ênfase a uma plataforma de relação e intercambio com as famílias e a comunidade. Acima de tudo, tendo em conta o contexto atual da nossa sociedade teremos que contribuir para uma educação sustentável empreendedora e financeira, onde as crianças sejam sensibilizadas para a importância do não consumismo, para a poupança, para a aquisição de valores e atitudes, de partilha, de tolerância e aprendam a ser empreendedoras, com capacidades e competências para tal. (Projeto educativo da instituição, n.d.)²

A instituição tem como objetivo prestar serviços de assistência social à população residente do bairro onde está inserida, promovendo atividades direcionadas às crianças, facilitando o desenvolvimento das suas capacidades e garantindo meios adequados para a construção de alicerces, que contribuam para a integração social das mesmas.

¹ Este documento não está indicado nas referências bibliográficas para evitar a identificação da instituição a que se refere.

² idem

Neste momento, a IPSS tem em funcionamento as valências de Creche, Pré-escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico. A instituição disponibiliza aos estudantes, um estabelecimento que visa o desenvolvimento de um vasto grupo de relações, que permitem que os mesmos se conheçam a si próprios e aos outros, como indivíduos de uma sociedade. Segundo o projeto institucional, a escola pretende que cada criança possa conquistar a sua autonomia, estando inserida num espaço rico em estímulos e afetividade.

No que diz respeito aos espaços da instituição, a mesma é constituída por três edifícios:

1. Creche e ATL;
2. Pré-escolar, 1º ciclo, refeitório, lavandaria, ginásio, auditório, serviços de apoio social, serviços de administração e editora Piaget;
3. Armazenamento de lixo e materiais.

Em termos de equipamentos e materiais, ao longo do estágio pude constatar que os mesmos se encontram bastante degradados e desadequados às funções a que se destinam.

PES II – Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

A instituição onde realizei o estágio em Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico foi fundada em 1947 e pertence à rede de escolas públicas, abrangendo alunos oriundos das freguesias da Penha de França, de Arroios e de São Vicente. A escola não possui projeto educativo próprio, e por isso segue as diretrizes do projeto educativo do agrupamento³.

Segundo o mesmo, a rede escolar deste agrupamento caracteriza-se por uma grande diversidade de experiências pedagógicas e realidades sociais, tendo vindo, desde 2004, a construir uma identidade própria que se alicerçou nos princípios e metas definidas no primeiro projeto educativo do Agrupamento (2007-2010).

Na sua ação, tem melhorado a qualidade e a eficácia das aprendizagens dos seus alunos, promovendo a igualdade, o respeito pelo outro e a cidadania ativa, incentivando a criatividade, o espírito empreendedor e a aprendizagem ao longo da vida. Esta convergência de ação tem vindo a ser encarada com rigor e exigência, não perdendo de vista, como anteriormente referido, a diversidade dos contextos em que se desenvolve.

³ Este documento não está indicado nas referências bibliográficas para evitar a identificação do agrupamento a que se refere.

A população escolar é heterogénea e fazem parte dela descendentes de migrantes oriundos do Minho e das Beiras, imigrantes vindos das ex-colónias e, nas últimas décadas, imigrantes da China, da Índia e de países de Leste.

Segundo o regulamento interno do agrupamento⁴, a população tem uma elevada diversidade multicultural, onde 22,8% (563, dos quais 291 são adultos) dos alunos não nasceu em Portugal, representando mais de 26 países. Ainda que ao nível da composição social o agrupamento venha a registar uma evolução positiva desde 2006, a população apresenta maioritariamente baixas qualificações escolares e profissionais.

No que concerne ao número de alunos que usufruem de Apoio Social Escolar (ASE), regista-se um total de 953 alunos subsidiados, o que corresponde a uma taxa de 38,9% do efetivo escolar.

Ainda segundo o regulamento interno, os últimos dados oficiais do agrupamento contam 2564 alunos distribuídos por 103 turmas, 245 docentes (destes 70 são contratados) sendo 5 da Educação Pré-escolar, 36 do 1º Ciclo do ensino Básico, 204 docentes do 2º, 3º ciclos e ensino secundário e 77 funcionários não docentes (destes, 9 são assistentes técnicos).

No corpo docente 10% apresenta idade entre os 30 e 39 anos, 34% entre os 40 e os 49 anos, 40% regista idade entre os 50 e os 59 anos e 16% entre os 60 e os 69 anos.

No que se refere ao pessoal não docente, 6% tem idade entre os 30 e 39 anos, 23% entre os 40 e os 49 anos, 60% dos funcionários não docentes registam idade entre os 50 e os 59 anos e 11% entre os 60 e os 69 anos.

Com uma oferta educativa que contempla o Pré-Escolar, o 1º, 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico, o Ensino Secundário Regular, o Ensino Secundário Profissional, a Educação e Formação de Adultos e o Português Para Falantes de Outras Línguas, o agrupamento, na sua ação, tem melhorado a qualidade e a eficácia das aprendizagens dos seus alunos, promovendo a igualdade, o respeito pelo outro e a cidadania ativa, incentivando a criatividade, o espírito empreendedor e a aprendizagem ao longo da vida.

Segundo o projeto educativo, foram definidas quatro grandes metas e respetivos objetivos:

- Elevados níveis de desempenho cognitivo, artístico e desportivo, respeitando o desenvolvimento individual do aluno;

⁴ Este documento não está indicado nas referências bibliográficas para evitar a identificação do agrupamento a que se refere.

- Saber estar em diferentes contextos;
- Elevados níveis de integração de alunos;
- Partilha e convívio entre todos os elementos da comunidade, pautado pelo respeito mútuo.

Em relação aos espaços e materiais da escola, a mesma é constituída por dois edifícios:

1. Pré-escolar, 1º ciclo, biblioteca, sala de professores e salas multifunções;
2. Refeitório, pátios, ginásio e horta.

Devido ao recente plano de requalificação, levado a cabo pela Câmara Municipal de Lisboa, a escola possui salas bem dimensionadas, arejadas e iluminadas, dispondo de três pátios interiores e um campo de jogos no pátio exterior.

1.2.2. Metodologia Utilizada pelos Cooperantes

PES I – Educação Pré-escolar

Em relação ao estágio da PES I, a educadora cooperante não segue à risca nenhum modelo, mas segundo a mesma, as suas intenções educativas estão relacionadas com a aprendizagem ativa das crianças. A educadora, procura abordar as diferentes áreas de conteúdo de forma diversificada, lógica e coerente, partindo daquilo que as crianças já sabem e daquilo que demonstram ter mais interesse em conhecer e descobrir.

Estes ideais vão ao encontro das orientações descritas nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar (OCEPE), que referem que:

O reconhecimento da capacidade da criança para construir o seu desenvolvimento e aprendizagem supõe encará-la como sujeito e agente do processo educativo, o que significa partir das suas experiências e valorizar os seus saberes e competências únicas, de modo a que possa desenvolver todas as suas potencialidades. (Silva et al., 2016, p.9)

Ao longo da rotina diária da sala onde realizei o meu estágio, foi possível verificar a preocupação da educadora em promover momentos de partilha e discussão de opiniões, inserindo as crianças num ambiente em que as mesmas se sintam confortáveis para participar e explorar os mais variados temas.

Este pensamento encontra-se em conformidade com as palavras de Hohmann e Weikart (2011), que afirmam que a rotina diária “oferece um enquadramento estável no

qual as crianças (...) podem sem perigo iniciar, refletir sobre, modificar e expandir as experiências de aprendizagem pela ação” (p.227).

Segundo a educadora da sala, toda a rotina diária das crianças deve ser estruturada e planejada, para que as mesmas adquiram sentido de responsabilidade, autonomia e capacidade reflexiva:

Ao longo da manhã foi possível observar a preocupação em saber as opiniões de todas as crianças acerca do que viram na peça de teatro *A Rainha do Gelo*. Deu oportunidade e “espaço” para todas falarem, mesmo que não quisessem dizer nada. (Nota de campo 1, dezembro de 2019)⁵

Foi possível verificar, que a responsável de sala privilegia o ensino pelas artes, sejam elas quais forem sendo que, na opinião da mesma, “é importante que eles construam os seus conhecimentos a partir da exploração e observação de elementos artísticos” (Nota de campo 2, outubro 2019)⁶.

Não obstante, pude constatar que a educadora valoriza os processos de aprendizagem em que as crianças aprendem a partir da exploração do mundo que as rodeia, promovendo e inserindo as mesmas, num ambiente promotor de autonomia e aprendizagem ativa.

Segundo Zabalza (1998), uma sala de contexto pré-escolar “deve ser, antes de mais nada, um cenário muito estimulante, capaz de facilitar e sugerir múltiplas possibilidades de acção” (p.53).

Para Cunha (2013), “o espaço pedagógico é muito mais que um amontoado de materiais, mesas e cadeiras. É um espaço que estimula destrezas, provoca interrogações e comunica com as crianças” (p.5).

No que diz respeito às Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar, foi possível observar momentos de planeamento de atividades por parte da educadora, sendo que a mesma privilegia um tipo de aprendizagem integral, ou seja, contempla o desenvolvimento intelectual, físico, emocional, social e cultural.

Na opinião da mesma, “não é necessário dividir as atividades para se trabalhar diferentes áreas. A partir de uma atividade posso englobar todas ou quase todas as áreas das OCEP” (Nota de campo 3, outubro 2019)⁷.

⁵ Todas as notas de campo presentes neste relatório foram retiradas nos estágios da PES I e PES II

⁶ idem

⁷ idem

PES II – Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

No que diz respeito à metodologia utilizada pelo professor cooperante, à semelhança da educadora cooperante do estágio em Pré-escolar, o mesmo afirma que as suas práticas regem-se pelas ideias defendidas na aprendizagem ativa, particularmente pelo movimento de escola moderna. Contudo, constatei que vão muito além disso.

Ao longo do estágio, pude comprovar que o professor procura abordar as diferentes áreas de conteúdo de forma interdisciplinar, partindo do conhecimento prévio dos alunos, para aprofundar conhecimentos, motivando-os para os demais, realizando assim o género de um currículo em espiral, dando ênfase àquilo que as crianças demonstram interesse em aprender e explorar. Tal como afirma Bruner, acerca da sua teoria sobre o currículo em espiral, é necessário “estimular os alunos a estabelecer ligações e a entender as relações que se estabelecem entre e através dos assuntos” (Smith et al., 2001, p.493).

Neste contexto de estágio, a rotina é imposta por um horário compartimentado em várias disciplinas e de forma a cada uma ter o seu tempo de estudo específico. Contudo, as metodologias impostas pelo professor respeitam o trabalho interdisciplinar, promovendo a reflexão, autonomia e cooperação entre os estudantes.

Segundo Klein (1990) todas as atividades interdisciplinares estão fundadas nas ideias de unidade e síntese e buscam satisfazer os seguintes objetivos: “responder a questões complexas; abordar questões gerais; explorar as relações disciplinares e profissionais; solucionar problemas que estão além do escopo de qualquer disciplina única; buscar a unidade do conhecimento em uma grande ou limitada escala” (p.11).

Entre as definições do termo, destaca-se ainda a de Jantsch (1972, citado por Bicalho e Oliveira, 2011), para quem interdisciplinaridade é “uma axiomática comum a um grupo de disciplinas conexas e definida no nível hierárquico imediatamente superior à pluridisciplinaridade, com objetivos múltiplos e uma coordenação procedendo do nível superior” (p.51).

1.3. Desenvolvimento da Prática Profissional

1.3.1. O contributo do estágio para a prática profissional e para a problematização do tema/questão

Quando os membros de uma equipa educativa partilham valores e estão envolvidos num ambiente de cooperação e proximidade, principalmente no que às crianças diz respeito, promovem junto destas um ambiente educativo consistente. Mesmo para os adultos, há benefícios nesta relação próxima, nomeadamente, “reconhecimento, um sentido de trabalho bem-sucedido e um sentimento de pertença a um grupo de indivíduos que pensam de forma semelhante” (Hohmann & Weikart, 2011, p.131).

Sendo este um relatório que aborda o papel masculino na educação, penso que é importante relacionar o tema com toda a experiência vivida por mim em relação aos contextos em que estive inserido.

De acordo com Freire (2005) " Ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo" (p.79). Já para Masetto (1998) "o processo de aprendizagem realiza-se por meio do relacionamento interpessoal muito forte entre o aluno e o professor, aluno e aluno, professor e professor, enfim, entre toda a comunidade escolar" (p.32).

Ao longo dos estágios profissionalizantes tive a oportunidade de debater e discutir várias ideias acerca do tema deste relatório, nomeadamente *de que forma posso eu como homem ser aceite num trabalho dominado por mulheres?* De acordo com a educadora cooperante:

Não é o género que faz com que o trabalho desenvolvido seja diferente. Existem muitas educadoras, mas educadores existem poucos. Só isso já é uma vantagem. O que interessa é a paixão com que nós exercemos a profissão. As pessoas vão querer saber o que tens para oferecer de diferente e tu tens algo de diferente. (Nota de Campo 4, novembro 2019)⁸

Não me considero diferente, ou que tenha algo de diferente para oferecer. Penso, que à semelhança de todos os profissionais de educação, devo fazer uso da minha própria personalidade, ideais e conhecimentos, para desenvolver o melhor trabalho

⁸ Todas as notas de campo presentes neste relatório foram retiradas nos estágios da PES I e PES II

possível com o grupo de crianças com que estou, e isso pode ser feito por homens ou por mulheres.

Ao contrário do que que podem pensar algumas mulheres, os homens que pretendem exercer a profissão de educador de infância, não são mais “fracos” do que os outros que escolhem outro tipo de profissão. Escolhemos esta carreira profissional, pois à semelhança das mulheres, educadoras de infância, gostamos de crianças e queremos mediá-las ao longo da sua aprendizagem, tentando acrescentar algo de bom às suas vidas.

Ao longo do estágio, deparei-me com educadoras que têm a ideia de que os homens servem para trabalhos “pesados”, mudar lâmpadas, pendurar estores, carregar pesos. Servimos para fazer aquilo que “elas” (as mulheres), têm dificuldade em fazer.

Felizmente, nenhum dos cooperantes com quem tive o prazer de estagiar partilhavam dessa opinião, pelo contrário, sempre me encorajaram a continuar a provar que o pensamento descrito anteriormente, está errado.

Segundo Nóvoa (1992), o aprender contínuo é essencial, e concentra-se em dois pilares: na própria pessoa, como agente, e a escola como lugar de crescimento profissional permanente. Na opinião do autor, a formação continuada acontece de forma coletiva, e depende da experiência e da reflexão como instrumentos contínuos.

Ao longo do percurso como estagiário, e perante todos os estereótipos e preconceitos à volta do papel masculino, foi fundamental a reflexão contínua acerca da problemática. Para isso contribuiu o estágio de PES II, em contexto de 1º Ciclo do Ensino Básico, que me permitiu abordar este tema, tendo uma perspetiva diferente daquela que, até então, me tinha sido permitido observar.

A mudança de contexto e o estágio com um professor Homem, contribuiu de forma muito significativa, para que fizesse ainda mais sentido abordar este tema no relatório final de estágio.

Tal como afirma Nóvoa (1992) “a troca de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua” (p.14). Com isto pretendo demonstrar a forma como eu e o professor cooperante criámos uma relação de aprendizagem. Não só eu aprendi com ele, mas, o professor também se dispôs a aprender comigo. Para isso, foram fundamentais o diálogo e a constante reflexão acerca das nossas práticas pedagógicas.

O facto de dois homens estarem juntos dentro de uma sala, a aprender um com o outro, com a turma e a turma com cada um de nós, facultou-me toda a experiência que

procurava como estagiário. Aquela, que até então, não tinha conseguido adquirir. A que me faltava para completar as reflexões e desmistificar os próprios estereótipos e preconceitos, que eu próprio tinha, acerca do tema que abordamos neste relatório final.

Poder observar de que forma um homem gere uma sala de aula, quais as dinâmicas que promove, quais as estratégias que utiliza. Tudo isto foi fundamental para completar o meu percurso de estagiário.

Em termos de reflexão conjunta, e abordando mais uma vez o tema do papel masculino, o professor cooperante pensa que:

Nem todos os homens estão dispostos a fazer aquilo que precisa de ser feito. Eu também queria ter sido educador de infância, mas o meu avô queria que eu fosse médico. Se calhar por isso é que fui para professor e não para educador de infância. Já seria difícil dizer-lhe que queria ser professor, quanto mais se lhe disse-se que iria ser educador de infância. (Nota de Campo 5, fevereiro 2020)⁹

Desta forma, podemos constatar que todos os estereótipos e preconceitos alusivos aos homens nesta profissão, provêm de há muito tempo. Atualmente, os pensamentos preconcebidos e estereotipados continuam a predominar, como se fosse uma pandemia que contagia quase todos. Mesmo aqueles que pensam não estar infetados, quando se deparam com a situação, deixam-se influenciar:

Agora tenho muita facilidade em lidar e interagir com os outros, mas por alguma razão, não foi sempre assim. Antes de ir para Itália eu não era o mesmo. Não falava com ninguém, tinha vergonha de falar. Fazia de tudo para falar o menos possível com os outros. A forma que arranjei para me aproximar dos outros foi através de “gostos”. Se tu fosses de um clube e eu também fosse, se tu ias aquela loja e eu também ia, se comias num determinado restaurante e eu também o frequentava, era assim que as pessoas se davam a conhecer. Só assim. Tudo isto fazia com que criassem um género de tribos entre os professores, e isso era horrível. Na minha juventude também era assim. Para os outros eu era apenas o filho do meu pai, o irmão dos meus irmãos ou o neto do meu avô. As pessoas conheciam-me porque conheciam os meus familiares. Em Itália, foi a primeira vez que tive a oportunidade de ser o AL. Sem rede, sem seguranças. Tinha obrigatoriamente de falar com as pessoas, dar-me a conhecer para que conseguisse integrar-me. Quando eu voltei para Portugal era outro, nem a minha

⁹ Todas as notas de campo presentes neste relatório foram retiradas nos estágios da PES I e PES II

família me reconhecia. De repente, o homem que não falava e que fazia de tudo para não falar, era o porta-voz da Drell. (Nota de Campo 6, fevereiro 2020)¹⁰

Tal como relatado pelo professor cooperante, que pensava ser diferente dos demais, foi preciso outro tipo de experiências para que refletisse sobre quem realmente era e quem realmente queria ser.

No meu caso, foi preciso o estágio da PES II, para que eu próprio soubesse o que realmente quero, que profissional quero ser dentro da educação e de que forma quero fazer a diferença.

Posto isto, posso afirmar que no processo de formação dos educadores/professores, os estágios profissionalizantes são essenciais no processo de evolução e formação de cada um de nós, no sentido em que, a partir deles, para além de contactarmos com a prática, temos a oportunidade de refletir sobre *que tipo de docente pretendemos ser?, de que forma vamos interagir com os colegas e estudantes?, que metodologias/métodos vamos utilizar?* Tudo isto a partir da observação, do diálogo e da relação de cooperação que criamos com os orientadores cooperantes e com as turmas com as quais trabalhamos.

Tal como afirmam Simões e Simões (1997). “a formação não deve constituir um mero veículo de transmissão de conhecimentos e de técnicas de teor estritamente restrito, mas ser encarada como uma função educativa ao nível do processo global de desenvolvimento” (p.48).

1.4. Caracterização do grupo

PES I – Educação Pré-escolar

O grupo de estágio em contexto Pré-escolar, é composto por dezoito crianças, nove raparigas e nove rapazes. Nenhuma delas frequentou o pré-escolar anteriormente, mas todas frequentavam a instituição no ano anterior, tendo transitado para o pré-escolar, “trazendo” com elas, como referência do grupo, a auxiliar da sala. Na minha opinião este fator contribui de forma positiva para a integração das crianças ao novo contexto, já que para Ferreira e Sarmiento (2008), o conhecimento prévio da instituição poderá ter ganhos a curto prazo.

¹⁰ idem

O grupo revela capacidade de aprendizagem, mas evidencia muita imaturidade e falta de autonomia e responsabilidade. Algumas das crianças do grupo, revelam dificuldades em termos de linguagem de acordo com a faixa etária em que se encontram, exprimindo oralmente apenas as suas necessidades básicas e palavras corriqueiras que lhes transmitem segurança, como por exemplo “pai” e “mãe”.

Contudo, segundo Piaget (1936), a imaturidade evidenciada pelo grupo é característica da faixa etária em que se encontra, já que segundo o mesmo, o grupo encontra-se no estágio pré-operatório (3/7 anos), onde as crianças evidenciam uma atitude egocêntrica, ou seja, o mundo gira em torno de si e para si, tendo assim a sua concepção da realidade.

Já na opinião de Wallon (1925), os grupos de pré-escolar dos (3/4 anos) encontram-se na fase projetiva, onde se evidencia o simbolismo apesar de ligado aos atos motores e na fase pré-lógica (5/7 anos) onde se dão grandes mudanças do organismo e do psiquismo.

Ao longo do estágio, as crianças demonstraram interesse nas atividades promovidas, evidenciando motivação para a aprendizagem e interesse em explorar novos temas e materiais.

O grupo demonstra coesão e ajuda entre si. No meu ponto de vista, este fator é fruto dos anos que passaram juntos nos contextos anteriores, pois quase todas as crianças deste grupo frequentaram juntas o berçário e a sala de um e dois anos.

Devido à mudança de educadora, as crianças estão a adaptar-se a uma nova forma de trabalhar, de observar o mundo e todas as suas possibilidades. O processo de adaptação a uma nova metodologia, aliado a um novo contexto, o pré-escolar, provoca por vezes, em algumas crianças, sentimentos de insegurança, que podem desmotivar as mesmas no seu envolvimento ativo no processo de ensino-aprendizagem.

O grupo demonstra gosto em trabalhar em conjunto, pois a maior parte das discussões e reflexões são realizadas em grupo. Existem duas crianças que se destacam pela sua facilidade em comunicar e expressar opiniões e ideias, sendo que, na maioria das vezes, são eles que iniciam a discussão de opiniões no grupo.

Em relação à alimentação, as crianças comem autonomamente, utilizando apenas a colher, mas foi possível observar o esforço da educadora para as motivar a comer de faca e garfo.

Pude ainda atestar, que as crianças demonstram grande afetividade com os adultos responsáveis, revelando gosto em estar juntos dos mesmos e brincar, imitando diálogos e trabalhos realizados pelos “crescidos”.

Como nos diz Vigotsky (1987) os comportamentos das crianças nesta valência, assentam nos processos biológicos e nas funções psicológicas e ambos se encontram interligados. A criança aprende através da imitação, a aquisição da linguagem permite-lhes expressarem-se, resolvendo problemas pelo diálogo com a ajuda dos adultos, ou pelos seus pares com mais experiência.

PES II – Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

O grupo de estágio em 1º Ciclo é composto por 25 crianças, 14 rapazes e 11 raparigas. À exceção de quatro alunos, todas as crianças frequentavam no ano anterior a mesma escola, sendo que duas das exceções são alunos oriundos de outros países, nomeadamente do Nepal e que, neste momento, estão com plano de acompanhamento. Os outros dois casos, referem-se a alunos repetentes ou com adiamento escolar. É importante realçar que o professor titular também se alterou do ano passado para este, sendo que a turma tinha tido a mesma professora até ao 3º ano que, este ano, por motivos profissionais, teve de deixar a turma.

O grupo revela capacidade de aprendizagem, maturidade e autonomia. Algumas das crianças do grupo, revelam capacidades que vão além do ano de escolaridade em que se encontram, evidenciando total domínio das matérias e dos processos de resolução de problemas ou questões. A turma demonstra interesse para a exploração de novos materiais e diferentes projetos, sendo visível o interesse corrente das crianças em querer descobrir sempre mais.

A maturidade que o grupo evidencia, culmina numa enorme coesão, entreajuda e solidariedade entre todos os elementos. Na minha opinião, este fator pode ser fruto dos anos que passaram juntos, mas também do tipo de experiências e contextos educativos em que estão inseridos, sendo próprio da escola promover os valores evidenciados pela turma. Pude ainda comprovar, que alguns dos valores evidenciados pela turma, derivam igualmente dos processos de ensino-aprendizagem em que a turma está inserida, nomeadamente trabalhos que estimulam a cooperação e autonomia de cada aluno.

Em relação aos métodos de trabalho do grupo, os elementos participam de forma ativa nas suas próprias aprendizagens, onde o professor as estimula e encoraja a pensar e refletir sobre os seus interesses e aprendizagens.

Segundo a minha observação e experiência ao longo do estágio, alguns elementos do grupo destacam-se pela facilidade em comunicar com os demais. Existem duas crianças que não falam português e estão num processo de adaptação, não só à turma, mas ao próprio país. Contudo, as mesmas estão a adaptar-se muito bem, sendo notória a ligação de amizade com os restantes colegas. Em termos de comunicação com estes alunos, o professor tenta sempre que possível, traduzir para inglês tudo o que diz.

A nível de competências psicomotoras, o grupo beneficia muito do vasto espaço de recreio, que possui ótimas condições para realizar qualquer tipo de brincadeira ou atividade.

Em relação à rotina, esta é imposta por um horário que compartimenta as áreas e dispõe-as de forma a que cada uma tenha o seu tempo e lugar. Contudo, devido às metodologias utilizadas pelo professor e à dinâmica que “imprime” dentro da sala de aula, faz com que esqueçamos o horário. O trabalho de forma interdisciplinar forma-se quase inexplicavelmente devido ao encadeamento das atividades propostas, promovendo desta forma, a reflexão, autonomia e cooperação entre os estudantes.

A turma pauta o seu trabalho pela entajuda, partilha de conhecimentos e motivação para as aprendizagens, assumindo o professor o papel de mediador de aprendizagens, guiando-as por caminhos de descoberta de novos conhecimentos e experiências, de tal forma, que podemos trabalhar simultaneamente várias áreas do saber.

Neste tipo de aprendizagem, as crianças tornam-se os principais intervenientes na construção dos seus conhecimentos e na exploração de novos conteúdos, desenvolvendo uma nova atitude perante o ato de aprender. Lopes e Silva (2009) são da opinião de que o trabalho realizado pelas crianças no ensino tradicional, não lhes permite experienciar o trabalho em cooperação, de partilha e de responsabilidades, e não lhes possibilita a construção de relações positivas entre os elementos do grupo, ao contrário da aprendizagem cooperativa, que tal como referem Freitas e Freitas (2003), agrega conteúdos programáticos, conhecimentos e competências sociais que não são desenvolvidas nas aulas de ensino tradicionais.

Partilhando da mesma opinião, Pujólas (2001, citado por Fontes & Freixo, 2004), defende que a cooperação serve como um recurso que respeita a diversidade dos alunos da turma, favorecendo uma aprendizagem distinta do ensino tradicional, que só pode existir com cooperação e entajuda entre os alunos, existindo um distanciamento da aprendizagem individualista e competitiva presente no ensino tradicional.

A existência destas rotinas, faz com que cada criança se envolva de forma ativa com o meio, e tal como afirma Rodrigues (2009):

A aprendizagem acontece através da interação, na relação com os objetos físicos, entre o pensamento e a experiência, entre o adulto e a criança e, entre a criança e os seus iguais, num processo integrado com o mundo do qual a criança faz parte. (p.99)

1.4.1. Relação dos grupos de estágio com o masculino

Sobre a postura e relação das crianças perante o género masculino, em ambos os estágios, não senti quaisquer dificuldades ou desigualdades na relação e empatia com os grupos. Pelo contrário, consegui criar grande aproximação afetiva com as crianças. Por outro lado, consegui também que os grupos confiassem em mim na aquisição e mediação de novos conhecimentos e aprendizagens.

Atualmente, o homem educador de infância, pode ser considerado, em alguns casos, o “bicho-papão” no meio de crianças e de mulheres profissionais de educação que promovem os seus contextos educativos.

Contudo, com referência à experiência nos dois contextos de estágio, cabe a cada um de nós, homens educadores/professores fazer com que as pessoas mudem a sua opinião. O pensamento de que o homem seja desprovido de características fundamentais ao desempenho da profissão, que nas suas mentes, apenas as mulheres podem alcançar, tem de ser ultrapassado.

De salientar que, no contexto de 1º Ciclo, é notória a proximidade da turma com o professor. Já no caso do Pré-escolar, toda a equipa da sala são mulheres, mas nem mesmo esse fator foi uma desvantagem para mim. Pelo contrário, senti que sendo homem as crianças tinham mais curiosidade em tudo aquilo que era promovido por mim, e em todas as atividades e brincadeiras que me envolviam. Para isso contribuiu o meu tom de voz, a minha postura corporal e o simples facto de ser homem.

Um homem a pintar as unhas, a pentear o cabelo, a arrumar a cozinha, são para a generalidade das pessoas, tarefas ou brincadeiras associadas ao género feminino. Na minha opinião, não devemos associar essas brincadeiras/tarefas a nenhum dos géneros. Como educador/professor, penso que qualquer homem é capaz de se envolver nas brincadeiras e atividades das crianças.

Atualmente, os indivíduos assumem os seus papéis sociais de uma forma “natural”, dando origem a um pensamento dicotómico, que segundo Ferreira (1999), contribui para que homens e mulheres se remetam a categorias mutuamente exclusivas:

Na época actual a construção das identidades (tanto masculinas como femininas) está em primeiro plano em relação à igualdade (...) interessa-nos realçar as diferenças e vivê-las de modo a que cada sexo alcance a sua realização a partir das potencialidades próprias. É preciso (...) a vivência plena de uma pedagogia da diferença, que aceita a diversidade de tratamento para assegurar a justiça.
(p.104-106)

No entanto, depois do contacto com os grupos de estágio, penso que os educadores e professores têm a capacidade de desmistificar e desconstruir a existência de um modo de ser masculino e feminino. Com ambos os grupos, existiram situações, em que as “naturezas” femininas e masculinas poderiam ter sido postas em causa, mas em nenhuma ocasião, existiu essa categorização por parte de alunos e profissionais. Perante todas e quaisquer diferenças que pudessem existir, os estereótipos de género não influenciaram, na medida em que meninos e meninas podem ser e agir da forma que lhes é mais confortável.

Parte II – Enquadramento Teórico - Estudo Empírico

2.1. Educador de Infância e Educação de Infância – A evolução em Portugal

De forma a dar resposta à problemática desta investigação, penso ser importante definir as diretrizes do profissional de educação de infância, compreendendo se a definição do mesmo está ou não, associada a algum género.

De acordo com Margalha (2009), a denominação do profissional de educador de infância só foi formalizada após o 25 de Abril de 1974, pois, até então, durante o Estado Novo, o género masculino foi impedido de realizar atividades profissionais consideradas caracteristicamente femininas.

Segundo Cardona (1997), o primeiro educador de infância do género masculino em Portugal, formou-se há quarenta anos atrás, e nessa altura, segundo Vasconcelos (2004), “a sociedade em geral pensava que a nossa profissão se destinava a jovens do sexo feminino que estavam à espera de criar a sua própria família ou que não sabiam fazer mais nada” (p. 110).

Tal como a autora, muitos pensavam que se iria assistir a uma reviravolta na profissão de educadores de infância, havendo um aumento de profissionais do género masculino. Porém, essa situação não se verificou.

De acordo com o relatório "Educação em números 2019", da Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência, a taxa de feminização na Educação Pré-escolar em Portugal é de 99%, sendo que, de um total de 16065, apenas 157 são educadores do género masculino.

Na opinião de Sarmiento (2002), atualmente, a opinião da maioria é a de que esta profissão está associada ao género feminino e às características estereotipadas que lhe estão associadas. Porém, atualmente, nenhuma das diretrizes institucionais, excluem o sexo masculino do desempenho desta função.

Todavia, as mudanças com maior impacto na educação de infância, verificaram-se nos últimos quinze anos, no âmbito da organização e gestão curricular e da formação inicial.

Para isso, em 1997, o Estado Português criou uma Rede Nacional de Estabelecimentos de Educação Pré-Escolar, de forma a garantir igualdade de acesso à educação a todas as crianças (Decreto-Lei n.º 147/97). No seguimento e ainda nesse ano, foram apresentadas, pelo Ministério da Educação (1997), as OCEPE - Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, com “pontos de apoio para a prática

pedagógica dos educadores”. A intencionalidade do processo educativo passa a estar definida e caracterizada por etapas interligadas e com intencionalidade educativa “que decorre do processo reflexivo de observação, planeamento, ação e avaliação desenvolvido pelo educador, de forma a adequar a sua prática às necessidades das crianças” (p.14).

É nesse contexto que a educação das crianças em idade pré-escolar passa a ser vista como o oposto de assistência, pois, até então, por falta de legislação, algumas escolas trabalhavam com a função somente de guardar e cuidar das crianças sem a obrigatoriedade de um trabalho pedagogicamente orientado.

Em consequência das medidas tomadas pelo Estado, encetou-se uma posição onde a educação das crianças em idade inicial era algo necessário e essencial ao seu plano de desenvolvimento. Segundo a Lei Quadro da Educação Pré-escolar (1997):

A educação pré-escolar é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da ação educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita cooperação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário. (Art.º 2, p.670)

Desta forma, as instituições de pré-escolar passaram a ser um espaço para o desenvolvimento integral, biopsicossocial¹¹ e emocional, em que devem estar inseridos profissionais tecnicamente habilitados para conduzir as atividades, que levem a criança a desenvolver-se de acordo com as especialidades desta idade.

Quanto à questão da formação dos profissionais desta valência, no mesmo ano em que o estado criou a Rede Nacional de Estabelecimentos em contexto Pré-escolar, segundo Mesquita-Pires (2007), passou a ser exigido o grau de licenciatura a todos os educadores de infância.

Em consequência de todas estas mudanças, determinaram-se ainda as competências profissionais exigidas aos profissionais educadores de infância, através da promulgação do Perfil Geral e os Perfis Específicos para os Educadores de Infância e Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico (Decreto-Lei n.º 240/2001 e Decreto-Lei n.º 241/2001).

Nestes decretos, o Estado equipara o educador de infância às restantes carreiras docentes, define o seu público-alvo (dos 0 aos 6 anos) e a ação dos educadores de

¹¹ Significa que existem influências biológicas, psicológicas e sociais para a formação do indivíduo.

infância dividindo-a em três âmbitos: gestão do ambiente educativo; observação, planificação e avaliação; relação e ação educativa. Por último, integra o currículo com a ação educativa, clarificando que o educador deve mobilizar o conhecimento e as competências necessárias ao desenvolvimento integral da criança, no âmbito de três áreas principais: expressão e comunicação; conhecimento do mundo; formação pessoal e social.

2.2. Identidade – Um conceito na educação de infância

Ao longo dos anos, vários investigadores têm apresentado especificidades dos profissionais de educação de infância, no sentido de os distinguir dos demais docentes. Contudo, antes de abordarmos as competências atribuídas aos educadores de infância, devemos debruçarmo-nos sobre o que se entende por Identidade.

Para Nóvoa (2000), “a identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e de conflitos, é um espaço de construção de maneiras de estar na profissão.” (p.16)

Na opinião de Giddens (2004), podemos defini-la como sendo um conjunto de “características distintivas de uma pessoa ou o carácter de um grupo que se relaciona com o que eles são e com o que tem sentido para eles” (p.694). Na opinião do mesmo autor (2004, citado por Oliveira, 2012), existem pontos que definem a identidade de um grupo: “o sexo, a orientação sexual, a nacionalidade ou etnicidade e a classe social.” (p.24)

Dando especial enfoque ao género, para Cortez (2015) podemos definir a identidade como sendo algo que “surge como um conjunto de fluídos individuais de sentidos múltiplos e sistema de condutas, que construímos a partir de valores, imagens e normativas do tecido social envolvente” (p.25).

Neste sentido, podemos denotar que o autor realça a importância do tecido social envolvente, que neste caso, se define pelos principais intervenientes educativos, como os docentes, as crianças, as famílias, o pessoal não docente, entre outros. Nesta perspetiva, podemos então concluir que, a identidade do educador e de qualquer outro profissional, está em constante mudança e tem influência externa, podendo essa influência derivar do meio e dos intervenientes do próprio contexto.

Com a mesma opinião, Sarmiento (2009) defende que a definição da identidade de cada um de nós depende da “dinâmica constante entre o eu e os outros” (p.49).

Porém, segundo o autor citado anteriormente, a identidade dos profissionais educadores de infância é definida pela relação pedagógica que o profissional constrói com as crianças, sendo que essa relação pode alterar consoante o indivíduo em questão.

Relacionando a questão de identidade com a escolha da profissão de educadores de infância pelo género masculino, é interessante analisarmos ainda a opinião de Sarmiento (2004) em relação ao processo de formação da identidade profissional destes profissionais: “em primeiro lugar, é preciso querer ser educador de infância; depois tem que se sustentar a ação pedagógica em saberes específicos e, por último tem que se ativar um contínuo processo de reflexão sobre a ação profissional” (p.61). O mesmo autor refere ainda que a escolha da profissão de educador de infância, pelo género masculino e feminino, é a mesma. Sendo que, independentemente do género do educador, a base da escolha está no gosto por crianças. Porém, no caso dos homens, estes têm de possuir convicções mais fortes, pois terão de lidar com as pressões sociais e os confrontos que daí poderão decorrer.

Numa perspetiva pessoal, como referido no primeiro capítulo deste relatório, a escolha desta profissão surgiu há alguns anos, sendo que o gosto por crianças e pelos contextos envolventes da profissão foram o sustentáculo da minha escolha. No que toca à relação com as crianças, na minha opinião, consigo facilmente relacionar-me com elas e criar laços de empatia fortes e duradouras. Assim, posso afirmar, que me sinto no mesmo patamar do que as educadoras do género feminino, sendo capaz de realizar igualmente, ou melhor, o meu trabalho como futuro educador/professor.

2.3. Representação das competências dos educadores de infância

Depois de abordarmos o conceito de identidade e de nos debruçarmos sobre as razões que podem levar à escolha da profissão de educador de infância, torna-se pertinente aprofundar as competências incutidas aos educadores de infância e perceber se essas são limitadores na escolha da profissão por parte de algum dos géneros.

Segundo Cró (1998), é possível sistematizar as competências do educador em torno de quatro categorias: i) competência de observação; ii) – competência de planificação; iii) – competência de adaptação e intervenção; e iv) – competência de controlo e de regulação pedagógica.

Para Formosinho (1998, citado por Correia, 2007), a profissão de educadores de infância apresenta algumas especificidades. Em primeiro lugar, o público-alvo com que

o educador trabalha, onde a criança aprende de forma holística¹², e o seu atendimento às necessidades específicas da criança consoante o nível de desenvolvimento. O contexto de trabalho, como fator que influencia o bem-estar e o prestígio profissional. As características do processo e das tarefas dos educadores que se distinguem pela sua amplitude e singularidade e pela importância dada às relações estabelecidas, quer com as crianças, quer com as famílias e outros profissionais. E por fim, as características do educador de infância construídas historicamente e alicerçadas a estereótipos de feminização.

Já para Correia (2007), existem cinco características que distinguem a atuação do educador:

1. Funções amplas de atendimento à criança, que ultrapassam as funções atribuídas noutros níveis de ensino;
 2. Práticas pedagógicas que privilegiam os espaços lúdicos e o jogo na aprendizagem (...), na preocupação em proporcionar às crianças e famílias aprendizagens que partam do real, do concreto e não do abstrato;
 3. Contextos de trabalho, muito diversificados;
 4. Públicos com que o educador trabalha: crianças e famílias, que solicitam um investimento complexo, tendo em consideração os valores e cultura da comunidade em que está inserido;
 5. Representações sociais que o próprio educador tem do seu trabalho, a importância que atribuem à sua prática profissional, a diferenciação que fazem dos outros professores, recusando assumirem funções ensinantes.
- (p.10)

Sarmiento (2004, citado por Sarmiento, 2015) acrescenta ainda alguns aspetos que caracterizam o trabalho e a profissionalidade na educação de infância:

1. O trabalho das educadoras desenvolve-se principalmente e prioritariamente com as crianças pequenas;
2. O trabalho com as crianças implica o envolvimento dos pais e de outros parceiros educativos;
3. A capacidade de relação é comumente apontada como o recurso principal para se trabalhar adequadamente com as crianças, implicando esta algumas

¹² Procura compreender os fenómenos na sua totalidade e globalidade.

características principais, tais como a cordialidade, a empatia, a originalidade e a capacidade de ruptura com o formalismo;

4. O posicionalíssimo dos especialistas do humano, em que se inserem as educadoras de infância, requer competências múltiplas que integram os quatros pilares da educação: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser;
 5. Um trabalho de qualidade implica uma forte implicação pessoal;
 6. A responsabilidade profissional tem uma componente ética fundamental.
- (p.70)

Em suma, Sarmiento (2004, citado por Margalha, 2009), elabora uma sistematização das características dos profissionais de educação de infância: trabalham com crianças cuja faixa etária pode ir dos 3 meses aos 6 anos; a sua actividade está associada às acções assistenciais e maternais em contexto histórico; desempenham funções sociais e pedagógicas; actuam profissionalmente em diversificação de contextos; estão ligados a áreas tutelares diferenciadas, conforme o seu contexto de desempenho (Ministério da Educação/ Segurança Social); possuem formação académica especializada na sua generalidade; concebem, desenvolvem e planificam o currículo; proporcionam oportunidades significativas de aprendizagem e desenvolvimento; norteiam-se por princípios éticos e deontológicos. (p.18)

Podemos então concluir que, atualmente, depois da implementação de várias medidas de organização e definição do trabalho dos educadores de infância, quer por parte do estado, quer por variados investigadores, existe um consenso no campo educacional, de que o docente responsável pela formação inicial das crianças, deve ser especialmente qualificado, não só de um determinado nível de ensino, como de características específicas. Porém, nenhum deles afirma que tais competências sejam características de um determinado género, mesmo apesar de um dos autores enunciados anteriormente, se referir à globalidade dos educadores de infância no feminino.

Desta forma e refletindo sobre as características enunciadas pelos autores para o desempenho da profissão docente, podemos assim concluir, que homens e mulheres se encontram no mesmo patamar para o desempenho desta profissão.

2.4. O Género Masculino na Educação de Infância

Após analisarmos a identidade e as competências inculcadas aos educadores de infância, iremos agora abordar especificamente o género masculino na educação de infância.

Para Cortez (2015):

A construção da identidade profissional traduz-se na escolha de uma profissão e na trajetória do indivíduo capaz de atribuir um sentido e uma função social à sua vida, ocupando um papel na estrutura sociocultural e num sistema de relações interpessoais. (p.48)

Ainda na opinião do mesmo, a posição individual e a escolha profissional de cada um de nós “tem subjacente um conjunto de múltiplos fatores endógenos e exógenos que implicam uma rede de relações sociais e culturais, envolvendo constrangimentos, representações, decisões e aspirações, proporcionando lógicas diferenciadas neste processo de construção.” (p.48)

Em relação ao género masculino na profissão de educador de infância, continuamos a verificar uma enorme diferença ao nível do número de profissionais masculinos e femininos. Para Cavaco (1993, citado por Cortez, 2015), esse desnível é justificado pelo envolvimento social, que segundo o autor, “exige ao homem um comportamento profissional mais empenhado; impõe-lhe uma imagem de certo distanciamento familiar.” (p.55)

Este facto pode favorecer a existência de conflitos de papéis sociais, na medida em que a docência ligada aos primeiros anos de vida, continua a pertencer essencialmente às mulheres. Porém, podemos constatar algumas mudanças que podem estar a contribuir para a mudança deste paradigma na sociedade, como por exemplo o alargamento das licenças parentais, que atualmente, segundo o artigo. 69 do código de trabalho, referente à licença por paternidade, os pais (homens) têm direito até 20 dias úteis de licença.

No caso dos docentes, na opinião de Torres (2002), existem alguns sinais de que o género masculino pode ter iniciado um retrocesso no processo de feminização:

Para os homens a aposta identitária no trabalho continua a ser decisiva e significa, nalguns casos, a demonstração fundamental da capacidade de sustentar a família, enquanto noutros representa a aposta em que se joga mais a realização profissional, a individualidade e as qualidades intrínsecas da profissão. (...) Nos

homens mais jovens (...) existe uma maior sensibilidade para diminuir a distância entre territórios familiares e os profissionais (...). (p.600-601)

Considero, enquanto interveniente desta problemática, não só pelo meu género, mas também pelo facto de pretender ser educador de infância, que é necessário mais profissionais do género masculino na educação.

Sargent (2004, citado por Oliveira, 2012), lembra a necessidade de mudar a imagem do ensino, passando a revestir-se de imagens positivas acerca do trabalho dos homens com crianças e pela existência de mais modelos profissionais. O mesmo autor é da opinião de que é a obrigação das escolas dar início à inclusão de mais homens na educação, sensibilizando as famílias e os funcionários para a capacidade dos homens assumirem tarefas na educação das crianças. Só assim poderemos, num futuro próximo, ter mais homens interessados por esta profissão.

Todos os estereótipos e preconceitos criados em volta do papel masculino como docente nos primeiros anos de vida, estão a retirar a vontade do género masculino envergar por esta profissão.

Margalha (2009) realça que a presença masculina nos primeiros níveis de ensino é ainda bastante inferior à presença de profissionais femininas. Segundo a autora, a presença de homens da educação de infância “é, assim, um acontecimento raro e olhado pela maior parte dos pais com alguma desconfiança” (p. 20). A mesma autora, refere ainda no estudo que elaborou sobre esta temática, que a profissão de educador de infância, está muito ligada às questões da feminidade, referindo por um lado, a influência dos estereótipos de género na escolha profissional e por outro lado, a percepção de que a escolha desta profissão não é incentivada por parte do sistema educativo português, aos jovens do género masculino.

Referindo-me concretamente aos estereótipos enfatizados pela autora, Cunha (2001) afirma que “parece existir maior satisfação dos clientes quando os empregados são do género esperado em funções habitualmente estereotipadas para um determinado género” (p.35). Porém, Sundqvist (1998, citado por Cortez, 2015) afirma que uma das figuras que mais preconceitos tem em relação aos educadores de infância são os pais (homens), sendo que, apesar do primeiro impacto com o educador homem ser negativo, “*the fathers liked to meet the men (...) and sometimes they found themselves involved in a soccer discussion, but they also talk about the children’s playground (...)*” (p.81). A partir desta afirmação, podemos constatar que os estereótipos que se evidenciam pelas famílias são, na maior parte dos casos, infundamentados e despropositados, sendo que é

preciso que todos os intervenientes educativos confiem no trabalho dos profissionais masculinos, assim como demonstram confiar no trabalho das educadoras do género feminino.

Com isto, podemos concluir que é necessário mudar mentalidades. É preciso que existam mudanças quanto ao facto de a sociedade associar a educação de infância às competências alusivas às mulheres. O género masculino tem capacidades para promover de igual forma todo o tipo de aprendizagens que são viabilizadas pelas mulheres, educadoras de infância. Entendo essa mudança como sendo essencial para um processo de transformação que favorecerá a sociedade, mas também as próprias crianças e estudantes. Na opinião de Moss (2002, citado por Cortez, 2015) *“If schools are places where children learn to construct their gender role (...) then a range of non-stereotypical and positive teacher role models (or femininities and masculinities) should be available for children to experience.”* (p.81)

A mudança iniciou-se já noutros contextos, sendo que a mais evidente se verifica no plano familiar, onde, segundo Segalen (1999) *“a função educativa familiar desmultiplicou-se, diversificou-se e tornou-se mais complexa nos últimos vinte anos”* (p.196), acrescentando ainda que *“a distribuição sexual dos papéis está a enfraquecer com o pai partilhando mais as tarefas familiares e com as mulheres envolvidas no mercado do trabalho”*. (p.226)

Docentes do sexo feminino, escolas de formação de educadores de infância, famílias, entre outros: é importante perceber e entender a importância que o papel masculino tem e pode ter nas nossas crianças e nas percepções que podem emergir das questões sobre género.

Na opinião de Cabral (1995, citado por Cortez, 2015):

Há toda uma cultura que urge mudar, e uma cultura não se muda por decreto nem por imposição. Qualquer processo de mudança é sempre um processo de transformação de pessoas. Não chega por isso formar. É preciso transformar. (...) só os processos de transformação alteram a realidade. (p.72)

Entende-se então esta *“transformação”* como sendo essencial num processo de transformação de indivíduos, do ensino em vigor, de uma cultura e dos preconceitos e estereótipos da nossa sociedade.

Parte III – Metodologia de Investigação

3.1. Objeto de estudo

Tendo em conta a importância dada ao caminho a ser percorrido na escolha do objeto de estudo e instrumentos de pesquisa, penso que só se torna possível tirar conclusões válidas de uma investigação, se o investigador utilizar instrumentos válidos para a sua sustentação.

Na opinião de Duarte (2002, citado por Alves, 2012), descrever a forma como se leva a cabo, ou se constrói uma pesquisa, mais do que cumprir uma formalidade, oferece a outros a possibilidade de fazer ou refazer o mesmo trajeto, tendo em conta que esses terão um maior suporte para nortear o seu caminho ao longo da investigação.

Não se pode afirmar que existe um método melhor que outro, mas tenho sempre em mente que existe aquele que melhor se adequa ao nosso objeto de investigação.

Todavia, podemos afirmar que o sucesso de uma pesquisa está relacionado com o envolvimento do pesquisador com o seu objeto, bem como à sua escolha de recolha de dados que o levarão posteriormente a atingir os objetivos e a retirar conclusões.

Em relação à afirmação anterior, Afonso (2005) afirma que “a primeira etapa do percurso de construção de um projecto de investigação é constituída pela própria experiência e vivência pessoal e profissional do investigador” (p.48). Desta forma, o ponto de partida para a definição do problema é, assim, fruto da vivência pessoal do investigador e, por isso, reflete os seus valores, crenças, interesses, representações e talvez, preconceitos.

Para Tuckman (2000) a investigação serve para o investigador encontrar respostas às questões que se levantaram. Essas respostas podem ser caracterizadas como abstratas e gerais ou concretas e específicas. Dessa forma, o investigador tira as suas conclusões com base nas descobertas ao longo do estudo. Assim, a investigação em educação pode surgir de uma necessidade de dar respostas a questões levantadas, que podem ter sido observadas ou experienciadas pelo investigador.

Ora, de acordo com todas as dúvidas e inquietações vividas por mim ao longo do meu percurso pessoal, profissional e académico, este estudo visa compreender *em que medida, o género do educador de infância, influencia a sua prática profissional*, partindo de algumas questões principais:

1. Será que pelo facto de ser homem, não posso desempenhar a profissão de educador/professor, com a mesma, ou melhor competência que as mulheres?

2. Será que a relação entre um educador do género masculino e as crianças pode ser tão boa, ou melhor do que com as docentes do género feminino?

Este estudo visa ainda contribuir para a desconstrução de ideias pré-concebidas em relação aos homens, educadores de infância/professores e/ou, profissionais de educação do género masculino, como auxiliares de ação educativa.

3.2. Tipo de estudo

Sendo este um estudo empírico, é importante refletir, em primeiro lugar, sobre as características que um estudo dessa natureza apresenta. Neste contexto, Eichelberger (1989, citado por Afonso, 2005), defende que uma investigação de carácter empírico, primará “pela recolha (...) de informação para descrever tão rigorosamente quanto possível” (p. 21), os aspetos que se pretendem apurar.

Durante o percurso investigativo deste trabalho, foi utilizada uma abordagem qualitativa e quantitativa, culminando numa abordagem investigativa mista, sendo que, dentro destas abordagens, foram utilizadas diversas técnicas de recolha de dados, já que segundo Matos (2014), no que às técnicas diz respeito, é importante que se utilize mais do que uma. Segundo o mesmo autor, recolher informação utilizando mais do que uma técnica, permite combinar os seus resultados, obtendo dessa forma, uma visão mais pormenorizada acerca do estudo.

Assim, foram utilizadas técnicas como: a observação direta e participativa, notas de campo, inquéritos por questionários e entrevistas semiestruturadas, sendo estas últimas fundamentais para a perceção das conceções acerca do educador homem na educação de infância.

3.2.1. Metodologia qualitativa e quantitativa

No que diz respeito à metodologia qualitativa, segundo Carmo e Ferreira (1998), a mesma “postula uma concepção global fenomenológica, indutiva, estruturalista, subjectiva e orientada para o progresso” (p.177).

Já segundo Afonso (2005), quando se utiliza a metodologia qualitativa, o investigador “preocupa-se com a recolha de informação fiável e sistemática sobre

aspectos específicos da realidade (...) usando procedimentos empíricos com o intuito de gerar e inter-relacionar conceitos que permitam interpretar essa realidade” (p. 14).

Segundo Fortin (1999, citado por Seco, 2015), “ao utilizar um método qualitativo, o investigador está mais preocupado em observar, descrever, interpretar e apreciar o fenómeno em estudo e o contexto.” (p.26)

Na opinião de Bogdan e Biklen (1994), a metodologia qualitativa foca principalmente procedimentos interpretativos. Os mesmos autores definem “investigação qualitativa” como um termo genérico, onde estão incluídas estratégias de investigação com determinadas características. Ainda segundo os mesmos, os dados recolhidos durante uma investigação qualitativa são determinados por qualitativos, o que significa que são ricos em “pormenores descritivos, relativamente a pessoas, locais e conversas sendo de complexo tratamento estatístico. As questões a investigar (...) são formuladas com o objetivo de investigar os fenómenos em toda a sua complexidade e em contexto natural” (p.16).

Segundo Coutinho (2011), a investigação qualitativa assenta no método indutivo ao nível metodológico “porque o investigador pretende desvendar a intenção, o propósito da ação, estudando-a na sua própria posição significativa, isto é, o significado tem um valor enquanto inserido nesse contexto” (p.28).

Resumindo, Bogdan e Biklen (1994) enumeram cinco características da investigação qualitativa e interpretativa:

- (i) maior interesse pelo processo que nos resultados ou produtos; (ii) tem carácter descritivo; (iii) a valorização do ambiente natural que é a fonte direta de dados; (iv) os dados são analisados de forma indutiva; (v) para o investigador é excessivamente importante o significado em que as pessoas dão às suas vidas.
- (p.50)

Contudo, neste relatório foram utilizadas duas metodologias de investigação, posicionando este estudo no âmbito de uma abordagem mista, embora tenha um pendor de uma investigação mais qualitativa e descritiva, pois o que se pretende é desenvolver um estudo exploratório, sem a generalização dos resultados a outros contextos para além do universo estudado.

Todavia, é importante que o investigador considere várias abordagens de investigação para validar o seu estudo. A relação entre metodologias reflete de melhor

forma a realidade da problemática estudada, embora saiba que têm uma essência distinta.

Segundo Bell (2008), os investigadores quantitativos recolhem os factos e estudam a relação entre eles, enquanto os investigadores qualitativos estão mais interessados em compreender as percepções individuais do mundo. Estes últimos procuram compreensão, em vez de análise estatística. Contudo, “há ocasiões em que os investigadores qualitativos recorrem a técnicas quantitativas, e vice-versa” (Bell, 2008, p.15).

Na opinião de Shaffer e Serlin (2004, citado por Morais & Neves, 2007), as duas metodologias de investigação, quantitativa e qualitativa, são frequentemente retratadas como paradigmas distintos e incompatíveis em investigação educacional. No entanto, podemos averiguar que diferentes métodos de análise são úteis porque atribuem cunhos diferentes às questões.

Os mesmos autores defendem ainda que:

Os métodos qualitativos e quantitativos são, em última análise, métodos para garantir a apresentação de uma amostra adequada. Ambos constituem tentativas para projectar um conjunto finito de informação para uma população mais ampla: uma população de indivíduos no caso do típico inquérito quantitativo, ou uma colecção de observações na análise qualitativa. [...] O objectivo em qualquer análise é adequar a técnica à inferência, a afirmação à comprovação. As questões que se colocam a um investigador são sempre: Que questões merecem ser levantadas nesta situação? Que dados poderão lançar luz sobre estas questões? E que métodos analíticos poderão garantir afirmações, baseadas em dados, sobre aquelas questões? Responder a estas questões é uma tarefa que envolve necessariamente uma profunda compreensão das potencialidades e limites de uma variedade de técnicas quantitativas e qualitativas. (p.2)

Flick (2009) salienta ainda que a convergência de métodos proporciona mais credibilidade e legitimidade aos resultados alcançados, ou seja, a relação entre metodologias quantitativas e qualitativas proporciona ao investigador uma análise mais aprofundada sobre o tema em investigação.

Contudo, apesar deste estudo utilizar técnicas das metodologias quantitativas, nunca podemos considerar como generalizáveis, os dados obtidos através delas. Durante o desenvolvimento deste estudo, a metodologia qualitativa é a que evidencia maior contributo, pois utilizando instrumentos de recolha de dados, como a entrevista e as

notas de campo, pretendeu-se que transparecesse o contexto real e natural dos intervenientes, atribuindo-lhes significado, reconhecendo e valorizando as significações sociais elaboradas pelos atores, através dos quais são captadas as experiências, idealizações e representações da realidade.

3.3. Instrumentos de recolha de dados

3.3.1. Entrevistas

De modo a recolher informações e as perceções que representassem e transparecessem elementos concretos da vida e da experiência dos entrevistados, optou-se pela entrevista semi-dirigida (Quivy & Campenhoudt, 2018).

Segundo Tuckman (2000), “um dos processos mais diretos para encontrar informação sobre um determinado fenómeno, consiste em formular questões às pessoas que de algum modo, nele estão envolvidas” (p.517).

Na opinião de Fontana e Frey (1994):

Asking questions and getting answers is a much harder task than it may seem at first. The spoken or written word has always a residue of ambiguity, no matter how carefully we word the questions and report or code the answers. Yet, interviewing is one of the most common and most powerful ways we use to try to understand our fellow human beings. (p. 361)

A utilização de entrevistas semi-dirigidas ou semi-estruturadas é muito comum neste tipo de estudos. Neste tipo de entrevista, o investigador propõe um tema para ser desenvolvido durante a entrevista, sendo natural que no decorrer da mesma surjam outras perguntas que não aquelas que estão planeadas.

Antecedendo à entrevista, é preciso construir um guião. Segundo Quivy e Campenhoudt (2018), o guião surge como proposta de perguntas-guias para o entrevistador, devendo estas ser relativamente abertas, a propósito das quais é imperativo receber uma informação da parte do entrevistado, desta forma, o entrevistado terá oportunidade de falar abertamente, com as palavras que desejar e pela ordem que lhe convier, podendo até ser necessário, alterar a ordem prevista das perguntas.

Deste modo, e partilhando a opinião de Rubin e Rubin (2005), cada entrevista torna-se única, sendo que, em cada uma delas, as perguntas vão surgindo de acordo com aquilo que cada entrevistado partilha com o entrevistador.

Neste caso, tivemos ainda a preocupação de construir guiões de entrevista, de modo que não conduzissem os entrevistados a dar respostas do tipo “sim” ou “não”, optando por perguntas de maior informação, evitando assim questões que condicionassem as respostas, e privilegiando aquelas que proporcionassem abertura ao entrevistado para desenvolver a conversa.

3.3.2. Questionários

Das muitas opções metodológicas no domínio da investigação, Ferreira e Campos (2009) defendem o inquérito, como sendo uma das de uso mais recorrente. Contudo, a construção de questionários requiere algum trabalho e esforço ao investigador. Porém, acredito que a sua construção pode ser um fator favorável à evolução de qualquer investigador.

A conceção e a implementação de um questionário são processos cujo objetivo é a recolha de informação válida e fiável acerca de uma determinada temática, obtida a partir das respostas individuais, a um conjunto de questões, de um ou vários grupos (amostras).

Segundo Coutinho (2011) e consoante os objetivos básicos que presidem ao inquérito (descrever/explicar/explorar comportamentos, atitudes, valores e perceções), são diferenciáveis cinco tipos de questionários (descritivo, explicativo, exploratório, transversal e longitudinal), cujos limites na prática são, por vezes, ténues.

Já Quivy e Campenhoudt (2018), definem a existência de dois tipos de questionários tendo em conta a forma de preenchimento do mesmo. Ora, estes podem ser de administração direta, se o preenchimento for feito pelo inquirido, ou de administração indireta, se for o investigador a registar a informação fornecida pelo inquirido.

Na opinião de Almeida e Pinto (1995), o uso de questionários apresenta algumas vantagens sobre outros tipos de técnica de recolha de dados, são elas: a facilidade da investigação poder abranger grande número de pessoas; garantir o anonimato das respostas dadas; permitir que os sujeitos respondam no momento que acharem oportuno.

A estruturação do questionário deve ser feita após o apuramento da problemática a que a investigação visa responder, a qual poderá ser traduzida numa pergunta de partida (Quivy & Campenhoudt, 2018).

Neste caso, a aplicação dos inquéritos por questionário, foi montada e implementada através da plataforma Google, nomeadamente o Google Forms. Todas as perguntas são fechadas, sendo que os inquiridos tiveram de responder às perguntas, assinalando uma de várias opções de resposta, de modo a facilitar o processo de recolha de dados e a veracidade das respostas. Tivemos ainda a preocupação de garantir o anonimato de todos os inquiridos.

3.4. Apresentação e Análise dos Dados Recolhidos

Chegando a esta fase da investigação, o objetivo é analisar os dados recolhidos fazendo a interpretação dos mesmos. Nesse sentido, o processo de tratamento dos dados é feito através da análise das entrevistas, notas de campo e dos inquéritos por questionário.

No entender de Bogdan e Biklen (1994) o termo “dados”:

refere-se aos materiais em bruto que os investigadores recolhem do mundo que se encontram a estudar; são os elementos que formam a base da análise. Os dados incluem materiais que os investigadores registam ativamente, tais como transcrições de entrevistas e notas de campo referentes a observações participantes. (p.149)

Contudo, é preciso pensar de que forma se realiza o tratamento dos dados, pois a mesma requer a utilização de técnicas que visem uma clara exposição e interpretação dos resultados.

Na opinião dos autores referenciados anteriormente:

A análise de dados é um processo de organização e pesquisa organizada de transcrições de entrevistas e de outros materiais que foram sendo acumulados, com o objetivo de aumentar a sua própria compreensão sobre os mesmos materiais e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou. (Bogdan & Biklen, 1994, p.205)

Já segundo Wolcott (1994, citado por Francisco, 2015) existem três momentos fundamentais durante a fase de análise de dados: a descrição, a análise e a interpretação:

A descrição diz respeito à escrita de textos consequentes dos dados originais registados pelo investigador. A análise é um processo de organização de dados, onde se devem evidenciar os aspetos essenciais e identificar fatores chave. A

interpretação diz respeito ao processo de obtenção de significados e relações a partir dos dados obtidos. (p.34-35)

Podemos, então, afirmar que é necessário realizar a análise intensiva dos dados recolhidos, com o objetivo de responder às questões que levaram à investigação. Após o tratamento e análise dos dados será feita a apresentação dos mesmos, onde se pretende ainda debater as evidências e/ou indicadores contidos nos mesmos.

3.4.1. Apresentação da análise das entrevistas

Tabela 1 - Tabelas de análise de conteúdo da entrevista – Professor (Anexo E)

Tema: Percurso profissional e formação. Pergunta: Fale-me da sua formação académica: Onde estudou? Há quantos anos tirou o curso? Fale-me do seu percurso profissional: Quantos anos de serviço tem? Em quantas escolas já exerceu (públicas ou privadas)?		
Categoria	Sub. categoria	Respostas
Vontade própria	- Oposição à família	“Eu estudei em Évora, foi uma opção que começou por ser de birra com a família, que depois acabou por ser a opção acertada e não me arrependo nada.” (linhas 3 e 4)
	- Vontade de ser educador de infância	“(…) fui ser professor do 1º ciclo por uma questão absurda, na altura não aceitavam os homens no jardim de infância, eu queria ser educador de infância.” (linhas 77 e 78)
Formação em contexto de reforma	- Reforma na formação de professores	“(…) foi numa fase de reestruturação do ensino, do ensino para professor, em que já apanhei o curso de três anos, com ótimos professores.” (linhas 5 e 6)
	- Assistiu a várias mudanças	“(…) já passámos por fases em que a importância era a pessoa pensar num percurso de quatro anos, sem divisões. Já passámos pela fase em que as coisas eram divididas em dois ciclos, primeiro e segundo ano era um ciclo, uma fase, terceiro e quarto ano era outra fase, até este momento em que as coisas estão ainda mais estanques.” (linhas 40-44)
Alterações à estratégia de formação de professores	- Valorização da relação com a comunidade	“(…) mas que deu muito ênfase à relação com o professor com a comunidade e à abertura da escola à vida.” (linhas 7 e 8)
	- Trabalho em grupo	“(…) para quem vinha de um liceu e de repente apanhamos uma turma de 25 alunos e a que nos dizem, “faz um grupo”, com pessoas que ainda mal conhecíamos.” (linhas 11-13)
	- Trabalho de campo próximo da comunidade	“(…) fomos para uma aldeia (…) e qual era a intenção? Era de nós vivenciarmos a experiência de: eu agora sou o professor, vou chegar àquela aldeia, qual vai ser a minha reação?” (linhas 15-17)
	- Conhecer a realidade para intervir	“(…) foi falar com as pessoas, foi falar com as entidades, com o centro de saúde, tudo, para depois essa informação toda servir-me na sala de aula.” (linhas 18 e 19)

Importância do contexto	- Contexto sociocultural	“(…) perceber que por exemplo, havia muita gente de idade, então vou recolher todas as histórias tradicionais, até quem sabe, se eu conseguir falar com a tia Emília se ela depois não vai à sala de aula falar com os meninos (...) e isso deu-nos aquela perspectiva de que o professor não é só o que está na sala de aula, mas o professor é também o que o rodeia.” (linhas 25-29)
	- Respeito pelos valores da família e da comunidade	“E esta perspectiva é de que o professor continua a ser importante, mas o professor também está atento ao que o rodeia, e que traz o mundo dos miúdos, das crianças, porque era uma coisa, a escola impunha os seus valores à família e aqui era a escola a querer também que a família viesse à escola.” (linhas 34-37)
Experiência muito relevante	- 40 anos de experiência	“40 anos.” (linha 40)
	- Formação de professores	“(…) durante muitos anos fiz formação de professores, ao nível das expressões.” (linhas 51 e 52)
	- Formação complementar em artes	“(…) fiz estudos paralelos em termos artísticos, teatro e pintura.” (linhas 52 e 53)
	- 15 escolas públicas, milhares de alunos	“(…) devo ter passado por (...) 15 escolas, (...) sempre públicas. Em termos depois de trabalho, trabalhar com turmas, 100 turmas, 200 turmas.” (linhas 55 e 56, 58 e 59)
	- Parte do percurso como único homem	“(…) passei parte do meu percurso em que era o único homem.” (linha 155)

Tema: Presença dos homens na educação e na sociedade.		
Pergunta: Qual a sua opinião sobre a presença dos homens na educação?		
Categoria	Sub. categoria	Respostas
Valorização dos docentes homens	- Importância da presença masculina	“(…) eu sempre achei que o homem é cada vez mais e sempre foi um papel muito importante.” (linhas 88 e 89)
	- Apetência das crianças para a presença masculina na escola	“(…) todo o percurso que eu tenho tido, nota-se não só nas crianças, há essa apetência, essa vontade do homem, da presença do homem.” (linhas 110 e 111)
	- Exaltação dos docentes homens em relação às colegas mulheres	“Numa escola em que há 10 mulheres, se aparecem dois homens, tornam-se mais notados.” (linhas 115 e 116)
	- Curiosidade das crianças para com o masculino	“(…) mas há um lado de curiosidade de... porque é um lado de um mundo que eles não conhecem, que não estão habituados.” (linhas 160 e 161)
	- Muita dedicação	“(…) o homem quando está no ensino, já teve que passar por tantas coisas que está ali com muita dedicação.” (linhas 271 e 272)
Conceções e estereótipos quanto ao homem	- Presença masculina associada à punição	“(…) a presença masculina sempre foi a presença punidora.” (linhas 94 e 95)
	- Homens não estavam ligados aos afetos	“(…) os homens nunca eram muito dos afetos.” (linha 101)
	- Homem como chefe de família	“(…) até porque ainda hoje acontece um pouco, o pai é quem ganha o pão, até não há muito tempo atrás era assim, o pai é que ia sair para trabalhar.” (linhas 123-125)
Alterações do papel masculino na sociedade	- Mudanças da atuação dos homens na família	“(…) o professor Homem dá a componente que muitas vezes faltava nas crianças, (...) hoje em dia mesmo assim já está um pouco diferente.” (linhas 89-91)
	- Importância dos afetos	“E nós sabemos hoje (...) como é importante o toque, o olhar, a mão no ombro, o agarrar (...) que nos dá proteção. E isso não acontecia.” (linhas 101-103 e 105)
Feminização excessiva	- Contexto escolar e familiar demasiadamente femininos	“(…) ainda por cima a escola (...) é um mundo muito feminino, (...) que é o mundo que a maior parte das vezes conhecem, porque a casa é feminina. Muitas vezes é a mãe, se não é a mãe, é a avó, se não é a avó, é a prima ou a vizinha, é sempre o feminino. Nunca há o homem.” (linhas 106-109)

Tema: Discrepância numérica entre o género dos docentes.		
Pergunta: Em relação à educação de infância, o número de profissionais do género masculino é muito inferior quando comparado ao do sexo feminino. Quais serão no seu entender as causas desta discrepância numérica tão grande?		
Categoria	Sub. categoria	Respostas
Desinteresse pela profissão docente	- Aumento do desinteresse pela profissão docente	“Para já, neste momento, (...) cada vez mais as pessoas pensam duas vezes se vão para o ensino.” (linhas 165-167)
	Causas do desinteresse pela profissão docente	- Questões culturais - Exclusão dos homens - Falta de vagas para os docentes - Sociedade machista e de separação de sexos

Tema: Feminização da profissão docente.		
Pergunta: No seu entender existem consequências relativamente à feminização da profissão docente? Quais?		
Categoria	Sub. categoria	Respostas
Competição e dificuldades entre docentes do género feminino	- Universo feminino fechado	“(…) o que eu sentia é que ficava um universo muito fechado, muito feminino (...) e de alguma tensão.” (linhas 199-201)
	- Competição entre as mulheres	“No próprio género, porque acho que no universo feminino há alguma tensão. Está a falar em competição entre as mulheres, não é? É. Eu penso que é assim.” (linhas 203-206)
	- Dificuldade das mulheres em resolver divergências	“No universo feminino (...) as pessoas não se zangam, vão guardando rancores. (...) as coisas ficam no muito diplomaticamente, mas não se resolvem.” (linhas 218 e 219, 225 e 226)

Tema: Diferenças da existência de mais docentes homens.		
Pergunta: O que poderia ser diferente se existissem mais profissionais do sexo masculino na educação de infância e mesmo no 1º ciclo?		
Categoria	Sub. categoria	Respostas
Presença masculina como docente	- Normalidade da profissão em relação à realidade	“A questão, eu acho, é esse lado da normalidade, porque o mundo é o masculino e o feminino.” (linhas 229 e 230)
	- Formação da personalidade	“(…) esse lado masculino e feminino é que estruturam a nossa personalidade.” (linhas 230 e 231)
	- O masculino no contexto de creche	“(…) cada vez mais, os meninos com um ano de idade vão para a creche. Portanto, é nessa altura que é importante não só a Maria, a Fátima e a Luísa, mas também o João e o Pedro, um homem. Até porque isso vai estruturá-los, comportamentos e olhares.” (linhas 237-240)
	- Importância da relação com ambos os sexos. Sensibilidades distintas	“(…) é importante os meninos terem homens e terem mulheres, porque volto a dizer, estrutura a personalidade deles, porque cada um destes sexos traz qualidade, maneiras de estar, maneiras de observar, porque um homem vê de maneira diferente de uma mulher, até em termos de sensibilidades.” (linhas 248-251)

Tema: Relação com as crianças.		
Pergunta: Em termos de relação com as crianças, acha que existem diferenças devido ao facto de o educador ser homem ou mulher? Quais as principais diferenças que reconhece? Em termos afetivos e de cuidados, parece-lhe que o educador homem consegue dar resposta às necessidades das crianças? Porquê?		
Categoria	Sub. categoria	Respostas
Homem como docente	- Importância do professor Homem	“(…) há meninos que têm muita necessidade da presença do professor (…) aconteceu-me pais na escola, homens, ficarem com ciúmes (…), esse pai percebeu como estava a descurar um pouco o filho.” (linhas 295 e 296, 299 e 300, 310)
Igualdade e qualidade docente	- Igualdade entre géneros e a qualidade docente	“(…) um professor, ou é professor ou não é. Há ótimas professoras e ótimos professores e há péssimos professores homens e péssimas professoras mulheres.” (linhas 245-247)

Tema: Diferenças em outros domínios relacionais com docentes do género feminino.		
Pergunta: E em outros domínios relacionais, encontra diferenças ou discrepâncias com as colegas do sexo feminino? Se sim, em que termos?		
Categoria	Sub. categoria	Respostas
Perspetivas da docência	- Relação como aprendente independentemente do género	“O que é importante é que tanto as mulheres como os homens, aliás, qualquer professor traz as suas vivências e se eu estiver na escola com o professor João, eu vou tentar perceber quais são as coisas que eu vou tirar do professor João, como o professor João vai tentar perceber o que é que pode tirar do professor Alberto ou da professora Luísa.” (linhas 281-285)
	- Individualidade humana associada à docência	“(…) cada um de nós traz as suas vivências e o seu mundo e é evidente que há diferenças de ver o mundo, até em questões culturais e da educação.” (linhas 287 e 288)
	- Graus de ensino e presença de cada género	“(…) há medida que vamos subindo nos níveis... a um nível superior são os homens, a um nível mais inferior do ensino são as mulheres.” (linhas 266 e 267)
Visões do mundo	- Diferentes formas de apreender o mundo	“Um homem e uma mulher têm maneiras diferentes de apreender o mundo.” (linhas 288 e 289)

Tema: Relação com as famílias.		
Pergunta: Em relação às famílias face à sua experiência, como se processam as comunicações? Tem sentido alguma dificuldade em particular?		
Categoria	Sub. categoria	Respostas
Valorização do docente homem		“(…) os pais sempre valorizaram muito eu ser professor Homem. Tanto o pai como a mãe.” (linhas 293 e 294)
Importância do contexto escolar para as crianças		“(…) há alguns meninos que o mundo de casa não é o suficiente e, portanto, quando está em casa o mundo ainda é o da escola.” (linhas 307 e 308)

Tema: Embaraço na vida profissional por ser Homem.		
Pergunta: Alguma vez se sentiu embaraçado em alguma situação na vida profissional pelo facto de ser do género masculino?		
Categoria	Sub. categoria	Respostas
Desconfortos e preocupações	- Dificuldades de integração	“(…) na primeira reunião que cheguei a essa escola (…) eu era o único homem e a diretora dessa escola disse-me (…) “olha A., eu vou dizer uma coisa, isto não é por maldade, nós aqui nas reuniões não falamos assim grandes coisas das escolas, falamos olha das nossas vidas, dos nossos filhos, trocamos receitas (...). Podes não vir”.” (linhas 134-139)
	- Desconforto quanto ao género	“(…) eu sinto mais à vontade se tiver que dizer a um rapaz as coisas, os segredinhos de como vai ser a sua evolução, às vezes o universo feminino é mais delicado.” (linhas 315-317)
	- Assuntos tabu	“(…) muitas vezes nem sabia bem como é que as mães, por exemplo, reagiriam se eu estivesse a falar da menstruação com as filhas.” (linhas 318 e 319)

Tema: Alterações das atitudes face às questões de género.		
Pergunta: Ao longo do tempo tem sentido alterações em termos das atitudes das famílias ou das colegas de trabalho no exercício da docência face às questões de género? Quais?		
Categoria	Sub. categoria	Respostas
Alterações da sociedade implícitas na docência	- Novas famílias	“Acho que tem havido algumas alterações, mesmo em termos das novas famílias.” (linhas 335 e 336)
	- Crescente normalização da diferença e da individualidade	“(…) nós cada vez mais nas escolas temos meninos de todas as raças, com maneiras diferentes de comer, tudo isso, as questões de género já não se poem, e penso que, cada vez mais, há atenção a isso” (linhas 337-339)
	- Alterações face à maneira de “olhar” a criança	“Eu sinto que cada vez mais há atenção à individualidade.” (linhas 339 e 340)

Tema: Trabalho com outros homens.		
Pergunta: Em relação à sua experiência profissional, já trabalhou em escolas com outros docentes homens?		
Categoria	Sub. categoria	Respostas
Trabalho entre géneros	- Trabalho com ambos os géneros	“(…) não gostava nada de estar numa escola em que os professores fossem todos homens.” (linhas 280 e 281)
	- Maior facilidade em trabalhar com mulheres	“(…) devo confessar (…) em termos de parceria, com mais facilidade faço parceria com as mulheres.” (linhas 354 e 355)
	- Complementação de géneros em termos profissionais	“(…) porque se calhar homem com homem não joga tanto. Porque, por exemplo, com a C., há o olhar que é feminino e outro que é masculino, e aí as coisas complementam-se.” (linhas 355-357)

Tema: Diferença na implementação das práticas entre mulheres e homens.		
Pergunta: Face às colegas do sexo feminino, identifica alguma(s) diferença(s) significativa(s) na implementação das práticas pedagógicas? Em que aspetos ou em que domínios?		
Categoria	Sub. categoria	Respostas
Diferenças entre homens e mulheres	- Praticidade dos homens	“(…) o homem, tem um sentido às vezes (…) mais prático e mais desprendido de algumas outras coisas.” (linhas 149 e 150)
	- Diferentes maneiras de estar	“(…) um homem tem uma maneira de estar diferente da mulher.” (linhas 240 e 241)
	- Sensibilidades distintas	“(…) um homem vê de maneira diferente de uma mulher, até em termos de sensibilidade.” (linhas 250 e 251)
	- Trabalho válido independentemente do género	“(…) na questão do trabalho não há questão do género, ou se trabalha ou não se trabalha, ou se gosta ou não se gosta.” (linhas 360 e 361)
	- As mulheres e o sentido doméstico	“(…) as professoras, transportam para a escola a casa e um sentido doméstico.” (linhas 193 e 194)

Tema: Maior número de docentes homens e influência no clima de trabalho nas escolas.		
Pergunta: Acha que se existissem mais docentes homens o ambiente e o clima de trabalho nas escolas poderia ser diferente? Em que termos?		
Categoria	Sub. categoria	Respostas
Presença dos homens na escola	- Dinâmicas diferentes	“(…) ao nível das dinâmicas que se criam numa escola é completamente diferente quando há um homem numa escola, porque inclusivamente, estabiliza, no sentido bom, esse universo feminino que é a escola.” (linhas 125-127) “(…) se for homens e mulheres, a dinâmica que se cria é diferente.” (linhas 378 e 379)
	- Parcerias entre géneros	“Se houver homens e mulheres criam-se empatias e dinâmicas e criam-se parcerias.” (linhas 386 e 387)

Tema: Conclusões finais.		
Pergunta: Gostaria de acrescentar mais alguma coisa à entrevista?		
Categoria	Sub. categoria	Respostas
Evolução das mentalidades	- Várias mudanças	“(…) eu sinto muita coisa que mudou e que a escola, hoje, já não é aquilo que era quando eu comecei. A todos os níveis. Até mesmo na relação entre as pessoas.” (linhas 393-395)
	- Começo da carreira	“(…) comecei a trabalhar com 21 anos.” (linha 397)
	- Igualdade entre docentes	“(…) eu era homem, mas tinha dois anos de serviço, portanto não podia falar. Neste momento, eu sinto que há mais igualdade entre nós. Eu sou tão respeitado como a colega C., que dá aulas há cinco anos.” (linhas 405-407)
	- Igualdade de oportunidades entre géneros	“(…) neste momento as coisas discutem-se e independentemente se sou homem ou mulher, a tua ideia é boa ou não é, acabou-se, e há muito mais igualdade entre as pessoas.” (linhas 409 e 410)
	- Estatuto do Homem	“(…) havia um estatuto de respeito porque eu era Homem, de alguma permissão de coisas porque eu era Homem.” (linhas 397-399) “(…) eu era Homem, e, portanto, havia um respeito diferente. (…) Lá para ela “Eu não vou arrumar a tua sala, tu és mulher que varras!”.” (linhas 401-403)

Através da análise da informação contida na entrevista ao professor de 1º ciclo do ensino básico (Anexo E), emergiram 25 categorias que refletem maioritariamente as mudanças que se verificaram aos longo dos anos em relação à diferença de género na docência, e à importância e valorização da presença do masculino na educação das crianças.

Na primeira categoria **vontade própria**, o respondente dá a conhecer duas realidades distintas, subjacentes em duas subcategorias, são elas: *oposição à família*, onde o professor confessa que a opção pela carreira docente começou como uma “birra” para com a família, e na subcategoria *vontade de ser educador de infância*, se tornou professor de 1º ciclo por não aceitarem homens no curso para educadores de infância. Assim, já nesta primeira categoria, podemos constatar a segregação que o entrevistado sofreu em relação à sua vontade de ser educador de infância.

Na categoria seguinte, **formação em contexto de reforma**, o entrevistado passa a informação de que o seu percurso formativo ocorreu durante uma “reforma na formação de professores” onde o mesmo “assistiu a várias mudanças”.

Posteriormente, na categoria **alterações à estratégia de formação de professores**, surgiram quatro subcategorias, nomeadamente: *valorização da relação com a comunidade*, onde o professor diz que se começou a valorizar a relação professor/comunidade; *trabalho em grupo*, onde o respondente dá a informação de que, desde o início, o trabalho que desenvolveu nas práticas foi sempre em grupo; *trabalho de campo próximo da comunidade*, onde o professor respondente dá a conhecer a realidade do trabalho de campo desenvolvido; e *conhecer a realidade para intervir*, onde o professor explica todo o processo pelo qual passou no contexto das suas práticas em formação.

Seguidamente, na categoria **importância do contexto**, o respondente aborda o *contexto socio cultural*, onde enfatiza a importância do conhecimento por parte do professor sobre o contexto que o rodeia, e a subcategoria *respeito pelos valores da família e da comunidade*, onde o professor entrevistado transparece a importância da presença das famílias das crianças no quotidiano da escola.

Em relação à experiência profissional, na categoria **experiência muito relevante**, encontram-se várias subcategorias, nomeadamente: *40 anos de experiência*; *formação de professores*, onde deu a conhecer o facto de ter feito formação de professores ao nível das expressões; *formação complementar em artes*, onde aborda a sua formação paralela em estudos artísticos como o teatro e a pintura; *15 escolas*

públicas, milhares de alunos, onde recolhemos a informação de que, ao longo da carreira, o respondente teve milhares de alunos e deu aulas, pelo menos, em 15 escolas, e por fim, *parte do percurso como único homem*.

Nas categorias seguintes, acerca da presença dos homens na educação, o professor respondente faz menção a várias perspetivas que culminaram em diversas categorias e subcategorias. Na categoria **valorização dos docentes homens**, o entrevistado aborda a *importância da presença masculina*, a *apetência das crianças para a presença masculina na escola*, a *exaltação dos docentes homens em relação às colegas mulheres*, a *curiosidade das crianças para com o masculino* e a *muita dedicação* por parte dos docentes de género masculino quando estão na área da educação. Em todas estas subcategorias, as ideias principais são a apetência e a vontade das crianças se relacionarem e descobrirem o género masculino, pois na generalidade, é o género com que menos têm contacto, resultando numa maior curiosidade.

Na categoria seguinte, **conceções e estereótipos quanto ao homem**, a opinião do respondente culmina em três subcategorias, nomeadamente a *presença masculina associada à punição*, *homens não estavam ligados aos afetos* e *homem como chefe de família*, onde o entrevistado aborda o ponto de vista de algumas pessoas, onde o papel de pai é, ainda, o de quem tem a responsabilidade de sustentar a família e sair para trabalhar.

Posteriormente, na categoria **alterações do papel masculino na sociedade**, aborda-se a questão das *mudanças da atuação dos homens na família*, onde o professor entrevistado transparece que, o docente homem, colmatava a ausência do pai, mas que atualmente, os pais são mais atuantes nas famílias, e ainda a subcategoria *importância dos afetos*, onde abordou-se a relevância do toque, do olhar e do carinho para as crianças.

Na categoria **feminização excessiva**, o respondente refere o facto de a realidade dos contextos da maior parte das crianças ser apenas o contexto com o género feminino, pois:

“(…) ainda por cima a escola (…) é um mundo muito feminino, (…) que é o mundo que a maior parte das vezes conhecem, porque a casa é feminina. Muitas vezes é a mãe, se não é a mãe é a avó, se não é a avó é a prima ou a vizinha, é sempre o feminino. Nunca há o homem.” (anexo E, linhas 106-109)

Em relação à **discrepância entre o número de profissionais de género masculino e feminino da educação de infância**, o respondente identificou, em primeiro lugar, o *desinteresse pela profissão docente* como um dos fatores que estão a contribuir para a diminuição global do número de docentes. De seguida, apontou algumas causas para o aumento desse mesmo desinteresse por parte dos homens em particular, tais como: as *questões culturais* e a *exclusão dos homens*, onde destaca o instinto maternal como pretexto para a segregação desse mesmo género; a *falta de vagas para os docentes*, referindo a dificuldade sentida pelos docentes recém-licenciados, para conseguir empregos nas escolas, e ainda, a *sociedade machista e de separação de sexos*, onde sublinha que, atualmente, ainda somos uma sociedade machista.

De seguida, na categoria **competição e dificuldades entre docentes do género feminino**, o entrevistado dá a opinião de que existe um *universo feminino muito fechado*, muita *competição entre as mulheres* e *dificuldades das mulheres em resolver divergências* nas escolas. Tudo isto deriva da feminização excessiva na profissão docente, onde o professor entrevistado, identifica a falta de homens como prejudicial e razão pela qual existem todos estes problemas.

Da categoria **presença masculina como docente**, resultaram quatro subcategorias, designadamente: a *normalização da profissão em relação à realidade*, onde se aborda a normalidade do masculino e do feminino no mundo; a *formação da personalidade*, realçando o facto de a convivência com os dois géneros ser importante para a estruturação da personalidade de qualquer indivíduo; *o masculino no contexto de creche*, que na opinião do professor é fulcral as crianças interagirem com o masculino e o feminino e a *importância da relação com ambos os sexos, sensibilidades distintas*, onde o respondente identifica algumas diferenças entre homens e mulheres docentes.

No que concerne à relação com as crianças, na categoria **homem como docente** é aludido o facto de existirem pais que ficam com ciúmes, devido à boa relação que os docentes homens conseguem estabelecer com as crianças, e na categoria **igualdade e qualidade docente**, acentua-se a igualdade da qualidade docente, independentemente do género.

Em **perspetivas da docência** existem três subcategorias, sendo que a primeira, *relação como aprendente independentemente do género* aborda a importância de qualquer professor, homem ou mulher, querer aprender mais com outros profissionais que estão à sua volta, independente do género desses mesmos profissionais. Na

subcategoria *individualidade humana associada à docência*, podemos averiguar que cada um de nós, traz para a docência, as suas vivências pessoais, consequência das experiências que vivenciámos. Na subcategoria *graus de ensino e presença de cada género* é falado do facto de, à medida que avançamos nos níveis de ensino, maior é a presença dos homens, e pelo contrário, quanto mais descemos no nível de ensino das crianças, maior é a escassez de docentes do género masculino.

Na categoria **visões do mundo** é explorado o facto de homens e mulheres terem maneiras diferentes de apreender o mundo.

Nas categorias **valorização do docente homem e importância do contexto escolar para as crianças** abordam-se a relação do docente homem com as famílias, concluindo que os pais valorizam o professor homem e que algumas crianças têm dificuldades em distinguir a esfera doméstica da escolar.

Posteriormente, na categoria **desconfortos e preocupações**, em que são retratadas situações profissionais de algum embaraço, surgiram três subcategorias, particularmente: *dificuldades de integração*, *desconforto quanto ao género* e *assuntos tabu* que focam as dificuldades que os docentes homens podem passar em relação a algumas situações com as crianças e colegas do género feminino.

Na categoria seguinte, **alterações da sociedade implícitas na docência**, o entrevistado enfatiza o aparecimento das *novas famílias*; *a crescente normalização da diferença e da individualidade*, como fator contributivo para a normalização das questões de género; e por fim, as *alterações face à maneira de “olhar” da criança*, onde o respondente transparece a opinião de que: “Eu sinto que, cada vez mais, há atenção à individualidade.” (anexo E, linhas 339 e 340)

Em relação à experiência profissional com outros homens, na categoria **trabalho entre géneros** surgiram três subcategorias. Na primeira, *trabalho com ambos os géneros*, o professor respondente diz que “(...) não gostava nada de estar numa escola em que os professores fossem todos homens.” (anexo E, linhas 280 e 281)

Nas subcategorias *maior facilidade em trabalhar com mulheres* e *complementação de géneros em termos profissionais*, o respondente aborda a complementaridade do trabalho entre homem e mulher, como fator beneficiante para a docência, confessando até, que se sente mais à vontade em trabalhar com o género feminino.

Na categoria **diferenças entre homens e mulheres**, referente à implementação das práticas pedagógicas, o professor entrevistado, refere que o homem tem um

sentido mais prático (*praticidade dos homens*); as mulheres e os homens têm *diferentes maneiras de estar e sensibilidades distintas*; e ainda, que as docentes do género feminino transportam para a escola um sentido um pouco doméstico (*mulheres e o sentido doméstico*). Ainda nesta categoria, surge uma outra subcategoria, *trabalho válido independentemente do género*, onde o professor partilha que “(...) na questão do trabalho não há questão do género, ou se trabalha ou não se trabalha, ou se gosta ou não se gosta.” (anexo E, linhas 360 e 361)

Na categoria **presença dos homens na escola**, referente às diferenças no ambiente escolar com a presença de mais docentes homens, em particular, na subcategoria *dinâmicas diferentes*, são referidas as diferentes dinâmicas que se criam com a presença de apenas um homem, enquanto na subcategoria *parcerias entre géneros* aborda-se a possibilidade de se criarem parcerias de cooperação se existirem ambos os géneros docentes.

Na última categoria, o respondente desenvolve uma espécie de conclusões finais, onde menciona as *várias mudanças* em torno da educação; do *começo da sua carreira*, referindo com que idade começou a trabalhar como docente; a *igualdade entre docentes*, onde aponta os anos de serviço como fator que influenciou o tratamento que sentiu por parte de outros colegas de trabalho; a *igualdade de oportunidades*, onde é referida a igualdade de género na discussão de ideias; e por fim, o *estatuto do homem*, onde o entrevistado relata que, antigamente, o facto de ser homem, oferecia algum estatuto entre a comunidade docente.

Em suma, ao longo da entrevista foi partilhada a opinião de que se assistiu a uma grande evolução do pensamento e preconceito sobre os homens docentes, ao ponto de existirem pessoas que enaltecem os docentes homens, e que demonstram o seu agrado face à sua presença. Como causas da evolução de mentalidades, anteriormente mencionada, destacou-se a presença mais participativa dos pais nas tarefas e na vida familiar, o aparecimento de novas estruturas familiares e a crescente normalização da diferença, seja ela qual for. Podemos ainda salientar, como aspeto relevante, o facto do entrevistado referir que a participação de ambos os géneros na docência contribui para a uniformização da educação em relação a outras profissões e realidades, onde a presença do feminino e do masculino é normal e equitativa.

Tabela 2 - Tabela de análise de conteúdo da entrevista – Educador (Anexo F)

Tema: Percurso profissional e formação.		
Pergunta: Fale-me da sua formação académica: Onde estudou? Há quantos anos tirou o curso? Fale-me do seu percurso profissional: Quantos anos de serviço tem? Em quantas escolas já exerceu (públicas ou privadas)?		
Categoria	Sub. categoria	Respostas
Experiência muito relevante	- 34 anos de experiência	“Comecei (...) nos anos 80, portanto já tenho 34 anos de serviço.” (linhas 3 e 4)
	- Experiência em hospitais	“Eu trabalhei também como educador no hospital, porque fiz a minha tese final sobre a intervenção educativa no Hospital de Santa Maria. Portanto, eu trabalhei dois anos no hospital de Santa Maria enquanto estava a tirar o curso, depois convidaram-me para trabalhar no Hospital Garcia de Orta.” (linhas 13-16)
	- Várias escolas	“(…) escolas ou jardins de infância, já estive em sete.” (linha 20)
	- Escolas públicas	“Só públicas, entrei logo para o estado.” (linha 22)
	- Formação em bacharelato	“(…) na altura era só bacharelato.” (linha 9)
	- Formação pós-Bolonha	“(…) mais tarde, acabei por fazer a licenciatura também no Piaget.” (linhas 9 e 10)
	- Formação inserida numa metodologia diferenciada	“(…) pela metodologia, ou seja, por nós termos de estar a trabalhar segunda, terça, quarta e quinta, e à sexta e ao sábado termos aulas teóricas.” (linhas 7 e 8)
- Carreira como único homem	“Trabalhei sempre com colegas educadoras.” (linha 26)	
Decisão segura		“(…) ser educador (...) foi uma opção minha, (...) não foi de não haver outra profissão ou um lugar numa outra faculdade.” (linhas 47 e 48)
Formação com poucos homens	- Poucos homens nos cursos	“Na minha turma, quando estive no Piaget, tinha um homem na minha turma, em 400 e tal alunos eram três homens e um deles estava na minha turma.” (linhas 85-87)

Tema: Presença dos homens na educação e na sociedade.		
Pergunta: Qual a sua opinião sobre a presença dos homens na educação?		
Categoria	Sub. categoria	Respostas
Conceções sobre as questões de género	- Forma de ver a educação	“(…) não acredito em questões de género neste processo do que é educar.” (linhas 25 e 26)
Alterações do papel masculino como educador	- Homem como responsável de educação	“Quem começou por ser educador, nesta vertente profissional, foram os homens que tratavam da educação dos miúdos, só mais tarde é que esse papel passou a ser da mulher.” (linhas 44-46)
Segregação dos homens na educação	- Discriminação para com os homens	“(…) quando fui pedir o adiamento da inspeção para ir à tropa, na altura ainda era obrigatório, a senhora disse-me que não, o curso de educadores não fazia parte da lista para pedir o adiamento, (…) tive que escrever uma carta para o ministro, (…) a pedir e alegando que era um curso superior, portanto tinha o direito de continuar a estudar.” (linhas 54-58)

Tema: Discrepância numérica entre o género dos docentes.		
Pergunta: Em relação à educação de infância, o número de profissionais de género masculino é muito inferior quando comparado ao do sexo feminino. Quais serão no seu entender as causas desta discrepância numérica tão grande?		
Categoria	Sub. categoria	Respostas
Causas da discrepância numérica	- Homossexualidade associada	“(…) primeiro és logo considerado homossexual.” (linha 49)
	- Falta de aceitação da sociedade	“Eu quando dizia no meu grupo de amigos “olha sou educador, estou a tirar um curso de educador”, olhavam-te assim…” (linhas 51 e 52)
	- Profissão de mulher	“Era mais uma profissão que era considerada de mulheres.” (linha 53)

Tema: Feminização da profissão docente.		
Pergunta: No seu entender existem consequências relativamente à feminização da profissão docente? Quais?		
Categoria	Sub. categoria	Respostas
Segurança e confiança		“Se tu não estiveres bem contigo e se não fores ciente daquilo que és enquanto pessoa, se calhar podes ter alguns problemas, porque és alvo de alguma segregação.” (linhas 64-66)

Tema: Diferenças da existência de mais docentes homens.		
Pergunta: O que poderia ser diferente se existissem mais profissionais do sexo masculino na educação de infância e mesmo no 1º ciclo?		
Categoria	Sub. categoria	Respostas
Presença masculina	- Maior objetividade	“(…) as reuniões eram mais rápidas.” (linha 72)
	- O masculino no contexto de creche	“(…) quando fiz estágio em creche, terrível. Ficam a olhar para mim e perguntavam “onde é que está a educadora?”.” (linhas 68 e 69)
	- Menos problemas	“(…) acho que era mais equilibrado. Acho que havia menos complicação.” (linhas 74 e 75)

Tema: Relação com as crianças.		
Pergunta: Em termos de relação com as crianças, acha que existem diferenças devido ao facto de o educador ser homem ou mulher? Quais as principais diferenças que reconhece? Em termos afetivos e de cuidados, parece-lhe que o educador homem consegue dar resposta às necessidades das crianças? Porquê?		
Categoria	Sub. categoria	Respostas
Homem como docente	- Não há diferenças significativas	“Diferenças só na procura para determinado tipo de atividades, porque a procura do colo, (...) do miminho, (...) é perfeitamente igual.” (linhas 79-81)
Traços de personalidade	- Qualidades humanas	“Eu acho que não tem a ver com o género, tem a ver enquanto tu como pessoa e enquanto tu és como ser humano.” (linhas 81 e 82)
Equilíbrio no trabalho	- Complementaridade de género	“(…) havendo um homem e uma mulher em termos (...) do equilíbrio de trabalho, (...) até mesmo da procura dos miúdos em relação a nós é muito melhor. Porque eles procuravam-me a mim em determinadas coisas e à minha colega noutras coisas.” (linhas 27-30)
Atividades sob influência cultural	- Identificação de papéis	“(…) para jogar à bola vinham ter comigo, para subir às árvores... Não gosto muito de classificar isto como brincadeiras de género, mas era esta a procura, porque culturalmente eles têm essa influência.” (linhas 32-34)

Tema: Diferenças em outros domínios relacionais com docentes do género feminino.		
Pergunta: E em outros domínios relacionais, encontra diferenças ou discrepâncias com as colegas do sexo feminino? Se sim, em que termos?		
Categoria	Sub. categoria	Respostas
Perspetivas sobre género	- Capacidades de cada género	“Eu não acredito que haja coisas que o homem não possa fazer ou que a mulher não possa fazer.” (linhas 91 e 92)
	- Personalidade e a docência	“Já tive colegas que tive algumas “guerras”, mas não é por serem mulheres, é pelo feitio delas e da maneira de ser.” (linhas 96-98)
	- Género docente	“Eu não vejo muito isto homem/mulher, mas isso tem a ver comigo, outros colegas se calhar veem.” (linhas 98 e 99)

Tema:	Relação com as famílias.	
Pergunta:	Em relação às famílias face à sua experiência, como se processam as comunicações? Tem sentido alguma dificuldade em particular?	
Categoria	Sub. categoria	Respostas
Relação com os pais	- Mais reticência com o homem docente	“Em relação aos pais, eu sentia que numa primeira fase, quando te deixavam os seus filhotes, demoravam mais tempo a deixar.” (linhas 66-68)
	- Período de adaptação decisivo	“Em comparação com as minhas colegas, aí sinto uma grande diferença, (...) passando aquela fase de perceberem que é um homem que está com os filhos (...) consigo estabelecer uma excelente relação com os pais.” (linhas 102-104 e 106)
Conceções sobre educação	- Presença das famílias na escola	“(…) os pais na escola há limites, (...) há competências de uns e de outros, mas eu considero que os pais devem estar presentes na escola. Portanto estabeleço logo uma relação muito clara, muito bem definida e é uma relação honesta.” (linhas 107-110)

Tema:	Embaraço na vida profissional por ser homem.	
Pergunta:	Alguma vez se sentiu embaraçado em alguma situação na vida profissional pelo facto de ser do género masculino?	
Categoria	Sub. categoria	Respostas
Segurança como docente		“Eu gosto muito do que faço e defendo o que faço, e tenho orgulho no que faço e tenho orgulho em ser educador, portanto não.” (linhas 117 e 118)

Tema:	Alterações das atitudes face às questões de género.	
Pergunta:	Ao longo do tempo tem sentido alterações em termos das atitudes das famílias ou das colegas de trabalho no exercício da docência face às questões de género? Quais?	
Categoria	Sub. categoria	Respostas
Evolução de mentalidade	- Menos desconfiança	“Sinto que há um maior à vontade ao longo do tempo, provavelmente por começar a haver mais homens, (...) portanto há menos desconfiança (linhas 121-123)

Tema: Trabalho com outros homens.		
Pergunta: Em relação à sua experiência profissional, já trabalhou em escolas com outros docentes homens?		
Categoria	Sub. categoria	Respostas
Ausência de colegas homens		“(…) fui sempre sozinho.” (linha 126)

Tema: Diferença na implementação das práticas entre mulheres e homens.		
Pergunta: Face às colegas do sexo feminino, identifica alguma(s) diferença(s) significativa(s) na implementação das práticas pedagógicas? Em que aspetos ou em que domínios?		
Categoria	Sub. categoria	Respostas
Diferenças entre homens e mulheres	- Descomplicação	“(…) eu acho que nós descomplicamos um bocadinho mais que propriamente as minhas colegas.” (linhas 37 e 38)
	- Objetividade	“Em termos da objetividade de determinadas coisas, do não perdermos tempo em coisas e não andarmos aqui às voltas.” (linhas 134 e 135) “Seremos muito objetivos e concisos. Aí pode ter um bocado a ver com o ser homem ou ser mulher, mas isto de uma forma generalizada” (linhas 136 e 137)

Tema: Maior número de docentes homens e influência no clima de trabalho nas escolas.		
Pergunta: Acha que se existissem mais docentes homens o ambiente e o clima de trabalho nas escolas poderia ser diferente? Em que termos?		
Categoria	Sub. categoria	Respostas
Presença dos homens docentes nas escolas	- Maior tranquilidade e equilíbrio	“Acaba por ser uma escola mais tranquila, mais equilibrada.” (linhas 39 e 40) “(…) se houvesse mais homens era mais tranquilo.” (linhas 141 e 142)
	- Melhor relação com os auxiliares de educação	“(…) depois em termos do clima e da tranquilidade, quer na relação com os auxiliares de educação.” (linhas 140 e 141)

A partir da análise da informação compreendida na entrevista ao educador (Anexo F), resultaram 21 categorias que refletem majoritariamente que os homens, à semelhança das mulheres, têm as competências necessárias para ser educadores de infância.

Na primeira categoria, **experiência muito relevante**, o inquirido dá a conhecer o seu percurso como docente e alguns parâmetros da sua formação académica. Com todas as subcategorias apresentadas, ficamos a saber que o entrevistado: tem *34 anos de experiência*; possui *experiência em hospitais*, tendo estagiado e trabalhado em alguns dos hospitais mais importantes a nível nacional; já passou por *várias escolas* e sempre *escolas públicas*; fez a sua *formação em bacharelato* e posteriormente *formação pós-Bolonha, inserida numa metodologia diferenciada* e uma *carreira como único homem*.

Na categoria **decisão segura**, o educador em causa transmite a ideia de que a decisão de ser educador foi uma opção segura, sendo que “(...) ser educador (...) foi uma opção minha, (...) não foi de não haver outra profissão ou um lugar numa outra faculdade.” (anexo F, linhas 47 e 48)

Posteriormente, na categoria **formação com poucos homens**, o entrevistado dá a conhecer a escassez de homens no curso para educador de infância.

De seguida, em **conceções sobre questões de género**, o respondente transparece a sua perspetiva sobre a educação, onde defende que não acredita em questões de género no processo de educar.

Na categoria **alterações do papel masculino como educador**, o entrevistado conta que quem começou por ser o responsável pela educação das crianças foi o homem, que só mais tarde esse papel viria a ser assumido pelas mulheres.

Em **segregação dos homens na educação** está contida a informação referente à *discriminação para com os homens* que o entrevistado sofreu na altura da sua formação para educador de infância, sendo visível o esforço que fez para seguir a carreira docente.

Em relação à diferença do número de docentes do género masculino e feminino, o inquirido, na categoria **causas da discrepância numérica** transmite informações relevantes que culminaram em três subcategorias: *homossexualidade associada*, transmitindo o pensamento de que os homens que escolhem ser educadores de infância são, à priori, considerados homossexuais; a *falta de aceitação da sociedade*, onde é partilhada a opinião de que um homem ser educador de infância ainda choca muita gente; e a *profissão de mulher*, onde o entrevistado volta a frisar que a profissão de

educador de infância é considerada pela generalidade das pessoas, uma profissão para mulheres.

Na categoria **segurança e confiança**, o respondente afirma que os homens são alvo de segregação por escolherem esta profissão, contudo, na opinião do mesmo, se cada um de nós estiver bem consigo próprio e seguro do que está a fazer, não terá problemas.

Em relação às questões sobre o que poderia ser diferente se houvesse mais homens docentes, na categoria **presença masculina**, resultam três subcategorias: *maior objetividade, o masculino no contexto de creche e menos problemas*. Nestas subcategorias, o respondente fala da maior objetividade do género masculino, do contexto de creche como sendo o mais difícil de trabalhar no caso particular dos homens e ainda, o facto da presença masculina tornar mais equilibrada a educação, trazendo em consequência, menos complicações.

No que diz respeito à relação com as crianças, na categoria **homem como docente**, o inquirido admite não existirem diferenças significativas na relação com as crianças, defendendo novamente, em **traços de personalidade**, que a relação com as crianças e as práticas que o docente implementa, não tem a ver com o género, mas sim com a personalidade do mesmo. Mais a diante, na categoria **equilíbrio no trabalho**, o respondente acredita que a presença de ambos os géneros, torna o trabalho com as crianças mais rico, sendo que os dois géneros podem complementar-se um ao outro. Na categoria seguinte, **atividades sob influência cultural**, o entrevistado dá a informação de que, por vezes, podem ser identificadas algumas brincadeiras pertencentes ao género e que isso acontece por influência cultural.

No que diz respeito a outros domínios relacionais, em **perspetivas sobre género**, o educador defende, mais uma vez, a perspetiva de que a educação e as práticas docentes não podem, nem devem, ser vistas como algo pertencente ao género, enfatizando a ideia de que “Eu não acredito que haja coisas que o homem não possa fazer ou que a mulher não possa fazer.” (anexo F, linhas 91 e 92)

Quando questionado sobre a relação com as famílias, na categoria **relação com os pais**, o inquirido revela que, numa primeira fase, existe *mais reticência com o homem docente*, sendo então necessário um *período de adaptação decisivo*, para que posteriormente, seja estabelecida uma excelente relação com as famílias das crianças, facto que tem acontecido desde sempre, ao longo da sua carreira. No âmbito das

conceções sobre educação, o respondente defende a *presença das famílias na escola*, caracterizando de que forma acredita nessa presença.

Na categoria **segurança como docente**, o inquirido demonstra o orgulho que sente em ser educador de infância e o facto de nunca ter sentido qualquer embaraço em relação à sua profissão.

Em **evolução de mentalidade**, o respondente é da opinião de que, atualmente, existe *menos desconfiança* em relação aos docentes do género masculino, consequência do aumento do número de homens docentes.

No que diz respeito a trabalho com outros docentes homens, na categoria **ausência de colegas homens**, podemos perceber que nunca trabalhou com homens, sendo sempre o único docente em todas as escolas que esteve.

Na categoria **diferenças entre homens e mulheres**, referente à implementação das práticas pedagógicas, o educador inquirido pensa que o género masculino traz *descomplicação* em comparação com o género feminino, realçando também a *objetividade*, como fator característico do género masculino.

Na última categoria, **presença dos homens docentes nas escolas**, o inquirido partilha da opinião com alguns dos outros entrevistados, designadamente a de que o género masculino pode trazer *maior tranquilidade e equilíbrio* ao ambiente escolar, acrescentando também que, os homens docentes criam *melhor relação com os auxiliares de educação*.

Em síntese, ao longo da entrevista, foi demonstrada a opinião de que não há nada que o homem e a mulher não possam fazer, pois ambos os géneros possuem capacidades para desempenhar a profissão de docente com qualidade. O entrevistado frisa ainda como ponto chave para a educação, a presença de ambos os géneros na educação da criança, como forma de equilibrar as aprendizagens e experiências que a criança pode vivenciar.

Tabela 3 - Tabela de análise de conteúdo da entrevista – Educadora (Anexo G)

Tema: Percurso profissional e formação.		
Pergunta: Fale-me da sua formação académica: Onde estudou? Há quantos anos tirou o curso? Fale-me do seu percurso profissional: Quantos anos de serviço tem? Em quantas escolas já exerceu (públicas ou privadas)?		
Categoria	Sub. categoria	Respostas
Experiência profissional	- Muitos anos de experiência	“30 anos de serviço.” (linha 6)
	- Ausência de experiência em contexto de creche	“Nunca trabalhei em creche.” (linha 60)
Contexto de trabalho	- Percurso profissional em escolas privadas	“Sempre na casa Nuclisol.” (linha 8)
	- Trabalho com homens	“Eu sempre trabalhei com homens. Desde que tirei o curso, sempre tive estagiários do Piaget.” (linhas 13 e 14)

Tema: Presença dos homens na educação e na sociedade.		
Pergunta: Qual a sua opinião sobre a presença dos homens na educação?		
Categoria	Sub. categoria	Respostas
Conceções e estereótipos quanto ao género	- Homem visto como o predador	“(…) era o predador, o homem é sempre o predador (…), o violador.” (linhas 56 e 57)
	- Papel do homem e da mulher	“A mulher era a cuidadora, a mãe cuidadora e o homem era o profissional, autoridade, sabedoria.” (linhas 26 e 27)
	- Diferença entre definição de educador e professor.	“(…) para professor era bem visto, para educador penso que não, porque não era um cuidador, era uma autoridade, porque o professor era uma autoridade noutros tempos.” (linhas 27-29)
Igualdade entre género dos docentes	- Presença dos homens como docentes	“(…) acho que é uma mais valia, assim como as mulheres. Acho que não há diferença.” (linhas 14 e 15)
	- Docência como vocação	“(…) é uma questão de vocação, não uma questão de género (…) quem tem vocação acho que deve seguir esta carreira educacional.” (linhas 18 e 20)

Tema: Discrepância numérica entre o género dos docentes.		
Pergunta: Em relação à educação de infância, o número de profissionais de género masculino é muito inferior quando comparado ao do sexo feminino. Quais serão no seu entender as causas desta discrepância numérica tão grande?		
Categoria	Sub. categoria	Respostas
Causas da discrepância entre o género dos docentes	- Sociedade não evoluiu	“(…) isto também tem um bocado de educação em termos de sociedade, que ainda não evoluiu.” (linha 25)
	- Preconceito das famílias	“(…) o preconceito que poderá haver em relação a eles. Não nós como técnicos, mas se calhar, por parte dos pais.” (linhas 15 e 16)

Tema: Feminização da profissão docente.		
Pergunta: No seu entender existem consequências relativamente à feminização da profissão docente? Quais?		
Categoria	Sub. categoria	Respostas
Educação da criança e a importância do masculino e do feminino	- Presença dos géneros na educação da criança	“(…) faz logo diferença se nós estamos a educar crianças para a parte social, para se relacionarem uns com os outros, para não haver diferença, logo aí, se não houver o masculino e o feminino, estamos nós a marcar a diferença, naquilo que estamos a tentar educar a criança.” (linhas 32-35)

Tema: Diferenças da existência de mais docentes homens.		
Pergunta: O que poderia ser diferente se existissem mais profissionais do sexo masculino na educação de infância e mesmo no 1º ciclo?		
Categoria	Sub. categoria	Respostas
Contributos para a criança	- Indiferença sobre o género do docente	“(…) quem tenha paixão naquilo que faz, seja homem ou mulher, é sempre uma mais valia na educação da criança, no seu projeto como pessoa e de evolução ao longo da vida.” (linhas 38-40)
Presença dos homens como docentes	- Valorização da presença dos homens	“(…) é uma mais valia sempre haver homens a trabalhar connosco.” (linhas 66 e 67)

Tema: Relação com as crianças.		
Pergunta: Em termos de relação com as crianças, acha que existem diferenças devido ao facto de o educador ser homem ou mulher? Quais as principais diferenças que reconhece? Em termos afetivos e de cuidados, parece-lhe que o educador homem consegue dar resposta às necessidades das crianças? Porquê?		
Categoria	Sub. categoria	Respostas
Género dos docentes e as crianças		“Eu já trabalhei com ambos, com homens e com mulheres e acho que não há diferença nenhuma.” (linhas 47 e 48)

Tema: Relação com as famílias.		
Pergunta: Em relação às famílias face à sua experiência, como se processam as comunicações? Tem sentido alguma dificuldade em particular?		
Categoria	Sub. categoria	Respostas
Atitudes das famílias	- Preconceitos	“(…) se falarmos em termos gerais, há sempre preconceito.” (linha 56)
Relação com os pais	- Valorização do homem pelas famílias	“(…) os pais sempre gostaram do homem a trabalhar com as crianças.” (linhas 59 e 60)
	- Facilidade nas comunicações	“(…) sempre tiveram um papel fundamental nos grupos com que trabalhei.” (linhas 61 e 62)
	- Creche mais complexo	“Acho que a creche é onde se toca na ferida.” (linha 60)

Tema: Diferença na implementação das práticas entre mulheres e homens.		
Pergunta: Face aos colegas do sexo feminino, identifica alguma(s) diferença(s) significativa(s) na implementação das práticas pedagógicas? Em que aspetos ou em que domínios?		
Categoria	Sub. categoria	Respostas
Igualdade nas práticas		“É igual, de todo. Acho que um bom profissional que passa paixão, tanto faz ser homem como mulher.” (linhas 65 e 66)

Tema: Maior número de docentes homens e influência no clima de trabalho nas escolas.

Pergunta: Acha que se existissem mais docentes homens o ambiente e o clima de trabalho nas escolas poderia ser diferente? Em que termos?

Categoria	Sub. categoria	Respostas
Presença dos homens na escola	- Qualidades profissionais	“Eu acho que não vai haver diferença, lá está, o que é que o homem vai marcar a diferença por ser homem? Vai marcar a diferença com a paixão que tem por aquilo que está a fazer.” (linhas 70-72)

Com a análise da informação da entrevista à educadora (Anexo G), emergiram 13 categorias que espelham sobretudo, independentemente do género do docente, quem desempenha a profissão de educador ou professor com paixão, irá sempre trazer contributos para a educação das crianças.

Nas primeiras duas categorias, **experiência profissional e contexto de trabalho**, a respondente fez a apresentação do seu percurso como educadora de infância, dando a conhecer os contextos pelos quais já passou. Podemos então atestar que tem 30 anos de experiência como docente, trabalhou sempre na mesma instituição, nunca trabalhou com crianças em creche e desde o início da sua carreira, trabalhou com homens.

Nas categorias seguintes, a entrevistada fala sobre a forma como algumas pessoas, ainda veem ou viram o papel do homem na sociedade, e de que forma os homens se enquadram na profissão docente. Na categoria **conceções e estereótipos quanto ao género**, a educadora dá informações que culminam em três subcategorias: *homem visto como predador*, onde a entrevistada diz que o homem era visto como o “predador” e/ou “violador”, razão pela qual não era aceita no mundo da educação; o *papel do homem e da mulher*, onde são atribuídas competências tanto ao género feminino como ao masculino, nomeadamente o de cuidadora às mães e o de autoridade aos pais; e por último a *diferença entre definição de educador e professor*, onde a respondente transparece a visão de que os homens eram bem vistos aquando se tornavam professores, pois, noutros tempos, o papel do professor, à semelhança do papel do homem, era associado à autoridade.

Na categoria **igualdade entre género dos docentes**, a educadora transmite a opinião de que à semelhança das mulheres, os homens são um contributo para a educação, informação esta, contida na subcategoria *presença dos homens como docentes*. Contudo, na subcategoria *docência como vocação*, na visão da respondente, a educação “(...) é uma questão de vocação, não uma questão de género (...) quem tem vocação acho que deve seguir esta carreira educacional.” (anexo G, linhas 18 e 20)

Na categoria seguinte, **causas da discrepância entre género dos docentes**, a opinião da entrevistada dividiu-se em duas subcategorias: a *sociedade não evoluiu*, onde a educadora diz que a educação ainda não conseguiu evoluir a sociedade; e *preconceito das famílias*, onde a respondente aborda o preconceito que, na opinião da mesma, as famílias das crianças, ainda têm em relação aos docentes do género masculino.

Na categoria posterior, *educação da criança e a importância do masculino e do feminino*, a respondente refere a importância da presença de ambos os gêneros na educação, como fator fulcral na educação das crianças, pois na opinião da mesma:

“(…) faz logo diferença se nós estamos a educar crianças para a parte social, para se relacionarem uns com os outros, para não haver diferença, logo aí, se não houver o masculino e o feminino, estamos nós a marcar a diferença, naquilo que estamos a tentar educar a criança.” (anexo G, linhas 32-35)

Aquando confrontada com a ideia de existirem mais docentes do género masculino, a entrevistada, na categoria **contributos para a criança**, é da opinião de que a presença de profissionais que tenham paixão pela profissão docente, sejam eles homens ou mulheres, é sempre uma mais valia para a educação das crianças, sendo que na categoria **presença dos homens como docentes** confirma mais uma vez, que a presença dos homens traz vantagens para a educação.

Em matéria da relação com as crianças, na categoria **género dos docentes e as crianças**, fundamentando a sua opinião com base na sua experiência a trabalhar com homens e mulheres, a entrevistada afirma que não existe diferença na relação com as crianças.

Nas categorias seguintes, onde se abordam novamente as relações, mas desta vez com as famílias das crianças, na categoria **atitudes das famílias**, podemos averiguar que na opinião da educadora, na generalidade dos casos, as famílias ainda apresentam preconceitos para com os educadores homens. Contudo, na categoria **relação com os pais**, que se divide em três subcategorias, no âmbito da *valorização do homem pelas famílias*, a entrevistada transmite a opinião de que os pais sempre valorizaram os homens que trabalham com as crianças. A própria reforça esta posição na subcategoria *facilidade nas comunicações*, onde afirma que os homens “(…) sempre tiveram um papel fundamental nos grupos com que trabalhei.” (anexo G, linhas 61 e 62)

Ainda referente à categoria anterior, na subcategoria *creche mais complexo* dá a conhecer que o contexto de creche é a realidade mais difícil para o homem, pois na opinião da respondente “(…) é onde se toca na ferida” (anexo G, linha 60)

Em relação à implementação das práticas pedagógicas, em **igualdade nas práticas**, podemos constatar que na opinião da educadora, o género não influencia, dando ênfase, mais uma vez, à paixão como principal fator contributivo para a implementação de práticas pedagógicas.

Na última categoria **presença dos homens na escola**, a entrevistada remete novamente o foco para o gosto pela profissão docente e a paixão que se tem, ou não, pela profissão como marco diferencial dos docentes.

Em suma, ao longo da entrevista, foi partilhada a opinião de que o género masculino pode, à semelhança do género feminino, trazer contributos para a educação das crianças, pois, na opinião da entrevistada, não existem competências inerentes a nenhum dos géneros. Para a respondente, o gosto e a paixão pela profissão são as características necessárias para o desempenho da docência, sendo que, ambos os géneros, podem contribuir significativamente para a educação.

Tabela 4 - Tabela de análise de conteúdo da entrevista - Encarregada de educação (Anexo H)

Tema: Enquadramento familiar.		
Pergunta: Fale-me da sua família: Qual o seu enquadramento familiar em termos do estado civil? Tem filhos? Quantos? Menino ou menina?		
Categoria	Sub. categoria	Respostas
Enquadramento pessoal do entrevistado	- Estado civil	“Sou solteira.” (linha 3)
	- Número e género dos filhos	“(…) tenho uma filha.” (linha 3)
Membros do agregado familiar	- Constituição do agregado familiar	“(…) partilhamos casa com a minha mãe, ou seja, somos três mulheres numa casa.” (linhas 3 e 4)
	- Idades de alguns dos membros do agregado familiar	“Quantos anos tem a sua filha? Sete. Eu tenho 38.” (linhas 5, 6 e 8)

Tema: Conhecer o percurso escolar do(s) filho(s) do(s) entrevistado(s).		
Pergunta: O(s) seu(s) filho(s) frequenta(m) ou já frequentou (frequentaram) a creche ou o jardim de infância? Neste momento, em que nível de educação se encontra(m)? Quantos docentes teve o(s) seu(s) filho(s) ao longo do percurso escolar? Algum deles era do sexo masculino?		
Categoria	Sub. categoria	Respostas
Percurso escolar dos filhos	- Contextos	“O seu filho já frequentou creche ou jardim de infância? Sim já.” (linhas 9 e 10)
	- Contexto atual	“Está no 1º ano.” (linha 12)
Docentes no percurso escolar dos filhos	- Número de docentes	“Teve dois.” (linha 16)
	- Género dos docentes	“E algum deles era do sexo masculino? Sim.” (linhas 17 e 18)

Tema: Discrepância numérica entre o género dos docentes.

Pergunta: Em relação à educação de infância, o número de profissionais de género masculino é muito inferior quando comparado ao do sexo feminino. Quais serão no seu/vosso entender as causas desta discrepância numérica tão grande?

Categoria	Sub. categoria	Respostas
Motivos da discrepância numérica entre géneros de educadores de infância	- Conceções e estereótipos	“Eu acho que até há uns anos atrás, um educador ou uma educadora era ligado (...) ao lado maternal e daí acabarem por ser mais mulheres do que homens.” (linhas 22-24)
	- Reprodução dos papéis na família	“Como hoje em dia, aliás, como no passado também se via, os pais também não eram muito presentes na educação dos filhos, sempre foram as mães.” (linhas 24 e 25)
	- Mulheres maior apetência	“Eu acho que por aí o facto de as mulheres terem mais à vontade para essa função.” (linhas 25 e 26)

Tema: Mais profissionais do sexo masculino.		
Pergunta: O que poderia ser diferente se existissem mais profissionais do sexo masculino na educação de infância e mesmo no 1º ciclo?		
Categoria	Sub. categoria	Respostas
Melhorias para a educação		“Eu acho que poderia trazer melhorias.” (linha 29)

Tema: Relação com as crianças.		
Pergunta: Em termos de relação com as crianças, pensa(m) existirem diferenças devido ao facto de o educador ser homem ou mulher? Quais serão as principais diferenças? Em termos afetivos e de cuidados, parece-lhe(s) que o educador homem consegue dar resposta às necessidades das crianças? Porquê?		
Categoria	Sub. categoria	Respostas
Diferenças na relação com as crianças	- O género masculino e a relação com as crianças	“(…) exige um pouco mais de respeito e atenção.” (linhas 34 e 35)
Experiência da filha	- Qualidade da relação com o educador	“No caso da minha filha, sendo menina, eu vejo que ela tem uma relação muito mais assertiva com o sexo masculino do que propriamente com o feminino.” (linhas 35-37)

Tema: Relação com as famílias.		
Pergunta: Em relação à experiência enquanto mãe, acha que um educador homem consegue criar a mesma relação convosco, que uma educadora mulher? Já teve alguma dificuldade em criar essa relação/pensa que teria dificuldade em criar essa relação? Porquê?		
Categoria	Sub. categoria	Respostas
Dúvidas por parte das famílias		“(…) ainda há uma certa reticência por parte de alguns pais.” (linha 41)
Paridade de género no exercício profissional		“(…) um educador homem consegue criar a mesma relação (…) do que uma educadora mulher? Acho, totalmente, sim.” (linhas 44-46)

Tema: Diferenças nas práticas pedagógicas.		
Pergunta: Identifica(m) alguma(s) diferença(s) nas práticas pedagógicas dos educadores de infância homens e mulheres? Quais?		
Categoria	Sub. categoria	Respostas
Diferenças entre homens e mulheres docentes	- Gestão emocional	“(…) o sexo masculino consegue ter um nível de gestão emocional dos miúdos diferente.” (linhas 30 e 31)
	- Complementaridade dos papéis	“(…) as crianças quando olham para uma educadora, olham um bocado para o lado maternal e todos nós sabemos que a mãe é sempre aquela que dá o puxão de orelhas, mas a seguir põem a mão por baixo.” (linhas 53-56)
	- As práticas do docente homem	“(…) um docente do sexo masculino (…) acaba por conseguir deles, um bocado mais de atenção. Exige ali um bocadinho, eu não quero dizer que seja respeito, mas (…) consegue cativá-los mais.” (linhas 56-59) “(…) os profissionais do sexo masculino, acabam por retirar mais da criança do que do sexo feminino.” (linhas 52 e 53)

Tema: Educador homem e os contributos que poderia trazer.		
Pergunta: Acha(m) que um educador homem pode/poderia trazer contributos diferentes para a educação dos seus filhos? Em que medida?		
Categoria	Sub. categoria	Respostas
Contributos da presença masculina no percurso da filha	- Experiência pessoal relevante	“(…) a (nome da filha) teve sempre uma educadora, mas teve sempre um suporte por trás masculino e eu acho que isso foi muito importante.” (linhas 62 e 63)
	- Fatores positivos da presença masculina	“(…) um auxiliar. Esse auxiliar do sexo masculino teve ali alguma capacidade de captação, atividade de concentração que se calhar, só com o sexo feminino se perde um bocadinho.” (linhas 65-67)

Com a análise da informação recolhida da entrevista à encarregada de educação (Anexo H), assomaram 12 categorias que demonstram principalmente, que nem a família da criança, nem a criança, têm qualquer problema em lidar com docentes do género masculino, pelo contrário, veem neles possíveis competências e melhorias para a educação.

Nas primeiras três categorias, **enquadramento pessoal do entrevistado**, **membros do agregado familiar** e **percurso escolar dos filhos**, a entrevistada fez a apresentação do seu agregado familiar e deu a conhecer alguns dos seus contextos. É mãe e encarregada de educação de uma filha de sete anos, que frequentou anteriormente a valência de creche e jardim de infância, e que neste momento frequenta o 1º ano do 1º ciclo do ensino básico.

Na categoria **docentes no percurso escolar dos filhos**, a respondente partilhou que a sua filha, ao longo do percurso escolar, teve apenas dois docentes, sendo que um deles é do género masculino. Esta informação deu-nos a conhecer, e que viria a ser validada em algumas questões mais adiante, um parecer corroborado pela experiência com o docente homem, e não uma mera opinião estereotipada.

Na categoria seguinte **motivos da discrepância numérica entre géneros de educadores de infância**, a entrevistada enumera várias razões para esse facto. Da sua apreciação decorreram três subcategorias: *concepções e estereótipos*, onde a respondente aborda o lado maternal ligado à educação das crianças nas escolas; a *reprodução dos papéis na família*, em que considera que os pais não estão tão ligados à educação dos filhos, sendo da opinião que quem assume esse papel são as mães; e, por fim, *mulheres maior apetência*, como sendo o género feminino aquele tem mais “à vontade” para desempenhar a função de educadora.

Contudo, na categoria **melhorias para a educação**, a encarregada de educação assume que os homens podem trazer melhorias para a educação, indo ao encontro da informação recolhida nas categorias seguintes, nomeadamente, **diferenças na relação com as crianças e experiências da filha**, onde a entrevistada afirma “No caso da minha filha, sendo menina, eu vejo que ela tem uma relação muito mais assertiva com o sexo masculino do que propriamente com o feminino.” (anexo H, linhas 35-37)

Em termos de relação com as famílias, na categoria **duvidas por parte das famílias**, a encarregada de educação entende que ainda existem reticências de algumas famílias quanto aos docentes do género masculino, mas na categoria **paridade de**

gênero no exercício profissional, defende que os educadores homens, conseguem criar a mesma relação com as famílias, do que as colegas do gênero feminino.

Posteriormente, na categoria **diferenças entre homens e mulheres docentes**, a inquirida atribui algumas diferenças aos gêneros, que culminaram numa divisão em três subcategorias: *gestão emocional*, onde diz que os educadores homens têm “um nível de gestão emocional dos miúdos diferente” (anexo H, linha 31); *complementaridade dos papéis*, onde a entrevistada compara a visão que as crianças têm da mãe ao da educadora do gênero feminino, dando a entender que nem sempre isso é benéfico; e por fim *as práticas do docente homem*, onde a encarregada de educação admite que “(...) os profissionais do sexo masculino, acabam por retirar mais da criança do que do sexo feminino.” (anexo H, linhas 52 e 53)

Por último, na categoria **contributos da presença masculina no percurso da filha** que se subdividiu em *experiencia pessoal relevante e fatores positivos da presença masculina*, a respondente eleva a importância que um auxiliar de educação teve no percurso escolar da sua filha, dizendo até na última subcategoria que “Esse auxiliar do sexo masculino teve ali alguma capacidade de captação, atividade de concentração que se calhar, só com o sexo feminino se perde um bocadinho.” (anexo H, linhas 65-67)

Em sùmula, ao longo da entrevista, a opinião de que o gênero masculino pode trazer melhorias para a educação foi destacada, pois no que diz respeito à experiência pessoal e da sua filha, a encarregada de educação pensa que a relação com o gênero masculino é muito mais “assertiva”, exigindo mais “atenção” e “respeito”, conseguindo “cativar” mais as crianças.

Tabela 5 - Tabela de análise de conteúdo de entrevista - Docente em cargo diretivo (Anexo I)

Tema: Percurso profissional e formação.		
Pergunta: Fale-me da sua formação académica: Onde estudou? Há quantos anos tirou o curso?		
Fale-me do seu percurso profissional: Quantos anos de serviço tem? Em quantas escolas já exerceu (públicas ou privadas)?		
Categoria	Sub. categoria	Respostas
Vasta formação	- Formação em educação de infância	“O meu primeiro curso foi de educadora de infância, no Instituto Piaget em Almada.” (linhas 3 e 4)
	- Formação complementar	“(…) fiz direção e administração escolar, também no Instituto Piaget.” (linhas 4 e 5)
	- Grau de mestre	“(…) fiz mestrado em Educação em Sociedade no ISCTE.” (linha 5)
	- Doutorada	“(…) defendi o doutoramento em educação na Lusófona.” (linha 6)
Experiência relevante	- Estagiária	“A primeira função que tive foi como estagiária.” (linhas 10 e 11)
	- Educadora	“(…) no final da formação, fiquei como educadora, (…) durante uns dois anos sensivelmente.” (linhas 13 e 14)
	- Experiência em unidades de desenvolvimento	“(…) o Instituto Piaget convidou-me para acompanhar as unidades de desenvolvimento.” (linhas 14 e 15)
	- Cargo diretivo	“(…) posteriormente, fiquei a fazer parte da direção na (nome da escola), (…) como tesoureira, vice-presidente e também com departamentos associados à pedagogia, científico pedagógico, expansão, património.” (linhas 15-18)
	- 27 anos de experiência diretiva	“(…) desde 1993.” (linha 16)

Tema: Presença dos homens na educação e na sociedade.		
Pergunta: Qual a sua opinião sobre a presença dos homens na educação?		
Categoria	Sub. categoria	Respostas
Relação homem/educação	- Dificuldades	“O problema da educação e dos homens sempre foi complicado.” (linha 20)
Presença masculina nas instituições	- Defesa da figura masculina	“Nós sempre nos debatemos que deveríamos ter sempre a figura masculina presente nas nossas instituições.” (linhas 21 e 22)
	- Minoria	“De facto a maioria são sempre mulheres, 99% ou mais são figura feminina e o homem é sempre a figura que está em minoria.” (linhas 22-24)
Preconceitos sobre o homem	- Realidade em Portugal	“(…) tem que haver uma mentalidade que ainda não está completamente clara em Portugal, porque ainda existe muito o preconceito do homem.” (linhas 26-28)
	- Contexto mais problemático nas faixas etárias mais baixas	“(…) principalmente na creche.” (linha 28) “Onde continua a falhar ainda é na parte da creche. O pré-escolar, o 1º ciclo já não é a mesma coisa.” (linhas 62 e 63)
Papel dos homens na educação	- Investimento do homem na área da educação	“(…) os homens deveriam investir mais na educação.” (linhas 33 e 34)
	- Comparação com as mulheres	“(…) o homem também tem o seu papel na educação da criança, pode fazer o mesmo que a mulher faz e contribuir com outras diferenças.” (linhas 36-38)

Tema: Discrepância numérica entre o género dos docentes.		
Pergunta: Em relação à educação de infância, o número de profissionais de género masculino é muito inferior quando comparado ao do sexo feminino. Quais serão no seu entender as causas desta discrepância numérica tão grande?		
Categoria	Sub. categoria	Respostas
Causas da discrepância numérica	- Preconceito	“É cultural. Não há dúvida, é inevitável. (...) é o preconceito.” (linha 42) “Para mim, é uma questão cultural e de mentalidade.” (linha 49)
	- Lado feminino	“(…) esta profissão ainda está muito associada às mulheres.” (linha 43)
	- Falta da educação para a diferença de género	“Continuamos a não fazer um trabalho em que a educação tem de ser vista quer pelo homem, quer pela mulher. A educação conta muito.” (linhas 68-70)
Alicerces para a escolha da profissão docente	- Importância dos contextos	“Eu acho que a tua escolha teve muito a ver com este contexto onde tu cresceste. A tua família foi importante. Significa que a educação tem sempre a ver com a família e com os contextos onde nós estamos inseridos.” (linhas 72-74)
Discrepância numérica de homens na profissão de educador e professor		“Não escolhem a profissão de ser educador. Professor é diferente, já há mais professores, até porque havia mais professores homens do que mulheres.” (linhas 58-60)

Tema: Feminização da profissão docente.		
Pergunta: No seu entender existem consequências relativamente à feminização da profissão docente? Quais?		
Categoria	Sub. categoria	Respostas
Realidade preferencial nas escolas	- Diversificação	“As escolas devem ter um conjunto de colaboradores diversificados.” (linha 46)
	- Equilíbrio dos géneros	“Portanto, devia de ser quase meio por meio, deveria de haver tantos homens como mulheres na escola, mas não há.” (linhas 47 e 48) “(…) deveria de haver um equilíbrio.” (linha 57)

Tema:	Diferenças da existência de mais docentes homens.	
Pergunta:	O que poderia ser diferente se existissem mais profissionais do sexo masculino na educação de infância e mesmo no 1º ciclo?	
Categoria	Sub. categoria	Respostas
Igualdade no desenvolvimento de projetos		“(…) em termos de desenvolvimento de projetos, seria a mesma coisa, porque (…) imaginemos, no pré-escolar há orientações.” (linhas 52-54)
Género e profissionalidade	- Influência do género	“Mas a verdade é que o género nos define e podemos ter situações diferentes.” (linha 54)
	- Diferença entre géneros	“(…) um homem e uma mulher têm sempre uma visão diferente da coisa.” (linhas 55 e 56)
Estereótipos de género	- Papel do professor associado às competências masculinas	“(…) o papel do professor via-se relacionado com o homem.” (linhas 65 e 66)

Tema:	Relação com as crianças.	
Pergunta:	Em termos de relação com as crianças, acha que existem diferenças devido ao facto de o educador ser homem ou mulher? Quais as principais diferenças que reconhece? Em termos afetivos e de cuidados, parece-lhe que o educador homem consegue dar resposta às necessidades das crianças? Porquê?	
Categoria	Sub. categoria	Respostas
Igualdade de géneros na relação com as crianças		“A resposta deveria ser que é igual. Mas depende de pessoa para pessoa.” (linha 77)
	- Desvalorização do género pelas crianças	“(…) a criança em crescimento, desde pequeninos eles veem a presença afetiva e eles não estão a medir se é homem ou se é mulher. (…) aquela relação (…) tanto estabelecem com o género feminino como masculino.” (linhas 80-83)

Tema: Relação com as famílias.		
Pergunta: E em relação às famílias, face à sua experiência, como se processam as comunicações entre os educadores homens e os familiares? Existem dificuldades? Porquê?		
Categoria	Sub. categoria	Respostas
Diferenças de geração quanto à influência familiar	- Igualdade de “papéis”	“(…) os pais hoje já têm um papel diferente.” (linha 58) “(…) o homem hoje, enquanto pai, já tem um papel diferente, definem-se papéis muito idênticos aos da mãe. (…) e isso vê-se nesta geração.” (linhas 60-62)
Dificuldades com docente masculino	- Dificuldades das famílias	“Eu acho que existe mais dificuldade das famílias com o educador homem.” (linhas 86 e 87)
Causas das dificuldades	- Mentalidade como causa	“Continua a ser uma questão de preconceito, cultura e mentalidade.” (linha 87)

Tema: Questões de género na escola.		
Pergunta: Na instituição que dirige, como avalia o impacto das questões de género no trabalho em geral, no clima e no ambiente organizacional?		
Categoria	Sub. categoria	Respostas
Educação a promover	- Igualdade de género	“Temos que construir e promover uma educação que contribua para a igualdade de género.” (linhas 91 e 92)

Tema: Trabalho com homens.		
Pergunta: Em relação à sua experiência profissional, já trabalhou em escolas com educadores homens?		
Categoria	Sub. categoria	Respostas
Experiência enquanto educadora	- Inexistência	“Quando eu era educadora de infância não tinha nenhum homem.” (linha 95)
Experiência enquanto diretora	- São sempre minorias	“(…) trabalhámos com diretores, (…) educadores e professores, mas são sempre em minoria.” (linha 96)

Tema: Diferença nas práticas pedagógicas.		
Pergunta: Identifica alguma(s) diferença(s) na(s) prática(s) pedagógicas dos educadores de infância homem e mulheres? Quais?		
Categoria	Sub. categoria	Respostas
Perfil global	- Género entre outros atributos	“(…) independentemente de dizermos que somos todos iguais, somos todos diferentes, o homem é homem e a mulher é mulher.” (linhas 34 e 35) “Só o facto de tu seres masculino e eu feminino, (…) são pessoas diferentes.” (linha 99 e 100) “Independentemente do género, cada ser é um ser diferente.” (linhas 100 e 101)

Tema: Contratação de docentes.		
Pergunta: Em relação à sua experiência como diretora, no ato da contratação de docentes, o género influencia a sua escolha? Porquê/Em que medida?		
Categoria	Sub. categoria	Respostas
Igualdade de oportunidades	- Critérios de qualidade	“Não influencia em nada. Se tiver um bom currículo e reunir os requisitos, tanto será homem como mulher.” (linhas 106 e 107)

Tema: Desempenho de cargos diretivos.		
Pergunta: No que diz respeito a cargos diretivos, existe algum género mais apto para desempenhar essa função? Porquê?		
Categoria	Sub. categoria	Respostas
Igualdade de competências		“Não. Tanto tem competências a mulher como o homem.” (linha 110)

De acordo com a análise da entrevista a uma docente com cargo diretivo (Anexo I), emergiram 23 categorias que demonstram particularmente, que apesar de ainda existir preconceito para com os homens docentes, os mesmos têm lugar na educação e podem trazer contributos para a docência.

Nas primeiras duas categorias, **vasta formação e experiência relevante**, a respondente fala sobre a sua formação académica e do seu percurso profissional. A partir das informações dadas, podemos conferir que a entrevistada tem *formação em educação de infância*, fez *formação complementar* em administração escolar, possui o *grau de mestre* e é *doutorada*. Em relação ao percurso profissional, a inquirida considera-lo a partir de momento que foi *estagiária*, passando posteriormente para *educadora*, tendo também *experiência em unidades de desenvolvimento* e por fim, um *cargo diretivo*, onde já conta com *27 anos de experiência diretiva*.

Na categoria **relação homem/educação**, a respondente admite que os homens sempre tiveram problemas no mundo da educação, sendo que na categoria **presença masculina nas instituições**, a entrevistada faz a *defesa da figura masculina*, constatando que a presença do género masculino como docente é sempre a *minoría*. Já na categoria **preconceitos sobre o homem**, a docente com cargo diretivo aborda a *realidade em Portugal*, transparecendo a ideia de que ainda existe muito preconceito para com os docentes homens e que na sua opinião, à semelhança das opiniões da maior parte dos entrevistados, o contexto de creche, é o contexto mais problemático para os homens. Na categoria **papel dos homens na educação**, a entrevistada aborda o *investimento do homem na área da educação* e na última subcategoria, *comparação com as mulheres*, enfatiza o papel do homem na educação da criança, referindo que “(...) o homem também tem o seu papel na educação da criança. Pode fazer o mesmo que a mulher faz e contribuir com outras diferenças.” (anexo I, linhas 36-38)

Em relação á discrepância numérica entre docentes do género masculino e feminino, na categoria **causas da discrepância numérica**, as informações transmitidas dividem-se em três subcategorias, nomeadamente o *preconceito*, onde a inquirida confirma uma cultura de preconceito para com os homens docentes; o *lado feminino*, onde a respondente transparece a ideia de que a profissão de educador de infância está mais associada às mulheres; e a *falta de educação para a diferença de género* como fator principal para o contínuo preconceito social para com os homens. Na categoria que se segue, **alicerces para a escolha da profissão docente**, é realçada a importância dos contextos vivenciados para a escolha da profissão docente pelos homens. Na

categoria **discrepância numérica de homens na profissão de educador e professor** aborda-se o facto de existirem muito mais homens na profissão de professor, do que na de educador.

Relativamente às questões sobre a feminização excessiva da profissão docente, a inquirida defende a *diversificação* de colaboradores nas escolas, abordando também o *equilíbrio dos géneros*, como realidade preferencial.

No que se refere à possibilidade de existirem diferenças com o aumento de profissionais do género masculino, a respondente é da opinião de que, iria existir *igualdade no desenvolvimento de projetos*, pois existem orientações para isso. Na categoria, **género e profissionalidade**, a inquirida partilha a opinião de que podem existir situações em que o género nos define, confessando que “(...) um homem e uma mulher têm sempre uma visão diferente.” (anexo I, linhas 55 e 56)

Na categoria **estereótipos de género** é mencionado o *papel do professor associado às competências masculinas*, sendo que, segundo a inquirida, e indo ao encontro da opinião de outros entrevistados “(...) o papel do professor via-se relacionado com o homem.” (anexo I, linhas 65 e 66)

Em **igualdade de géneros na relação com as crianças**, a docente com cargo diretivo defende que a relação com crianças se altera de docente para docente, e que existe uma *desvalorização do género pelas crianças*, sendo que “(...) a criança em crescimento, desde pequeninos eles veem a presença afetiva e eles não estão a medir se é homem ou se é mulher. (...) aquela relação (...) tanto estabelecem com o género feminino como masculino.” (anexo I, linhas 80-83)

Em relação às famílias das crianças, em **diferenças de geração quanto à influência familiar**, a entrevistada transmite que, atualmente, os pais têm outro tipo de atuação nas famílias: “(...) o homem hoje, enquanto pai, já tem um papel diferente, definem-se papéis muito idênticos aos da mãe. (...) e isso vê-se nesta geração.” (anexo I, linhas 60-62)

Na categoria **dificuldades como docente masculino**, encontra-se a informação referente à dificuldade das famílias para com o educador homem, onde na categoria **causas das dificuldades** é descrita a *mentalidade como causa*.

No que concerne o impacto das questões de género no clima da escola, na categoria **educação a promover**, a docente defende que “Temos que construir e promover uma educação que contribua para a igualdade de género.” (anexo I, linhas 91 e 92)

No que diz respeito ao trabalho com educadores homens, na categoria **experiência enquanto educadora**, realça-se a *inexperiência* em trabalhar com homens educadores de infância, e na categoria **experiência enquanto diretora**, destaca-se o trabalho com diretores, professores e educadores homens, mas sempre como minoria.

Em relação à implementação das práticas pedagógicas, em **perfil global**, a inquirida defende que só o facto de sermos de géneros diferentes, tem *obrigatoriamente* de fazer diferença, contudo, não defende a diferença de género, como principal fator para a diferenciação na implementação das práticas pedagógicas.

No que toca ao ato de contratação de docentes, na categoria **igualdade de oportunidades**, a diretora defende que o género nada influencia o ato da contratação.

Por último, no que diz respeito às competências para o desempenho de cargos diretivos por docentes do género masculino ou feminino, a respondente defende a *igualdade de competências*, transmitindo a ideia de que tanto os homens como as mulheres possuem qualidades para desempenhar funções diretivas.

Em suma, ao longo da entrevista, foi demonstrada a opinião de que o género masculino e o género feminino têm diferentes opiniões e pontos de vista, contudo, em relação ao papel docente, a inquirida admite que os homens têm o seu papel na educação e que podem trazer contributos positivos para a área. A respondente refere também que o facto de atualmente ainda se verificar o preconceito e estereotipo pelos educadores homens, se deve ao facto de haver lacunas na educação que remetem para questões de género, salientando mesmo que a educação é a chave para acabar com essa diferença.

Conclusões finais das entrevistas

A partir do processo rigoroso de análise das entrevistas, em que foram feitas várias tabelas, quadros e interpretações do que foi dito pelos entrevistados, conseguimos enumerar seis grandes conclusões, que resultam da confluência de ideias dos inquiridos, sendo elas:

1ª conclusão - Importância atribuída ao exercício das funções docentes aos profissionais do género masculino;

2ª conclusão - Identificação de fatores de discriminação que condicionam o exercício da docência aos profissionais do sexo masculino;

3ª conclusão - Valorização do equilíbrio e diversidade de género nos estabelecimentos educativos e nas equipas docentes;

4ª conclusão - A aceitação do papel dos homens como profissionais de educação vai depender da evolução global das sociedades no que diz respeito às questões de género;

5ª conclusão - A qualidade do exercício profissional, da relação pedagógica e das qualidades humanas têm maior relevância que as questões de género na profissionalidade dos docentes;

6ª conclusão - Verifica-se a necessidade de dar mais tempo às famílias para se adaptarem ao exercício de funções docentes por parte dos profissionais do sexo masculino.

Ao longo da análise das entrevistas, são também notórios outros fatores dos quais podemos ainda tirar outro tipo de conclusões.

Ao longo da interpretação dos discursos e das opiniões mencionadas pelos respondentes é inequívoca a congruência entre a opinião dos dois docentes do género masculino, nomeadamente um professor e um educador. Os dois expressam principalmente a opinião de que, cada vez mais, é importante existir nas escolas a figura masculina, pois inevitavelmente, as crianças têm interesse em conhecer mais sobre os homens, devido a uma realidade excessivamente feminilizada. Os mesmos apontam ainda para a evolução da sociedade no que diz respeito às questões de género, como fator influenciador para o aumento da aceitação dos docentes do género masculino.

Fazendo um apanhado geral das ideias expressas pelos inquiridos e respondendo às questões que motivaram esta investigação, podemos afirmar que, o facto de ser homem não limita, em qualquer aspeto, a competência com que é desempenhada a função docente, pelo contrário, alguns dos inquiridos afirmam que os educadores e

professores do género masculino, podem possuir outro tipo de características que levam as crianças a interessar-se e motivar-se mais pelas aprendizagens. Ainda no que diz respeito aos docentes do género masculino e indo ao encontro de outra das questões que motivaram este relatório, os entrevistados exprimem a opinião de que o género do docente não influencia a relação que é estabelecida com as crianças, sendo esta igualmente positiva, tal como o é, com as docentes do género feminino.

Tabela 6 - Tabela de síntese final das entrevistas

Temas	Entrevistados	
Presença dos homens na educação e na sociedade	Professor	Exaltação dos docentes homens e alterações do papel masculino no contexto familiar. S.T-1
	Educador	Discriminação para com os homens docentes e desvalorização das questões de gênero no processo educativo. S.T-2
	Educadora	Definição dos papéis dos gêneros e docência ligada à vocação. S.T-3
	Enc. de Ed.	X
	Docente com cargo diretivo	Preconceitos para com o homem docente e comparações com o gênero feminino. S.T-4
Discrepância numérica entre o gênero dos docentes	Professor	Aumento do desinteresse pela profissão docente devido a vários fatores. S.T-5
	Educador	Falta de aceitação da sociedade para com os homens docentes e concepções sobre os homens que escolhem a profissão docente. S.T-6
	Educadora	Falta de evolução no pensamento da sociedade e preconceito para com os homens por parte das famílias. S.T-7
	Enc. de Ed.	Concepções e estereótipos quanto aos papéis docentes e à atuação dos homens na família. S.T-8
	Docente com cargo diretivo	Preconceito sobre o homem docente inculcido nas mentalidades atuais e importância dos contextos vividos para a escolha da profissão docente. S.T-9
Feminização da profissão docente	Professor	Dificuldades das mulheres em resolver conflitos entre as mesmas. S.T-10
	Educador	Confiança no trabalho desenvolvido como salvaguarda para possíveis problemas. S.T-11
	Educadora	Importância de ambos os gêneros na educação da criança. S.T-12
	Enc. de Ed.	X
	Docente com cargo diretivo	Maior equilíbrio numérico entre gêneros como realidade preferencial na docência. S.T-13
Diferenças da existência de mais homens	Professor	Importância da presença masculina para o desenvolvimento das crianças e normalidade da profissão em relação à realidade. S.T-14
	Educador	Menos complicações, maior objetividade consequente da presença masculina e contexto de creche como o mais problemático. S.T-15
	Educadora	Valorização da presença masculina e da qualidade educativa desvinculando-a das questões de gênero. S.T-16
	Enc. de Ed.	X
	Docente com cargo diretivo	Igualdades e diferenças entre gêneros e estereótipos quanto ao papel do professor. S.T-17

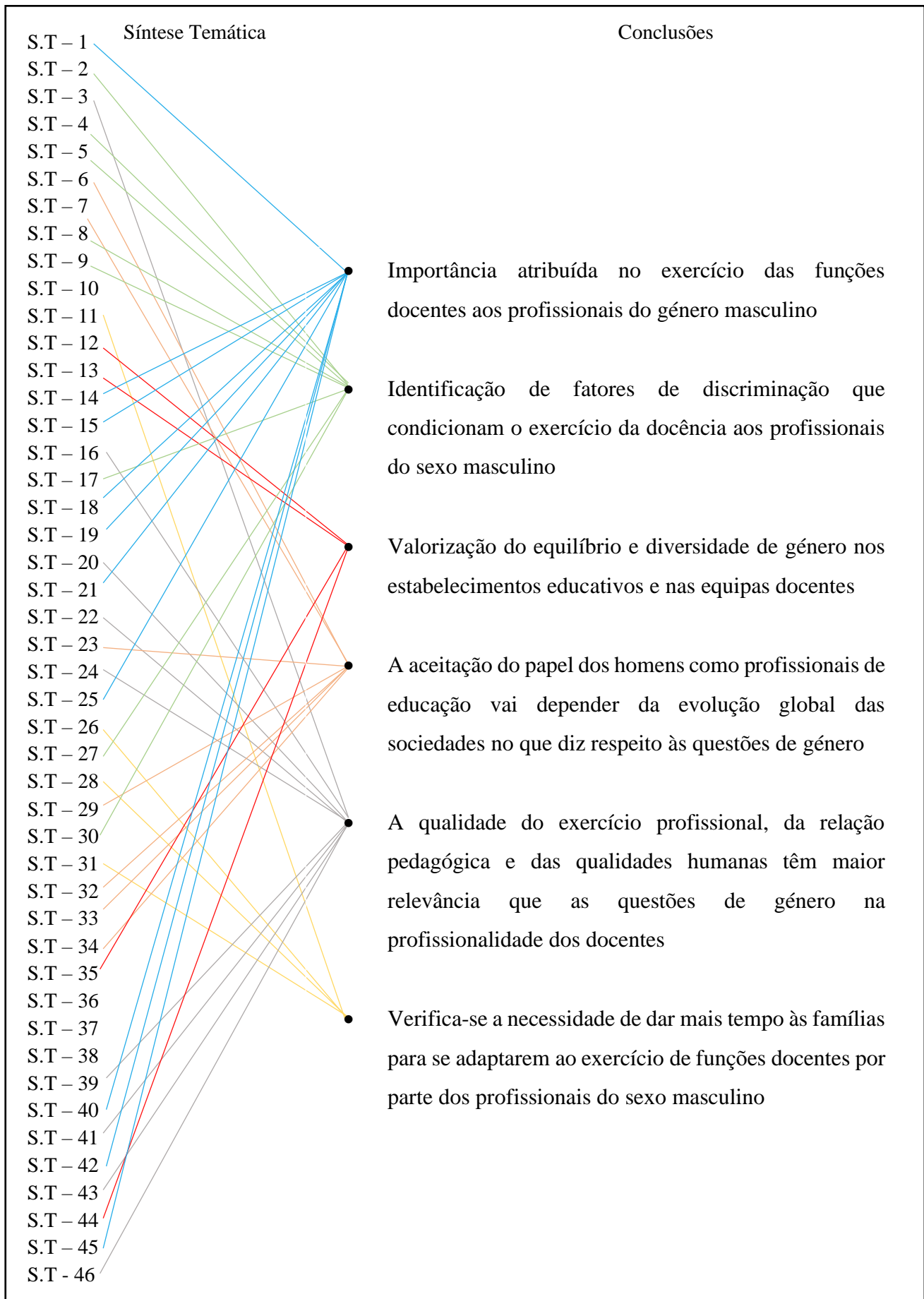
Relação com as crianças	Professor	Importância do professor homem e qualidade docente. S.T-18
	Educador	Complementaridades, personalidade do docente e influência cultural na educação. S.T-19
	Educadora	Desvalorização do género do docente como fator influenciador da relação com as crianças. S.T-20
	Enc. de Ed.	Melhor relação da criança com o docente homem, baseada em mais respeito e atenção. S.T-21
	Docente com cargo diretivo	Desvalorização do género por parte das crianças e relação variável de pessoa para pessoa. S.T-22
Diferenças em outros domínios relacionais com docentes do género feminino	Professor	Relação entre géneros e a educação e influências culturais e educativas como fator influenciador. S.T-23
	Educador	Igualdades de género e personalidades docentes. S.T-24
	Educadora	X
	Enc. de Ed.	X
	Docente com cargo diretivo	X
Relação com as famílias	Professor	Valorização do docente masculino por parte das famílias e importância do contexto escolar como forma de compensar o contexto familiar. S.T-25
	Educador	Necessidade de uma fase de habituação por parte das famílias para posteriormente estabelecer uma boa relação e papel das famílias na escola. S.T-26
	Educadora	Preconceito como generalidade, facilidade dos homens em termos de comunicação com as famílias e contexto de creche como o mais problemático. S.T-27
	Enc. de Ed.	Desconfiança para com os homens docentes e igualdade em termos de criação da relação entre docentes de ambos os géneros e as famílias. S.T-28
	Docente com cargo diretivo	Alterações na atuação dos pais no ambiente familiar e preconceito e dificuldades das famílias para com os homens docentes. S.T-29
Embaraço na vida profissional por ser homem	Professor	Dificuldades de integração por parte dos homens num universo muito feminino. S.T-30
	Educador	Confiança como docente. S.T-31
	Educadora	X
	Enc. de Ed.	X
	Docente com cargo diretivo	X
Alterações das atitudes face às questões de género	Professor	Alterações na sociedade e impacto na docência. S.T-32
	Educador	Evolução de mentalidades e consequente diminuição da desconfiança quanto aos homens docentes. S.T-33
	Educadora	X

	Enc. de Ed.	X
	Docente com cargo diretivo	Promoção de educação para a igualdade de género. S.T-34
Trabalho com homens	Professor	Maior facilidade de trabalhar com mulheres e complementaridade no trabalho entre géneros. S.T-35
	Educador	Ausência de colegas do género masculino. S.T-36
	Educadora	Homens apenas como estagiários. S.T-37
	Enc. de Ed.	X
	Docente com cargo diretivo	Experiência com diretores, educadores e professores no papel de diretora e inexistência de homens aquando do tempo de ser educadora. S.T-38
Diferença na implementação das práticas pedagógicas entre mulheres e homens	Professor	Diferenças entre homens e mulheres e validade dos trabalhos realizados independentemente do género docente. S.T-39
	Educador	Género masculino mais objetivo e descomplicado. S.T-40
	Educadora	Igualdade nas práticas pedagógicas. S.T-41
	Enc. de Ed.	Homens com maior gestão emocional e capacidade de motivação das crianças. S.T-42
	Docente com cargo diretivo	Independentemente do género, cada docente tem as suas práticas pedagógicas. S.T-43
Maior número de docentes homens e influência no clima de trabalho nas escolas	Professor	Parcerias entre géneros e dinâmicas distintas. S.T-44
	Educador	Maior tranquilidade e equilíbrio e melhor relação com pessoal não-docente. S.T-45
	Educadora	Valorização da paixão pela profissão docente em detrimento do género. S.T-46
	Enc. de Ed.	X
	Docente com cargo diretivo	X

Quando fazemos uma leitura cruzada das várias entrevistas, a partir do quadro de síntese temática, do conjunto de entrevistas realizadas podemos chegar a seis grandes conclusões que os entrevistados veicularam e que passaremos a organizar no quadro seguinte:

Tabela 7 - Tabela de conclusões finais das entrevistas

1ª conclusão	Importância atribuída ao exercício das funções docentes aos profissionais do género masculino
2ª conclusão	Identificação de fatores de discriminação que condicionam o exercício da docência aos profissionais do sexo masculino
3ª conclusão	Valorização do equilíbrio e diversidade de género nos estabelecimentos educativos e nas equipas docentes
4ª conclusão	A aceitação do papel dos homens como profissionais de educação vai depender da evolução global das sociedades no que diz respeito às questões de género
5ª conclusão	A qualidade do exercício profissional, da relação pedagógica e das qualidades humanas tem maior relevância que as questões de género na profissionalidade dos docentes
6ª conclusão	Verifica-se a necessidade de dar mais tempo às famílias para se adaptarem ao exercício de funções docentes por parte dos profissionais do sexo masculino



3.4.2. Apresentação da análise dos questionários

Análise das respostas

Nesta fase do relatório irá ser feita uma análise às respostas obtidas através do inquérito por questionário. A maioria das questões têm quatro respostas possíveis, estando cada resposta associada a uma cor.

É docente ou não docente?

Nesta pergunta pretendeu-se aferir dos respondentes se são docentes ou não. De acordo com as respostas dadas, a maior parte dos inquiridos são docentes, correspondendo a 61% das respostas dadas (Gráfico 1). Os respondentes não docentes, 39%, caracterizam-se como sendo, na maior parte, mães, pais, ou estudantes, entre outros (Gráfico 2).

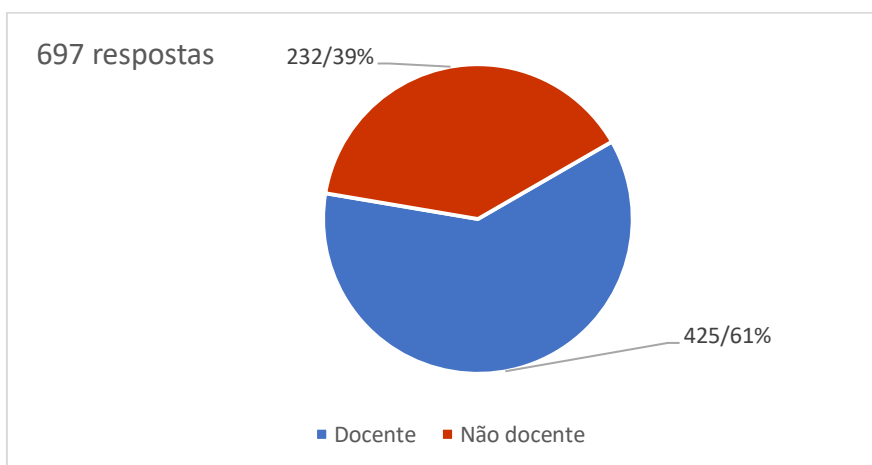


Gráfico 1 - Gráfico circular – Exercício da profissão docente

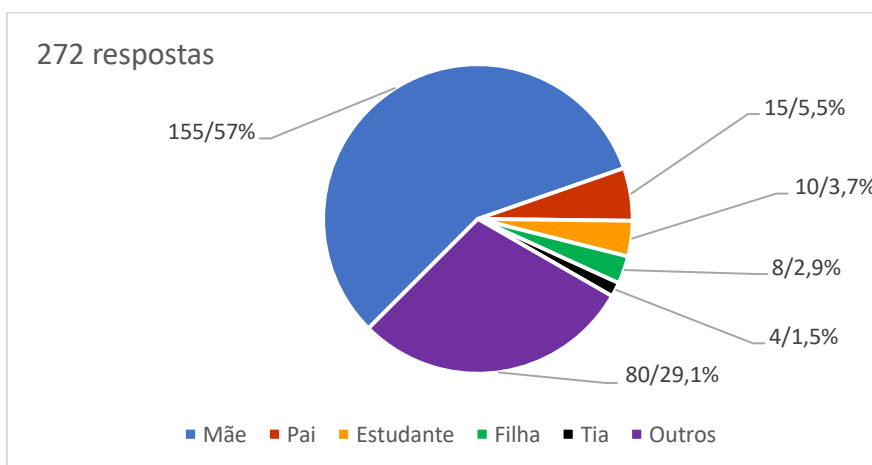


Gráfico 2 - Gráfico circular – Respondentes não docentes

É professor/a ou educadora de infância?

Nesta questão, a que apenas os docentes tiveram acesso, cujo objetivo era escolherem a função que desempenham neste momento, a maior parte dos respondentes (55,5%) afirmam ser educadores de infância (Gráfico 3).

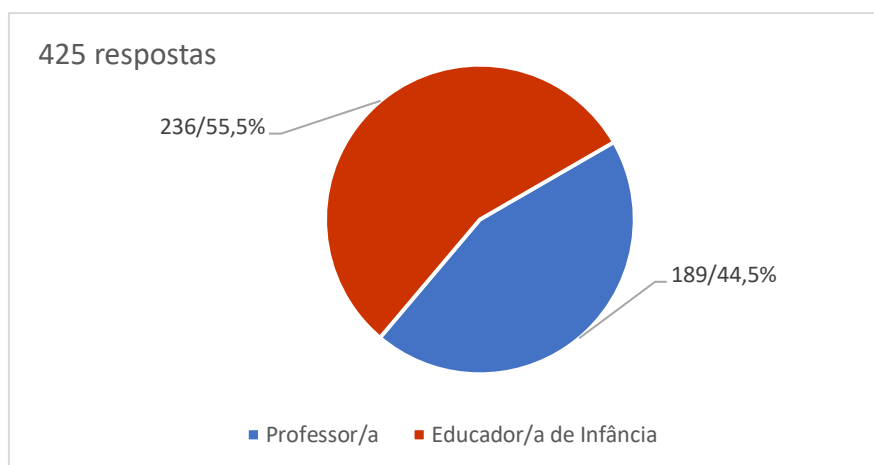


Gráfico 3 - Gráfico circular – Tipo de docente

Desempenha cargo de direção?

Tal como a pergunta anterior, esta destinou-se exclusivamente ao pessoal docente, e aferia se os docentes desempenham um cargo diretivo. Segundo os dados recolhidos, 86,4% dos docentes inquiridos, não desempenha um cargo diretivo (Gráfico 4).

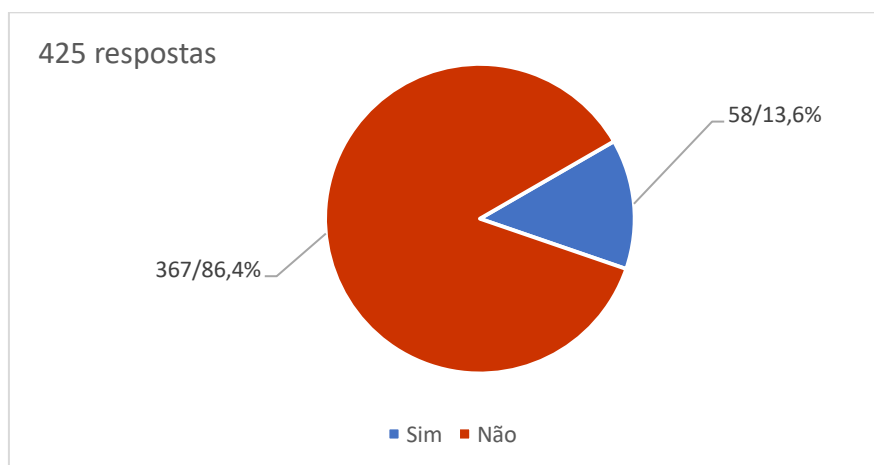


Gráfico 4 - Gráfico circular – Docentes com cargo diretivo

No que depender de mim, nunca contrataria um educador de infância do género masculino

Tiveram acesso a esta pergunta apenas pessoal docente e com cargo diretivo, sendo que esta questão é a primeira em que foram dadas quatro opções de resposta aos inquiridos (Gráfico 5):

- Discordo plenamente
- Discordo
- Concordo
- Concordo plenamente

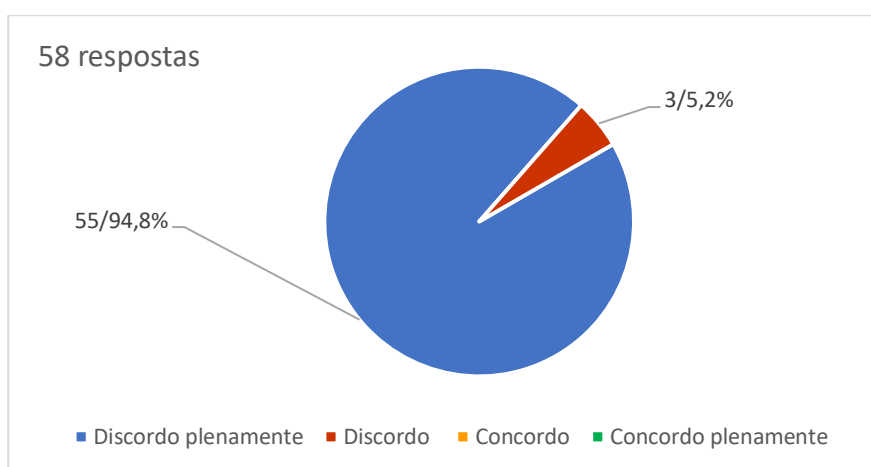


Gráfico 5 - Gráfico circular – Contratação de docentes do género masculino

A maior parte das respostas foram *discordo plenamente* (94,8%). Esta foi também a primeira questão onde é evidenciada a aceitação de docentes do género masculino, ou a não distinção entre géneros.

Idade dos respondentes

Nesta fase do inquérito, os respondentes tinham de escolher entre várias faixas etárias, nomeadamente entre os (Gráfico 6):

- 18 e 25 anos
- 26 e 32 anos
- 33 e 40 anos
- 41 e 50 anos
- Mais de 50 anos

A partir dos dados recolhidos, verificou-se que 9,48% dos inquiridos tem idade entre os 18 e 25 anos, 15,80% possuem idades entre os 26 e 32 anos, 21,98% encontram-se no intervalo entre os 33 e 40 anos, 31,75% estão entre 41 e 50 anos e 20,97% têm mais de 50 anos.

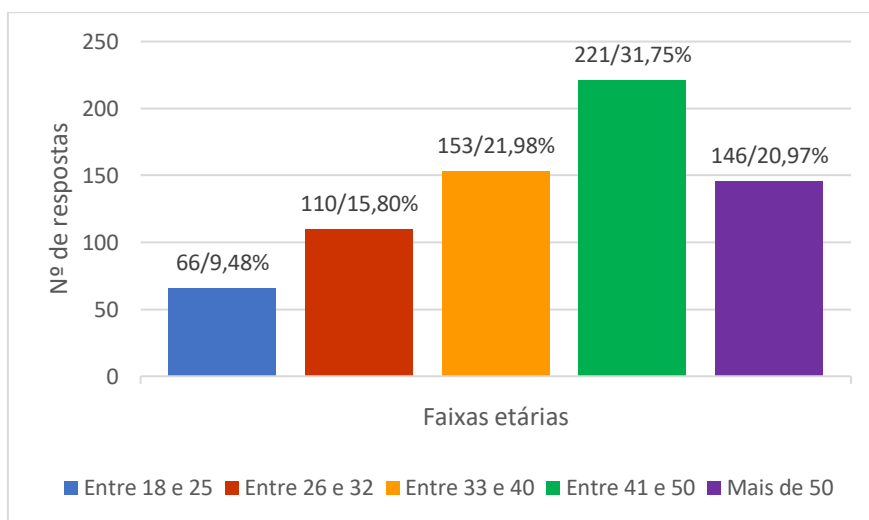


Gráfico 6 - Gráfico de barras - Idade dos inquiridos

Género dos respondentes

Nesta questão os inquiridos tinham de assinalar a opção *masculino* ou *feminino*, de acordo com o seu género. A partir desta pergunta, podemos concluir que, uma vez mais, se acentua a presença do género feminino, tendo-se verificado uma diferença numérica bastante elevada entre as respondentes mulheres e os respondentes homens. Para transparecer ainda mais esta diferença, podemos ainda revelar que responderam ao inquérito 634 mulheres (90,96%) e apenas 63 homens (9,03%) (Gráfico 7).

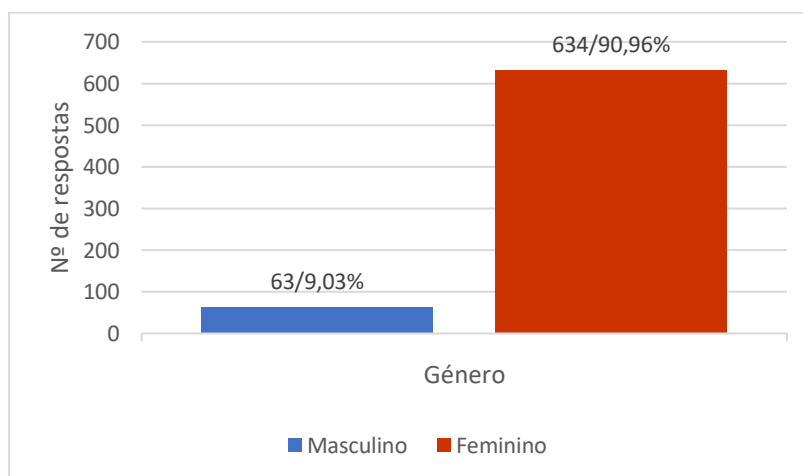


Gráfico 7 - Gráfico de barras - Género dos inquiridos

Nunca entregaria o meu educando a um educador do género masculino

A partir desta pergunta e em todas as questões seguintes, é pedido aos inquiridos que escolham uma de quatro opções, mencionadas já anteriormente. A partir desta fase do questionário, todas as frases são afirmações que variam a sua lógica discriminatória em relação a vários fatores e ou intervenientes da ação. Aos respondentes foi pedido para escolher a opção de resposta com a qual a sua opinião acerca dos temas mais se ajusta.

No caso desta afirmação, verifica-se maior apetência para a resposta *discordo plenamente* (85,65%), onde é evidenciada, novamente, a desvalorização do género do docente. O fator evidenciado relaciona-se também com algumas opiniões dos entrevistados (Gráfico 8).

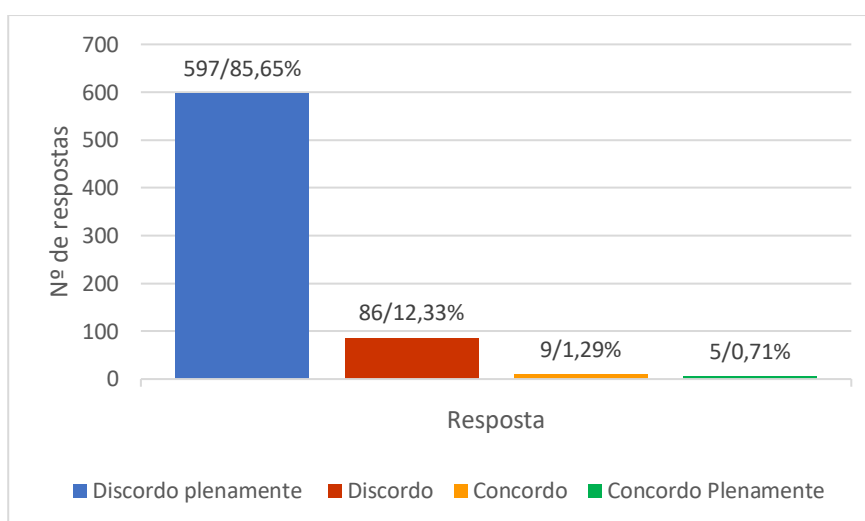


Gráfico 8 - Gráfico de barras – Confiança nos educadores do sexo masculino

A profissão de educador de infância é direcionada para mulheres

A partir dos dados recolhidos nesta afirmação, podemos concluir que os respondentes são da opinião de que a profissão de educador de infância não é direcionada ao género feminino. Para isso contribuíram a maior parte das respostas na opção *discordo plenamente* (78,76%). Podemos ainda interpretar a opinião evidenciada, como sendo uma mudança de paradigma para com o género masculino, contribuindo para a aceitação dos mesmos como educadores de infância (Gráfico 9).

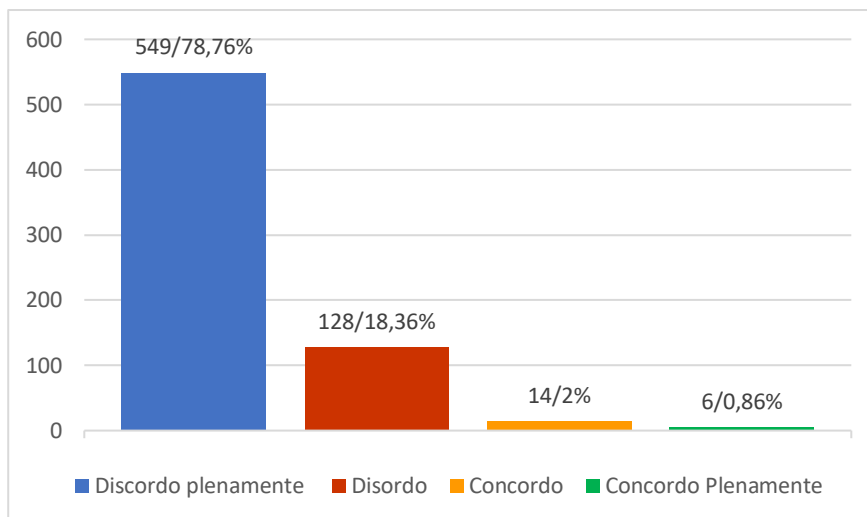


Gráfico 9 - Gráfico de barras – O género e o exercício da profissão

Nunca deixaria um educador do género masculino fazer a higiene pessoal da minha educanda

Nesta questão e a partir dos dados recolhidos é evidenciado que, para a maior parte dos inquiridos, não há qualquer problema em que um educador do género masculino faça a higiene pessoal dos seus educandos do género feminino. Para tal constatação, contribuíram a grande generalidade das respostas assinaladas nas opções *discordo plenamente* (62,64%) e *discordo* (26,14%) (Gráfico 10).

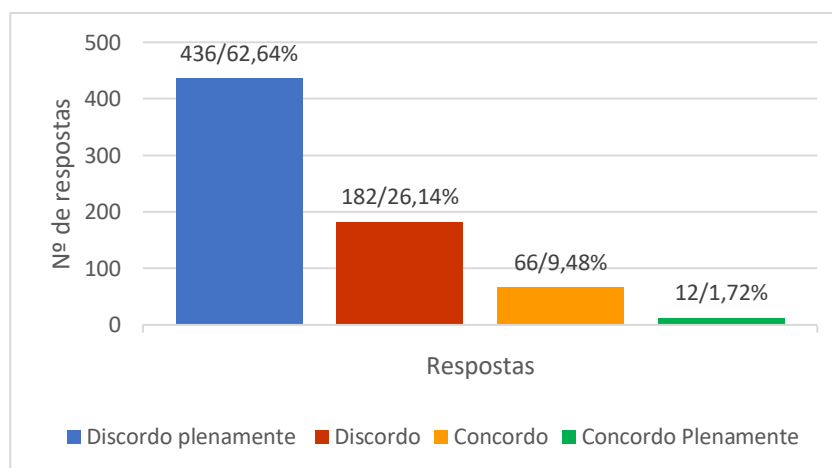


Gráfico 10 - Gráfico de barras – Lidar com a intimidade da criança

Não teria qualquer problema que um educador do género masculino fizesse a higiene pessoal do meu educando rapaz

A esta afirmação, a maior parte dos inquiridos respondeu *concordo plenamente* (41,52%) e *concordo* (26,43%), sendo que podemos aferir, em conformidade com a pergunta anterior, que a maior parte dos inquiridos não tem qualquer problema que um educador do género masculino faça a higiene pessoal dos seus educandos rapazes (Gráfico 11).

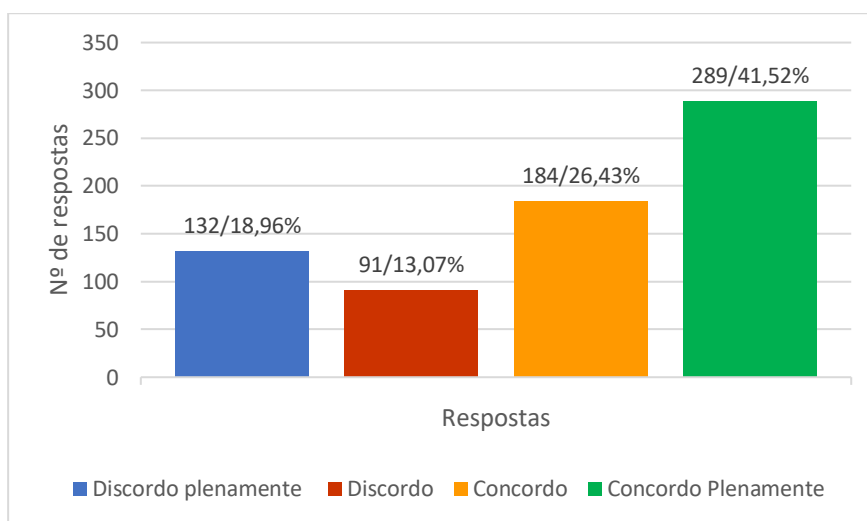


Gráfico 11 - Gráfico de barras – O cumprimento das tarefas e o género masculino

As mulheres desempenham melhor a profissão de educador de infância pois têm a possibilidade de ser mães

Nesta afirmação é notória a opinião de discórdia da afirmação colocada, sendo que a grande generalidade dos inquiridos respondeu *discordo plenamente* (70,97%), evidenciando que o instinto maternal, muitas vezes referido como causa da maior apetência das mulheres para o desempenho da profissão docente, não é fator relevante para que as mulheres desempenhem melhor a profissão docente do que os homens (Gráfico 12).

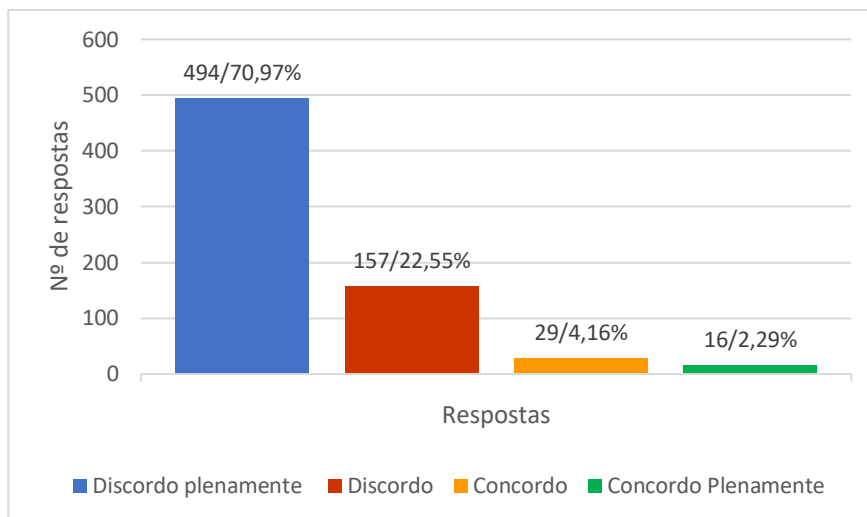


Gráfico 12 - Gráfico de barras – O desempenho profissional e as questões de maternidade

Associo os educadores de infância do género masculino a pessoas homossexuais

A partir dos dados recolhidos, podemos concluir que a grande generalidade dos respondentes não associa os educadores de infância do género masculino a pessoas homossexuais, sendo que o maior número de respostas foi assinalado na opção *discordo plenamente* (84,33%) (Gráfico 13).

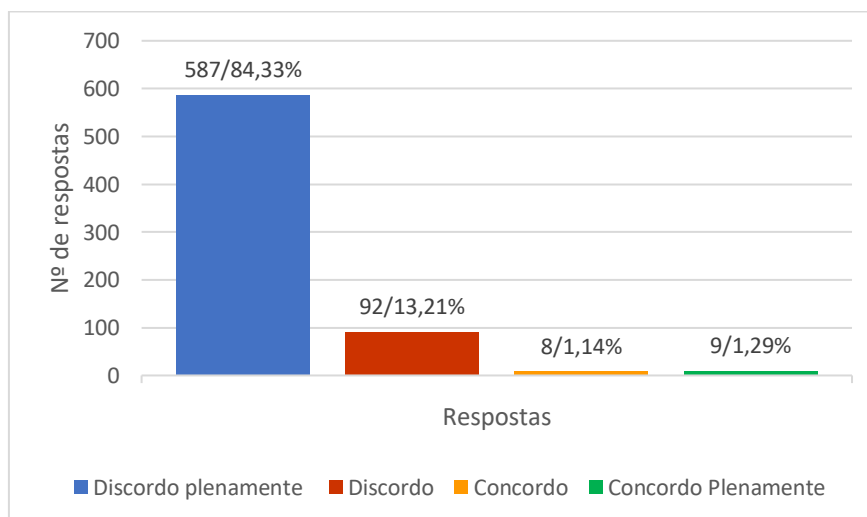


Gráfico 13 - Gráfico de barras – Tendências sexuais e os docentes masculinos

Ser educador de infância é uma escolha consciente para os pedófilos

A esta afirmação, os inquiridos responderam, na grande maioria, *discordo plenamente* (77,44%), podendo então concluir-se que, na opinião da maior parte dos

respondentes, a profissão de educador de infância não estabelece qualquer relação com a pedofilia (Gráfico 14).

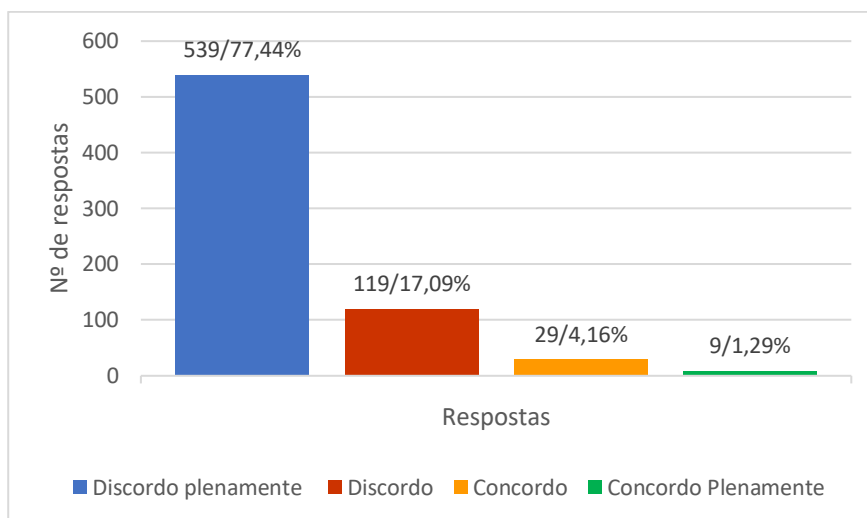


Gráfico 14 - Gráfico de barras – Questões de pedofilia e a educação de infância

Não existe relação entre pedofilia e os educadores de infância do género masculino

Nesta questão, a maioria dos inquiridos respondeu *concordo plenamente* (51,58%), evidenciando, mais uma vez, a inexistência de uma relação entre pedofilia e educadores de infância do género masculino (Gráfico 15).

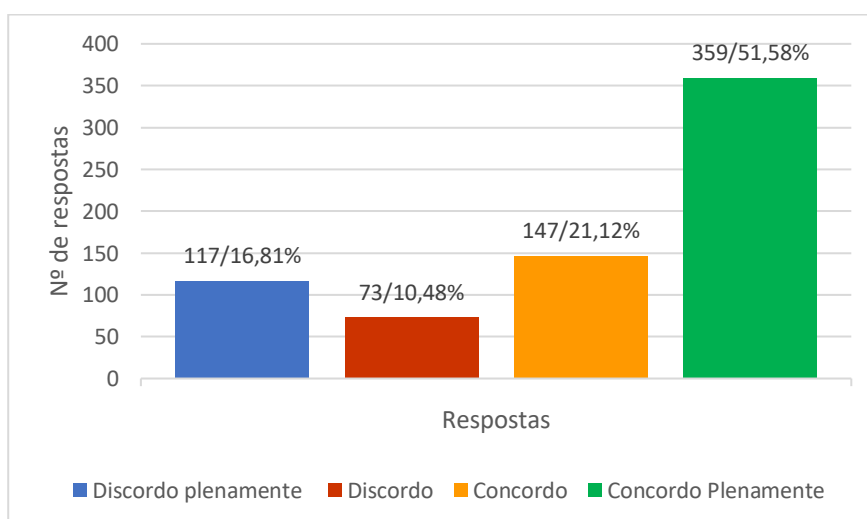


Gráfico 15 - Gráfico de barras – Relação entre educadores masculinos e pedofilia

Nunca tive, nem pretendo ter, o meu educando rapaz com um educador do género masculino

Nesta afirmação é notória a opinião de que os respondentes não teriam ou não tiveram qualquer problema em ter os seus educandos de género masculino acompanhados por um educador homem, sendo que a grande maioria das respostas foi *discordo plenamente* (78,73%) (Gráfico 16).

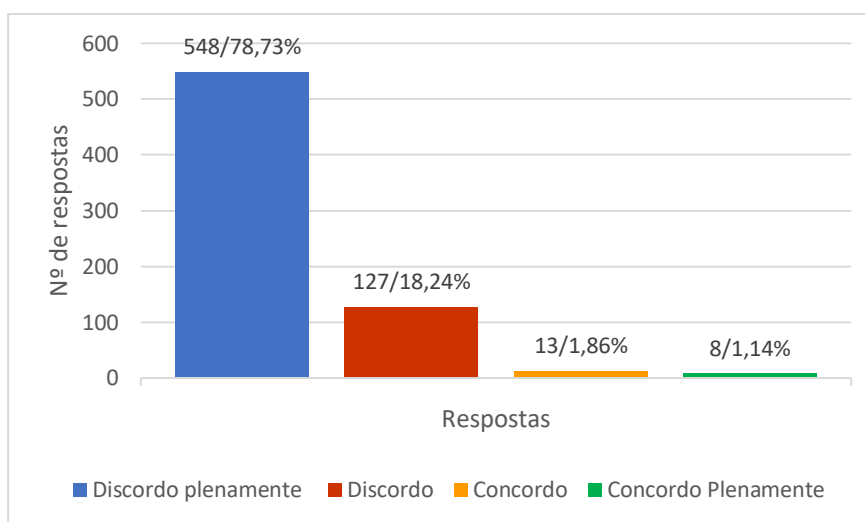


Gráfico 16 - Gráfico de barras – Masculinidades de ambas as partes

Nunca tive, nem pretendo ter, a minha educanda com um educador do género masculino

Com esta afirmação, e com a anterior, queríamos perceber se o género do educando influencia a opinião dos respondentes. Contudo, a partir das respostas dadas, podemos concluir que em nada influencia, sendo que, à semelhança das respostas facultadas à afirmação anterior, a generalidade dos inquiridos respondeu *discordo plenamente* (78,73%), sendo a percentagem de respostas exatamente a mesma (Gráfico 17).

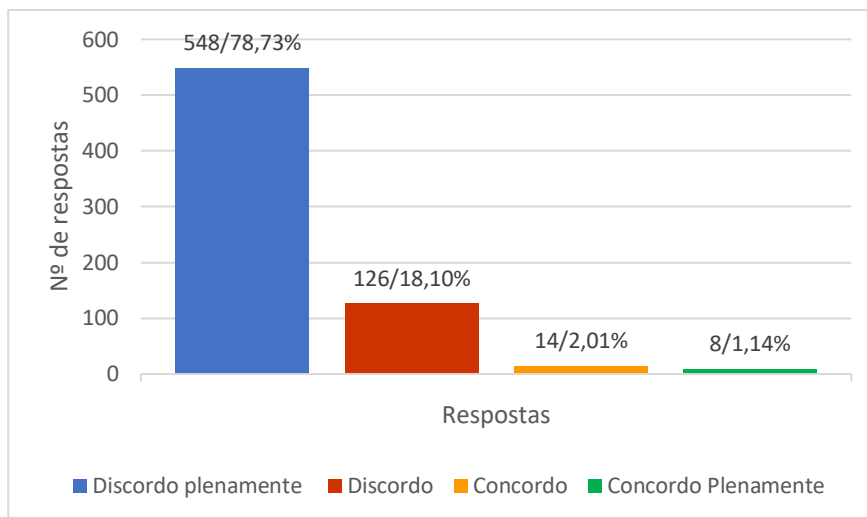


Gráfico 17 - Gráfico de barras – Relutância quanto ao gênero docente

A profissão de educador de infância não é adequada a homens

À semelhança das opiniões evidenciadas nas afirmações anteriores, igualmente neste caso, a grande maioria dos inquiridos respondeu *discordo plenamente* (80,31%), demonstrando a crescente aceitação dos homens como docentes (Gráfico 18).

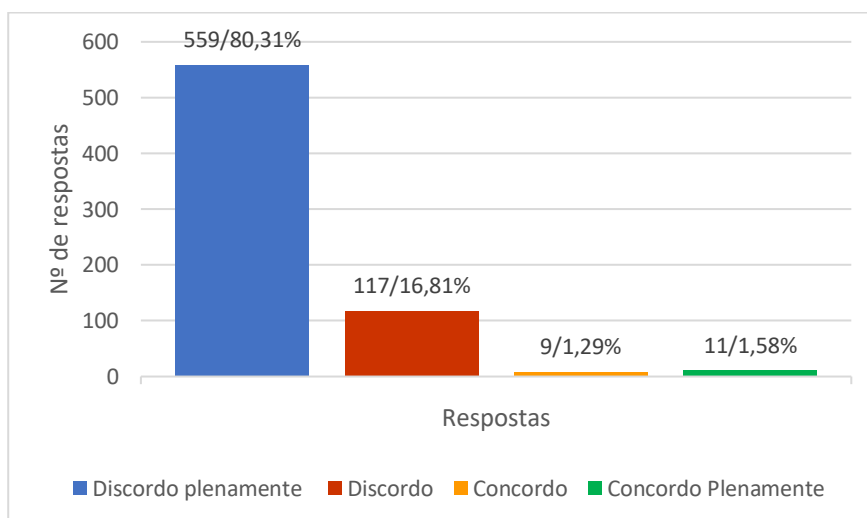


Gráfico 18 - Gráfico de barras – Educação de infância e o gênero docente

Um educador de infância do gênero masculino, desempenha as suas funções com a mesma, ou melhor, competência que as mulheres

A partir das respostas dadas à afirmação colocada, podemos verificar que a grande maioria dos inquiridos é da opinião de que o gênero masculino consegue desempenhar a profissão de educador de infância com a mesma ou melhor competência

que as mulheres, pois a maior parte das respostas foi *concordo plenamente* (58,90%), seguido de *concordo* com 26,86% das respostas. Esta evidência vai ao encontro de uma anterior sobre a relação entre educadoras de infância e o facto de desempenharem melhor a função docente, por poderem ser mães, ao qual os respondentes indicaram que não existe relação (Gráfico 19).

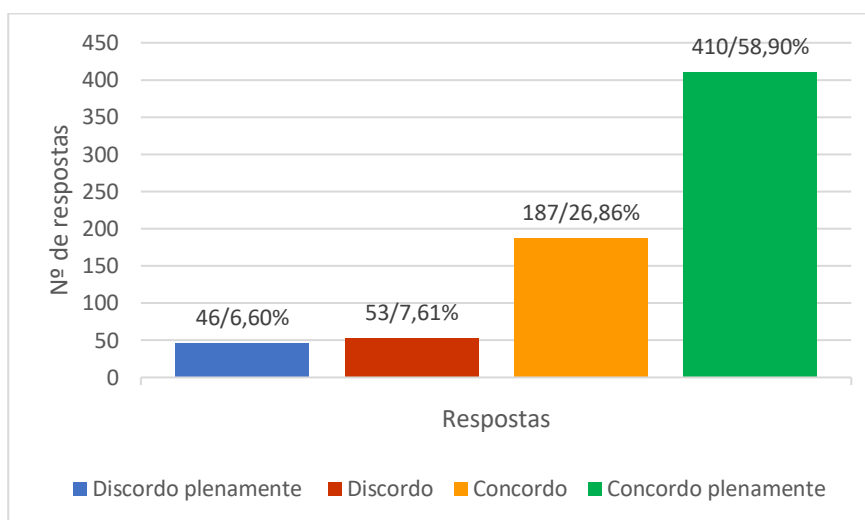


Gráfico 19 - Gráfico de barras - Competência de géneros e a docência

É indiferente o género do educador de infância, desde que seja um bom profissional

Nesta última afirmação, e em conformidade com o que foi demonstrado ao longo do questionário, o género do educador de infância não influencia as conceções da profissão docente por parte dos respondentes, sendo que a maior parte das respostas dadas foi *concordo plenamente* (76,43%) e *concordo* (13,50%) (Gráfico 20).

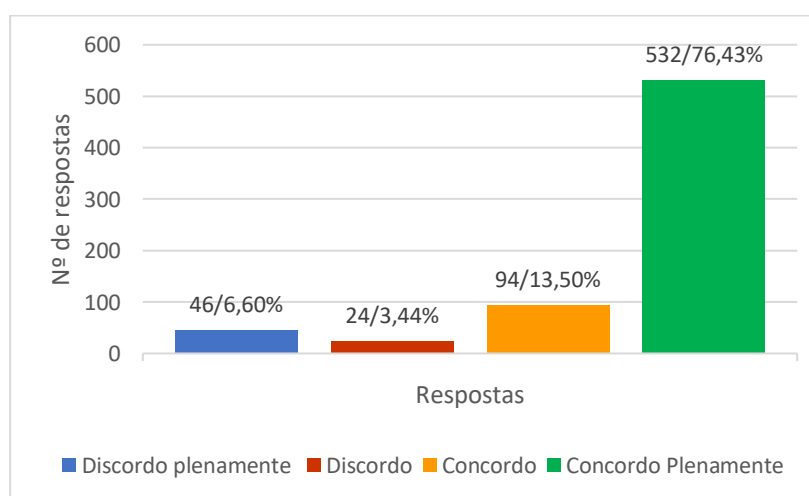


Gráfico 20 - Gráfico de barras – Conceções da profissão docente

Conclusões finais dos questionários

Como resultado do processo rigoroso de análise dos inquéritos por questionário, em que foram recolhidos 697 inquéritos, conseguimos enumerar cinco grandes conclusões, que sintetizam as perceções expressas pelos inquiridos e que resultam da interpretação à generalidade das respostas dos respondentes, sendo elas:

1ª conclusão – Não discriminam o docente pelo género;

2ª conclusão – O género do educando não influencia na opinião acerca das conceções das qualidades docentes;

3ª conclusão – Não associam a profissão de educador de infância ao género feminino;

4ª conclusão – Não relacionam os docentes do género masculino a pessoas homossexuais ou pedofilas;

5ª conclusão – A qualidade do exercício profissional tem maior relevância que as questões de género na profissionalidade docente.

Podemos ainda acrescentar que a maioria dos inquiridos são docentes, educadores de infância, sendo que, os respondentes não docentes, na sua generalidade, são mães. Verificou-se ainda, que a maior parte dos inquiridos são do género feminino, evidenciando mais uma vez, a esmagadora discrepância numérica entre géneros, não só como docentes, mas também como familiar ou interveniente no mundo educativo. É de assinalar também, que a maior parte dos docentes inquiridos não desempenha um cargo diretivo, mas aqueles que desempenham, não fazem qualquer distinção, ou não têm qualquer problema, em contratar um docente do género masculino. Por último, foi ainda perceptível que a maioria dos inquiridos tem idades mais avançadas, podendo comprovar o facto de existirem cada vez menos profissionais recém-formados.

3.4.3. Síntese e discussão final dos dados recolhidos

Nesta fase da investigação irá ser apresentada uma análise final dos dados recolhidos ao longo do estudo, nomeadamente dos dados das entrevistas e dos questionários, relacionando-os ao referencial teórico deste relatório.

Esta análise irá ser apresentada através de vários eixos, de forma a que a informação apresentada esteja bem organizada e que ilustre da melhor maneira as perceções expressas pelos inquiridos e pelos entrevistados. Os tópicos que serão apresentados resultaram das confluências e/ou discordâncias das conclusões retiradas ao longo da investigação.

A qualidade do exercício profissional, da relação pedagógica e das qualidades humanas

Ao longo da recolha de dados, tanto através das entrevistas como dos inquiridos por questionário foi possível confirmar que, a qualidade do docente não é posta em causa pelo género do mesmo, mas sim pelas suas capacidades no exercício das suas funções e através da relação que cria com as crianças.

Segundo Cardona (1997), o primeiro educador de infância do género masculino em Portugal formou-se há quarenta anos atrás, e nessa altura, segundo Vasconcelos (2004), “a sociedade em geral pensava que a nossa profissão se destinava a jovens do sexo feminino que estavam à espera de criar a sua própria família ou que não sabiam fazer mais nada” (p. 110).

Contudo, a partir dos dados recolhidos, podemos constatar que a generalidade dos inquiridos não discrimina o docente pelo seu género, não associando a profissão de educador de infância ao género feminino. Este facto é evidenciado mais concretamente no gráfico 9, 19 e 20, entre outros, dos inquiridos por questionário, onde a indiferença quanto ao género do profissional docente é evidenciada. Podemos ainda confirmar esta opinião a partir de algumas afirmações dos entrevistados:

“(…) um professor, ou é professor ou não é. Há ótimas professoras e ótimos professores e há péssimos professores homens e péssimas professores mulheres.”
(Anexo E, linhas 245-247)

“Acho que um bom profissional que passa paixão, tanto faz ser homem como mulher.” (Anexo G, linhas 65 e 66)

Relacionando a opinião constatada na recolha de dados, ao parecer de alguns autores concluímos que, atualmente, os docentes responsáveis pela formação inicial das crianças devem ser especialmente qualificados, não só de um determinado nível de ensino, como de características específicas. Porém, nenhum dos autores afirma que tais competências sejam características de um determinado género indo essa opinião ao encontro dos dados evidenciados na recolha de dados. Para Sarmiento (2004, citado por Margalha, 2009), os profissionais de educação de infância:

trabalham com crianças cuja faixa etária pode ir dos 3 meses aos 6 anos; a sua actividade está associada às acções assistenciais e maternais em contexto histórico; desempenham funções sociais e pedagógicas; actuam profissionalmente em diversificação de contextos; estão ligados a áreas tutelares diferenciadas, conforme o seu contexto de desempenho (Ministério da Educação/ Segurança Social); possuem formação académica especializada na sua generalidade; concebem, desenvolvem e planificam o currículo; proporcionam oportunidades significativas de aprendizagem e desenvolvimento; norteiam-se por princípios éticos e deontológicos. (p.18)

Porém, existem outros autores que afirmam que a historicidade da profissão docente associada ao género feminino ainda condiciona e transporta para a profissão alguns estereótipos.

Fatores de discriminação que condicionam o exercício da docência aos profissionais do sexo masculino.

Segundo Sarmiento (2002), atualmente, a opinião da maioria é a de que a profissão de educador de infância está associada ao género feminino e às características estereotipadas que lhe estão associadas. Contudo, atualmente, nenhuma das diretrizes institucionais excluem o sexo masculino do desempenho desta função.

No decorrer da análise das entrevistas foi notório o facto de os entrevistados enumerarem vários fatores de discriminação para com os docentes do género masculino, que podem de alguma maneira condicionar o exercício das suas funções. Na opinião de um número de entrevistados, algumas famílias precisam de tempo para aceitarem ou se adaptarem ao docente masculino:

“Em relação aos pais, eu sentia que numa primeira fase, quando te deixavam os seus filhotes, demoravam mais tempo a deixar.” (Anexo F, linhas 66-68)

“(…) se falarmos em termos gerais, há sempre preconceito.” (Anexo G, linha 56)

“Eu acho que existe mais dificuldade das famílias com o educador homem.” (Anexo I, linhas 86 e 87)

As dificuldades mencionadas anteriormente são também associadas a preconceitos acerca dos homens docentes:

“(…) até porque ainda hoje acontece um pouco, o pai é quem ganha o pão, até não há muito tempo atrás era assim, o pai é que ia sair para trabalhar.” (Anexo E, linhas 123-125)

“(…) primeiro és logo considerado homossexual.” (Anexo F, linha 49)

“(…) era o predador, o homem é sempre o predador (…), o violador.” (Anexo G, linhas 56 e 57)

Contudo, a partir dos dados recolhidos nos questionários, podemos confirmar que a generalidade das opiniões não é assim tão discriminatória.

Nos gráficos 10 e 11, a generalidade dos respondentes afirma que não tem qualquer problema em que um homem faça a higiene pessoal dos seus educandos, sejam eles meninos ou meninas. Nos gráficos 16 e 17, a generalidade dos inquiridos declara que não tem qualquer problema em que o seu educando/a esteja/estivesse com um docente do género masculino.

Ora, a partir dos dados referidos, podemos concluir que o género do educando, não influencia a opinião dos inquiridos acerca dos docentes. No entanto, complementando esta opinião, podemos ainda referir que os gráficos 13, 14 e 15, desassocia os docentes masculinos de pessoas homossexuais e de tendências pedofilas.

Em suma, podemos verificar, mais uma vez, que a generalidade dos inquiridos, não tem qualquer óbice com os docentes do género masculino, pelo contrário, é evidenciada a importância que os mesmos têm no percurso educacional das crianças.

Importância atribuída no exercício das funções docentes aos profissionais do género masculino

Com os dados recolhidos ao longo de toda a investigação foi possível constatar a crescente valorização dos docentes homens pela sociedade e pelos intervenientes educativos, dando ênfase aos contributos que os mesmos podem trazer à educação:

“(…) eu sempre achei que o homem é cada vez mais, e sempre foi um papel muito importante.” (Anexo E, linhas 88 e 89)

“(…) os pais sempre valorizaram muito eu ser professor Homem. Tanto o pai como a mãe.” (Anexo E, linhas 293 e 294) “(…) os pais sempre gostaram do homem a trabalhar com as crianças.” (Anexo G, linhas 59 e 60)

Podemos também verificar a apetência das crianças para o mesmo facto:

“(…) todo o percurso que eu tenho tido, nota-se não só nas crianças, que há essa apetência, essa vontade do homem, da presença do homem.” (Anexo E, linhas 110 e 111).

“(…) mas há um lado de curiosidade de... porque é um lado de um mundo que eles não conhecem, que não estão habituados.” (Anexo E, linhas 160 e 161)

“(…) é importante os meninos terem homens e terem mulheres, porque volto a dizer, estrutura a personalidade deles, porque cada um destes sexos traz qualidade, maneiras de estar, maneiras de observar, porque um homem vê de maneira diferente de uma mulher, até em termos de sensibilidades.” (Anexo E, linhas 248-251)

“(…) os profissionais do sexo masculino, acabam por retirar mais da criança do que do sexo feminino.” (Anexo H, linhas 52 e 53)

Relacionando os factos apresentados com a opinião de Sargent (2004, citado por Oliveira, 2012), o mesmo enfatiza a necessidade de se mudar o ensino, transparecendo imagens positivas acerca do trabalho dos homens com crianças. O mesmo autor é da opinião de que, é obrigação das escolas, dar início à inclusão de mais homens na educação.

Segundo os dados mais recentes sobre os alunos inscritos no ensino superior, correspondentes ao ano letivo 2015/2016, a área de educação é aquela que apresenta a mais elevada taxa de feminização, exprimindo, mais uma vez, a escassez de homens na área da docência, tal como se pode verificar na tabela 8.

	Total Homens e Mulheres	Mulheres	Taxa de feminização (%)
Educação	13 969	11 214	80,3
Artes e Humanidades	36 285	21 260	58,6
Ciências Sociais, Comércio e Direito	113 800	67 077	58,9
Ciências, Matemática e Informática	28 476	12 996	45,6
Engenharia, Indústrias Transformadoras e Construção	75 899	20 189	26,6
Agricultura	7 778	4 386	56,4
Saúde e Proteção Social	55 406	42 534	76,8
Serviços	24 370	10 372	42,6
Desconhecido ou não especificado	416	254	61,0
Total	356 399	190 282	53,4

Tabela 8 - Alunos inscritos no ensino superior, discriminados por sexo e área de formação.
 Fonte: Igualdade de Género em Portugal – Boletim Estatístico 2017

Na opinião de Moss (2002, citado por Cortez, 2015) o género masculino tem capacidades para promover de igual forma todo o tipo de aprendizagens que são viabilizadas pelas mulheres educadoras de infância. O mesmo autor refere essa mudança como sendo essencial para um processo de transformação que favorecerá a sociedade, mas também as próprias crianças e estudantes. Na opinião do mesmo *“If schools are places where children learn to construct their gender role (...) then a range of non-stereotypical and positive teacher role models (or feminities and masculinities) should be available for children to experience”* (p.81). Com a mesma opinião, Sarmento (2009), defende que a definição da identidade de cada um de nós depende da *“dinâmica constante entre o eu e os outros”* (p.49), enfatizando a importância das crianças terem contacto com ambos os géneros docentes.

A aceitação do papel dos homens como profissionais de educação e a evolução das sociedades quanto às questões de género

Fazendo ainda referência à crescente valorização dos docentes homens pela sociedade em geral, podemos ainda constatar que os entrevistados realçam a importância do equilíbrio e diversidade de géneros, como fator essencial nos estabelecimentos educativos e nas equipas pedagógicas, e que a aceitação dos profissionais do género masculino dependerá da evolução global das sociedades no que diz respeito às questões de género.

Em relação a este facto, os entrevistados afirmam que há cada vez mais atenção às individualidades, sendo que, atualmente, o género ou as características específicas de

cada um de nós, são crescentemente vistas como “normais”, contribuindo para que a profissão docente se aproxime da realidade vivida noutras áreas:

“A questão, eu acho que é esse lado da normalidade, porque o mundo é o masculino e o feminino.” (Anexo E, linhas 229 e 230).

“(…) nós, cada vez mais, nas escolas, temos meninos de todas as raças, com maneiras diferentes de comer, tudo isso, as questões de género já não se põem e penso que cada vez mais há atenção a isso” (Anexo E, linhas 337-339).

“Eu sinto que cada vez mais há atenção à individualidade.” (Anexo E, linhas 339 e 340).

Em relação ao equilíbrio e diversidade de género nas equipas pedagógicas, os entrevistados realçam que esse fator traz contributos para a docência, criando dinâmicas e parcerias que de outra forma não seriam possíveis.

“(…) havendo um homem e uma mulher em termos (...) do equilíbrio de trabalho, (...) até mesmo da procura dos miúdos em relação a nós, é muito melhor. Porque eles procuravam-me a mim em determinadas coisas e à minha colega noutras coisas.” (Anexo F, linhas 27-30).

“(…) ao nível das dinâmicas que se criam numa escola, é completamente diferente quando há um homem numa escola, porque inclusivamente, destabiliza, no sentido bom, esse universo feminino que é a escola.” (Anexo E, linhas 125-127).

“Se houver homens e mulheres, criam-se empatias e dinâmicas, e criam-se parcerias.” (Anexo E, linhas 386 e 387).

“As escolas devem ter um conjunto de colaboradores diversificados.” (Anexo I, linha 46)

“Portanto, devia de ser quase meio por meio, deveria de haver tantos homens como mulheres na escola, mas não há.” (Anexo I, linhas 47 e 48).

“(…) deveria de haver um equilíbrio.” (Anexo I, linha 57).

Contudo, abordando mais uma vez a situação discrepante entre o número de docentes homens e mulheres a nível nacional, a Comissão para a Cidadania e a Igualdade de género (CIG), organismo nacional responsável pela promoção e defesa da igualdade entre mulheres e homens, disponibiliza alguns dados que nos podem elucidar sobre a causa do desequilíbrio que se faz sentir ao nível do número de docentes homens e mulheres.

Segundo o relatório *Igualdade de género em Portugal indicadores-chave 2017* publicado pela CIG, no ano de 2015, a população residente em Portugal era de 10,341 milhões de pessoas, sendo que 52,6% eram mulheres e 47,4% eram homens (Figura 1).

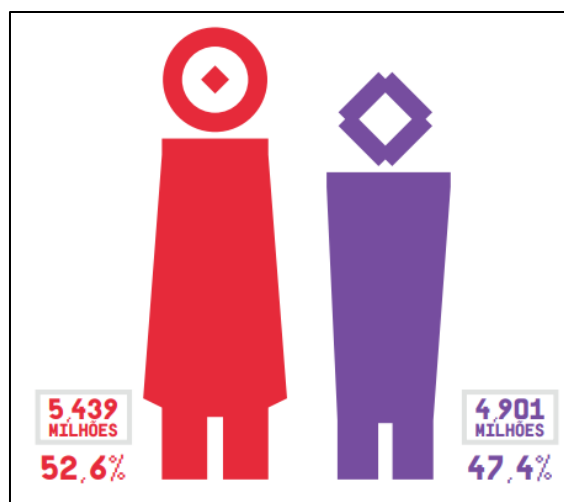


Figura 1 - População residente em Portugal no ano de 2015
Fonte: CIG - Igualdade de género em Portugal indicadores-chave 2017

Ora, se em 2015, 47,4% da população residente era do género masculino, esperava-se que os dados relativos à formação na área da educação tivessem valores semelhantes, facto que não se verifica, como podemos confirmar na tabela 8, referente ao número de alunos inscritos no ensino superior.

Podemos ainda constatar que em 2015, um homem ganhava em média 990,05 euros por mês, enquanto uma mulher auferia 824,99 euros, existindo assim uma diferença de 16,7% entre sexos (Figura 2).

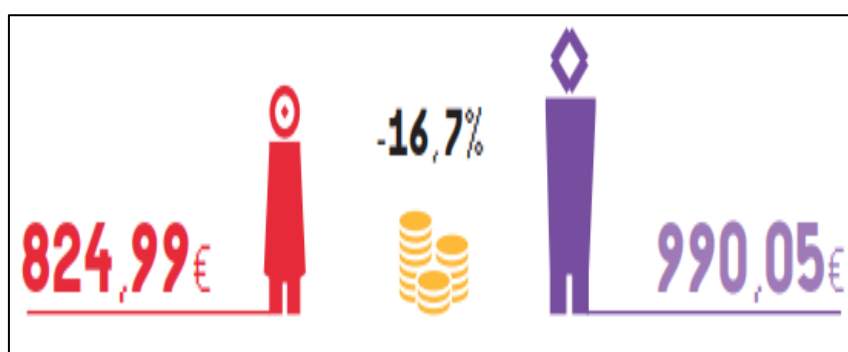
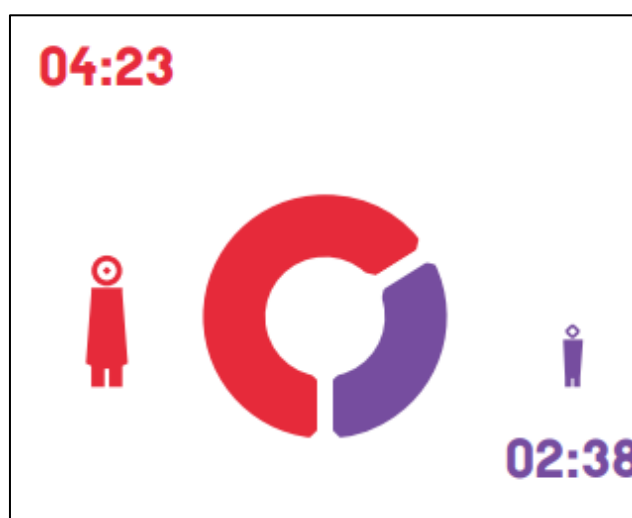


Figura 2 - Remuneração média de base por sexo
Fonte: CIG - Igualdade de género em Portugal indicadores-chave 2017

Contudo, ao nível da área docente, os vencimentos são regidos, a nível público, por uma tabela de escalões, que garante que homens ou mulheres auferam o mesmo vencimento, algo que de certa forma, deveria garantir maior segurança aos homens, pois

a nível de vencimentos, não existe qualquer diferença em relação ao sexo oposto. Contudo, podemos interpretar este facto como uma forma de protesto para com o vencimento que neste momento os docentes auferem, podendo interpretar que os homens ambicionam maiores vencimentos que as mulheres, não a nível comparativo, mas de acordo com as aspirações de cada género.

Podemos ainda comprovar outro fator relevante nesta área e a que o CIG fornece os dados mais recentes. Apurando dados relativos às horas de trabalho, nomeadamente às não remuneradas, são as mulheres que continuam a dedicar mais tempo às tarefas domésticas e de cuidado (Figura 3).



*Figura 3 - Tempo médio de trabalho não pago em horas
Fonte: CIG - Igualdade de género em Portugal indicadores-chave 2017*

Em média, as mulheres trabalham mais 1 hora e 45 minutos por dia do que os homens (figura 3). A partir desta variável, e sendo este do conhecimento das escolas, podemos interpretar os dados, como sendo um dos fatores para que as escolas continuem a contratar mais docentes do género feminino do que masculino, dando preferência a funcionários que trabalhem gratuitamente.

Em suma, é importante perceber e entender a importância que o papel masculino, à semelhança do feminino, tem e pode ter nas nossas crianças e nas perceções que das questões de género podem resultar.

Na opinião de Cabral (1995, citado por Cortez, 2015):

Há toda uma cultura que urge mudar, e uma cultura não se muda por decreto nem por imposição. Qualquer processo de mudança é sempre um processo de transformação de pessoas. Não chega por isso formar. É preciso transformar. (...) só os processos de transformação alteram a realidade. (p.72)

Entende-se então este processo de “transformação” como sendo essencial para a sociedade e para todos nós, combatendo os preconceitos e estereótipos incutidos na nossa sociedade, não só para com os homens, mas também para com as mulheres.

Como forma de apuramento final dos dados relativos à discrepância numérica entre homens e mulheres docentes, torna-se ainda relevante analisar as diferenças numéricas ao nível do número de profissionais em contexto pré-escolar nos últimos 40 anos. Para isso serão apresentadas duas tabelas nas páginas seguintes, sendo que a primeira diz respeito ao número de profissionais do género masculino (Gráfico 21), e a segunda tabela às profissionais do género feminino (Gráfico 22).

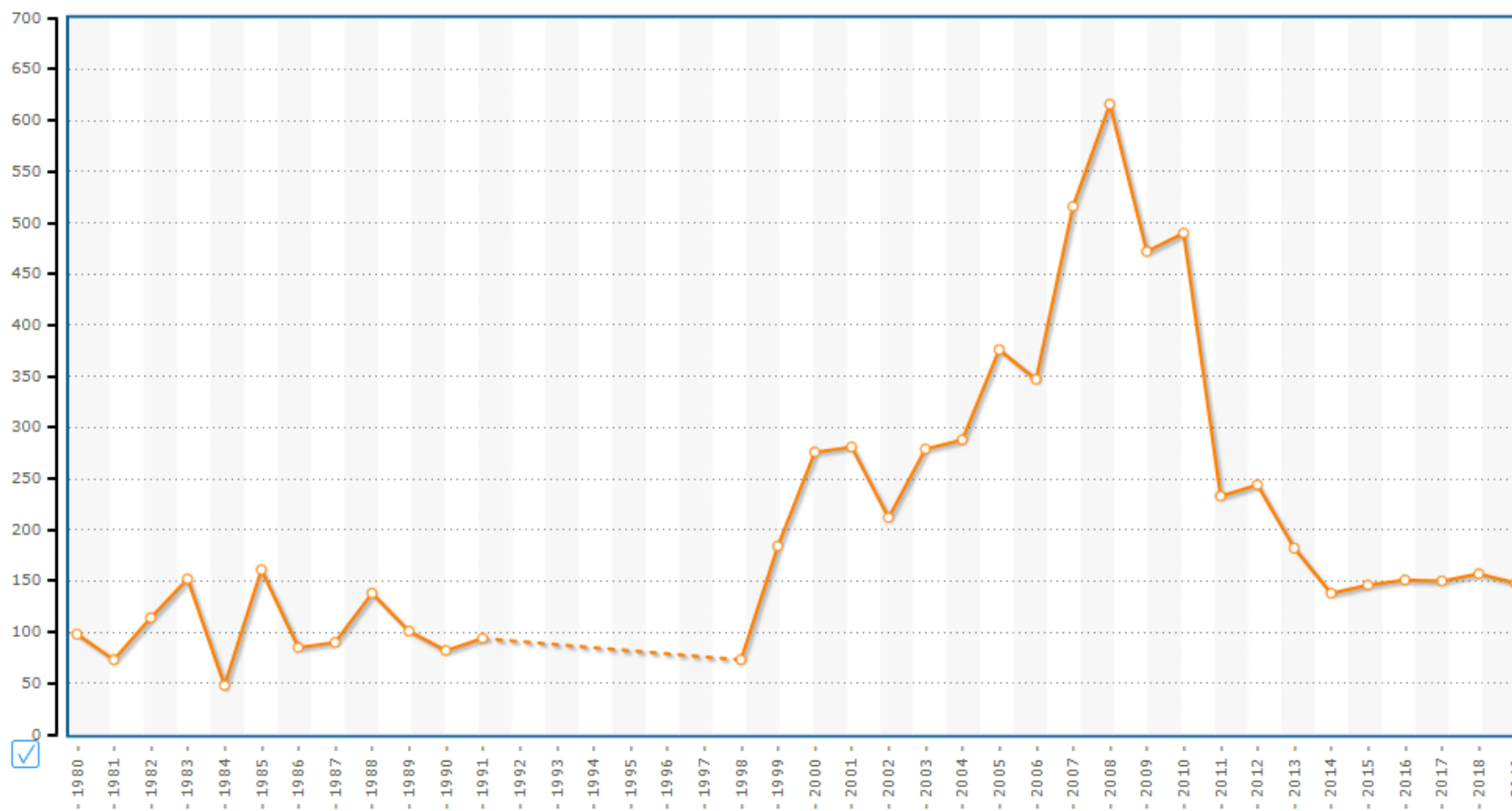


Gráfico 21 - Docentes do sexo masculino em exercício no ensino pré-escolar.
 Fonte: PORDATA – Base de dados Portugal Contemporâneo

Os dados contidos no gráfico 21 mostram-nos as várias oscilações no número de profissionais do género masculino em contexto pré-escolar, que ocorreram desde 1980, sendo que, em comparação com esse ano em que se registaram 100 profissionais, em 2019 existem mais 50 docentes do sexo masculino em comparação. Podemos também constatar que o maior número de profissionais homens na docência aconteceu entre 2007 e 2008, onde foram registados cerca de 625 profissionais do género masculino. É também relevante referir que entre os anos de 1991 e 1998, não existem registos do número de profissionais.

Passando a abordar os dados referentes ao gráfico seguinte, onde estão registados os números de profissionais do género feminino em contexto pré-escolar, desde 1980, em comparação com o número de profissionais do sexo masculino (100), podemos atestar, como referido várias vezes ao longo do estudo, uma grande discrepância numérica. Já em 1980 existiam cerca de 4000 profissionais mulheres, número muito distinto do registado para o género masculino. Podemos ainda notar, que ao longo dos anos, ocorreu um crescimento massivo de profissionais do género feminino, tendo aumentado de 4000 para 16000 em 40 anos. É ainda possível denotar que o maior número de profissionais deste género se registou entre 2010 e 2011.

Em relação a um aspeto ambíguo entre os dois gráficos de registo, podemos verificar que no período de maior decréscimo de profissionais do género masculino, correspondente aos anos 2010 e 2011, verifica-se o mais elevado registo de profissionais do sexo feminino em contexto de pré-escolar.

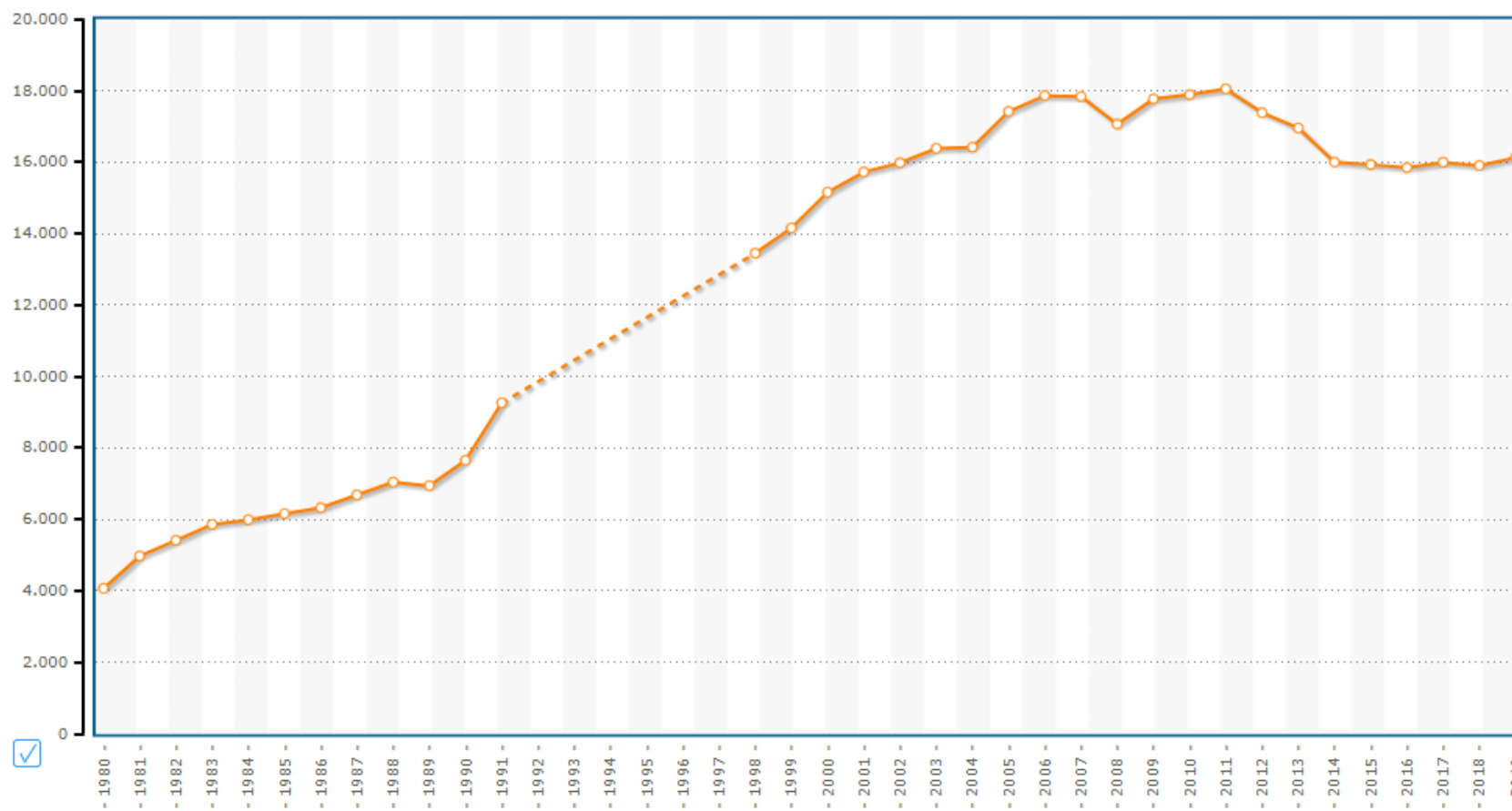


Gráfico 22 - Docentes do sexo feminino em exercício no pré-escolar.
 Fonte: PORDATA – Base de dados Portugal Contemporâneo

Em conclusão, apesar de continuarmos a verificar uma enorme diferença ao nível do número de profissionais do género masculino e feminino, que para Cavaco (1993, citado por Cortez, 2015) é justificado pelo envolvimento social, que segundo o autor, “exige ao homem um comportamento profissional mais empenhado; impõe-lhe uma imagem de certo distanciamento familiar” (p.55), é possível distinguir algumas mudanças que podem estar a contribuir para a mudança deste paradigma na sociedade, como por exemplo o alargamento das licenças parentais, que atualmente, segundo o artigo. 69 do código de trabalho, referente à licença por paternidade, os pais (homens), tem direito a até 20 dias úteis de licença. Torres (2002) acrescenta ainda que existem alguns sinais de que o género masculino pode ter iniciado um retrocesso no processo de feminização da profissão docente:

Para os homens a aposta identitária no trabalho continua a ser decisiva e significa, nalguns casos, a demonstração fundamental da capacidade de sustentar a família, enquanto noutros representa a aposta em que se joga mais a realização profissional, a individualidade e as qualidades intrínsecas da profissão. (...) Nos homens mais jovens (...) existe uma maior sensibilidade para diminuir a distância entre territórios familiares e os profissionais (...). (pp.600-601)

Consequentemente, e apesar do decréscimo de profissionais do género masculino na última década, é espectável que se verifique um aumento de profissionais do sexo masculino nos próximos anos, pois, ao longo da investigação, constata-se que a generalidade dos inquiridos e intervenientes no estudo compreendem o género masculino, como tendo capacidades para promover de igual forma, todo o tipo de aprendizagens que são viabilizadas pelas mulheres.

Considerações Finais

Nesta última fase e com o aproximar da conclusão deste relatório, não posso deixar de confessar o sentimento nostálgico que se criou. Toda esta investigação faz e sempre irá fazer todo o sentido para mim, não só pela pertinência do tema, mas também por todas as aprendizagens e reflexões que foram concretizadas ao longo do estudo, e ainda pelas ações antecedentes ao mesmo. A experiência profissional e todo o percurso de vivências pessoais que me trouxeram até aqui estão implícitas neste trabalho. Ao longo do desenvolvimento do mesmo foi notória a valorização do papel masculino, não só nos ambientes em que estive presente, mas também na opinião dos inquiridos e intervenientes deste estudo, que depositaram e demonstraram plena confiança nas competências educacionais, profissionais e atitudinais dos profissionais de género masculino. Sou homem, sou docente, e mais que nunca tenho plena confiança de que posso realizar o meu trabalho com as crianças, com a mesma ou melhor competência do que o género oposto ao meu.

Segundo Rasteiro (2017):

Um trabalho académico para ser realizado implica um tempo de conceção, um tempo de desenvolvimento, de maturação e, finalmente, de conclusões, pois só é possível chegar a esta fase depois de se fazer todo um percurso que requer conhecer, com rigor, os temas que estão subjacentes à investigação. (p.603)

Seguindo a premissa do autor referido anteriormente, o relatório aqui apresentado, respeitou todas as fases de que um estudo desta exigência deve ter, obedecendo a uma organização onde todos os capítulos estão interligados uns com outros, sendo que todos contribuíram para o processo de desenvolvimento desta investigação. A mesma está dividida em três grandes partes:

A parte I, onde constam os pressupostos da minha prática profissional e onde relacionei os contextos vividos com o tema deste relatório, fazendo como que uma introspectiva do que vivenciei nos contextos de estágio, pois aí deparei-me, mais uma vez, com uma realidade demasiadamente feminilizada, onde a presença masculina ainda não era algo normal, particularmente em creche e pré-escolar. A parte II, que diz respeito ao enquadramento teórico do estudo empírico e onde consta a investigação bibliográfica, que procurou, sempre, a mais pertinente e atual das bibliografias. E por fim a parte III, que se refere às metodologias utilizadas ao longo desta investigação, onde, numa primeira fase, refleti sobre a pertinência e utilização de determinados

instrumentos de recolha e tratamento de dados, e posteriormente, apresentei os dados recolhidos fazendo uma análise rigorosa dos mesmos. Ainda em relação à parte III, e fazendo referência aos dados recolhidos, posso acrescentar, que é nessa fase que a expectativa de um futuro seguro e próspero para os profissionais do género masculino é confirmada. É aí que podemos encontrar as opiniões que foram dadas pelos inquiridos ao longo do estudo e que, na sua esmagadora maioria, são favoráveis aos docentes do sexo masculino, transmitindo toda a confiança que um pai, uma mãe ou uma família devem ter num docente. Nem a mais, nem a menos do que a uma mulher educadora/professora.

Sendo que esta investigação, intitulada “O exercício da profissionalidade docente e o género masculino – Um estudo de perceções focado nas práticas educativas com as primeiras idades”, visa compreender *em que medida, o género do educador de infância, influencia a sua prática profissional*. Depois de muita investigação, desenvolvimento e amadurecimento de ideias, é agora possível responder, que o género do educador, não influencia negativamente as suas práticas, as suas atitudes e qualidade da sua profissionalidade. Apesar de alguns autores citados ao longo do estudo afirmarem que, à quarenta anos atrás, quando se formou o primeiro educador de infância, “a sociedade em geral pensava que a nossa profissão se destinava a jovens do sexo feminino que estavam à espera de criar a sua própria família ou que não sabiam fazer mais nada” (Vasconcelos, 2004, p.110), após o estudo empírico realizado, em que foram utilizados métodos de recolha de dados como as entrevistas e os inquéritos por questionário, concluímos que o género do docente, para a grande maioria dos respondentes, não tem qualquer influência na qualidade de desempenho das competências docentes, sendo que estas englobam também a relação com as crianças.

Deste modo, posso então afirmar que os homens docentes podem desempenhar as suas funções com a mesma ou melhor competências que as mulheres docentes, e que podem, de igual modo, criar o mesmo tipo de relação com as crianças, que uma profissional docente do género feminino, aliás, os processos de educação e de socialização das crianças, a formação da sua identidade e dos seus comportamentos, ganham num ambiente que seja mais próximo dos ambientes familiares, onde as diferenças de género estão presentes.

Contudo, devo confessar, que nesta fase, com o culminar do estudo e da investigação, deparo-me com uma discrepância entre os resultados obtidos e a expectativa que tinha acerca do que iriam ser esses mesmos resultados. Durante os

períodos de estágio e ao longo da minha vida profissional, tive a oportunidade de trabalhar com vários profissionais, vivenciando vários contextos e, no meu entender, a presente investigação iria expressar uma grande discrepância de opiniões acerca da presença dos homens na educação nas primeiras idades, acentuando o pensamento de que, principalmente a educação pré-escolar, seria mais vocacionada a docentes do género feminino. Porém, o mesmo não se verificou.

Durante e após o desenvolvimento da problemática a que este relatório se comprometeu, não posso deixar de referir a importância do apoio de todos os intervenientes desta investigação. Sendo escassa a presença de homens como docentes, foi ainda mais desafiante e gratificante o desenvolvimento deste relatório, pois acredito que o mesmo irá contribuir para que outros, tal como eu, sigam a carreira docente e que, por mais pequeno que seja o estereótipo em torno dos docentes do género masculino, o mesmo deixe de existir completamente.

Ao longo dos estágios que contribuíram para a conclusão deste estudo, sempre estive rodeado de mulheres, porém, acredito que consegui transmitir uma mensagem positiva da presença masculina nesta área, e que pelos locais por onde tive a oportunidade de estar, mudaram-se mentalidades e reavivaram-se valores. Contudo, foi também possível observar que a presença masculina é cada vez mais valorizada, não só por parte do corpo docente, como pelo grupo de famílias das crianças. Nas palavras da educadora cooperante:

“Não é o género que faz com que o trabalho desenvolvido seja diferente. Existem muitas educadoras, mas educadores existem poucos. Só isso já é uma vantagem. O que interessa é a paixão com que nós exercemos a profissão. As pessoas vão querer saber o que tens para oferecer de diferente e tu tens algo de diferente.” (Nota de Campo 4, novembro 2019)¹³

O respeito pelo outro, pela diferença, pelo género, são, mais que nunca, valores que as gerações futuras devem possuir. Segundo Peixoto (2002, citado por Cortez 2015), “As crianças que nasciam, fossem meninos ou meninas, passaram a ser pessoas que não eram nem homens, nem mulheres. As gerações mais novas passaram a ser pessoas e mesmo as palavras homem e mulher desapareceram.” (p.5)

Se pensarmos e interpretarmos as palavras de Peixoto, podemos considerar a importância que é valorizarmos, antes de tudo, a pessoa, o ser, e não o género da

¹³ Todas as notas de campo presentes neste relatório foram retiradas nos estágios da PES I e PES II

mesma. Sendo homem ou mulher, cada um de nós é uma pessoa, um ser humano que pode e tem a liberdade de escolher o caminho que quer. E neste caso, espero que este relatório contribua, mais que tudo, para incentivar outros homens a seguir e/ou envergar pela carreira educacional. Mais que nunca, é preciso reconhecer o valor da “educação” e tudo o que ela engloba. Relembrando as palavras de Freire (n.d) “Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo.”

Como expectativas de futuro, tenho a plena consciência de que ainda há um grande caminho a percorrer para que o número de docentes masculinos se equipare ao número de docentes do género feminino, mas espero que ao longo dos anos este número fique cada vez mais equiparado. Para que tal possa acontecer é necessário valorizar os docentes, sejam homens ou mulheres, é importante compreender que a profissão docente é aquela que forma todas as outras profissões. Sem transmissores de conhecimento, nada nem ninguém pode exercer outros ofícios. Na minha opinião, o aumento de profissionais do género masculino só acontecerá depois desta mudança de paradigma acontecer.

A nível pessoal, daqui em diante começa uma nova etapa, onde me irei deparar com novos desafios e novos contextos que contribuíram para conhecer e aprofundar conhecimentos e a partir deles, delinear o meu percurso e estratégias como docente, evoluindo e aprendendo com a experiência, pois tal como defende Rosa (2002):

Um humano não pode deixar de tudo fazer para se tornar nobre, pois, sem esse processo de se tornar em acto o que lhe cabe naturalmente como potência, não é, em sentido próprio, um humano. Ser humano é estar “condenado” a perfazer-se (a “a-per-feiçoar-se”, isto é, a construir até ao acabamento as suas próprias feições). (p.315)

Os dados recolhidos nesta investigação podem sempre ser aprofundados e/ou utilizados noutra área, tendo em conta que existem sempre outros referenciais teóricos que podem acrescentar valor a qualquer investigação. Tenho a esperança de que daqui desponham outras investigações, que valorizem e realcem o papel da igualdade de género e que debatam os papéis socialmente atribuídos a mulheres e/ou homens, não só na área da educação, como em todas as áreas a nível profissional, sendo que, especificamente na área da educação, torna-se cada vez mais pertinente abordar temas que discutam estereótipos incutidos na sociedade. Sendo a educação de infância a primeira experiência de socialização de uma criança, é crescente a necessidade do

surgimento de estudos desta natureza, contribuindo desse forma, para uma sociedade mais justa e equitativa.

Referencias Bibliográficas

- Afonso, N. (2005). *Investigação Naturalista em Educação*. Edições Asa.
- Almeida, J. F., & Pinto, J. M. (1995). *A Investigação nas Ciências Sociais*. (5ª ed.). Editorial Presença.
- Alves, B. (2012). *A experiência vivida de professores do sexo masculino na educação infantil uma questão de gênero*. Dissertação de Pós-Graduação. Fundação Edson Queiroz, Universidade de Fortaleza.
- Anderson, L., Krathwohl, D. (Eds.), Airasian, P., Cruikshank, K., Mayer, R., Pintrich, P., Raths, J., & Wittrock, M. (2001). *A taxonomy for learning, teaching and assessing: A revision of Bloom's Taxonomy of Educational Objectives*. Longman.
- Bell, J. (2008). *Projeto de Pesquisa – Guia para pesquisadores iniciantes em educação, saúde e ciências sociais* (4.ª ed.). Artmed Editora.
- Bicalho, L., & Oliveira, M. (2011). A teoria e a prática da interdisciplinaridade em Ciência da Informação. *Perspectivas em Ciência da Informação*, 16 (13), 47-74.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação, Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto Editora.
- Cardona, M.J. (1997). *Para a História da Educação de Infância em Portugal*. Coleção Infância. Porto Editora.
- Carmo, H., & Ferreira, M. (1998). *Metodologia da Investigação. Guia para a Autoaprendizagem*. Universidade Aberta.
- Carvalho, M. (2013). *Situações de jogo/brincadeira: promoção de interações desenvolvimentalmente estimulantes entre adultos (pais e profissionais) e crianças em idade de Creche*. Dissertação de Mestrado, Escola Superior de Educação de Lisboa do Instituto Politécnico de Lisboa.
- Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género. (2017). *Igualdade de Género em Portugal – Boletim Estatístico 2017*. <https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2018/02/Boletim-estatistico-2017.pdf>.
- Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género. (2017). *Igualdade de género em Portugal: indicadores-chave 2017*. https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2017/07/AF_CIG_FactSheet.pdf.

- Correia, I. (2007). Formação e Caminhos de Profissionalidade na educação de Infância. *Cadernos de Educação de Infância*, 82, 1-52.
<https://pt.scribd.com/doc/3618257/CEI-82>
- Cortez, M. G. (2015) *A Profissão de Educador de Infância e o Género Masculino*. Whitebooks.
- Coutinho, C. P. (2011). *Metodologias de Investigação em Ciências Sociais: Teoria e Prática*. Almedina.
- Cró, M. L. (1998). *Formação inicial e contínua de educadores/professores: estratégias de intervenção*. Porto Editora.
- Cunha, L.C. (2013). *O enriquecimento do espaço pedagógico à luz de uma abordagem ativa*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Educação, Universidade do Minho.
- Cunha, M. (2001). *Género e Teoria Organizacional in Psicologia*. Vol. XV (1), 27 - 41.
- Delors, J., Amagi, I., Carneiro, R., Chung, F., Geremek, B., Gorham, W., Kornhauser, A., Manley, M., Quero, M. P., Savané, M. A., Singh, K., Stavenhagen, R., Suhr, M. W., Nanzhao, Z (1998). *Educação: Um tesouro a descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Cortez Editora.
- Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência. (2019). *Educação em Números - Portugal 2019*, 1-109.
- Ferreira, M. J., & Campos, P. (2009). XI - O Inquérito Estatístico: uma introdução à elaboração de questionários, amostragem, organização e apresentação dos resultados. Um mundo para conhecer os números. *Dossiês Didáticos*, Instituto Nacional de Estatística, 1-39.
- Ferreira, M. Luísa R. (1999). Ética e Co-educação in: Co-educação: Do Princípio ao Desenvolvimento de uma Prática. *Actas do Seminário Internacional*. Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres (CIDM), 89-104.
- Ferreira, M., & Sarmiento, M. (2008). Subjectividade e bem-estar das crianças (in)visibilidade e voz. *Revista Eletrônica de Educação*, 2 (2), 60-91.
https://www.researchgate.net/publication/277227958_Subjectividade_e_Bem-Estar_das_Criancas_invisibilidade_e_voz
- Flick, U. (2009). *Uma introdução à pesquisa qualitativa* (3.^a ed.). Porto Alegre: Bookman.

- Fontana, A., & Frey, J. H. (1994). *Interviewing – The Art of Science*. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln. (Org.), *The Handbook of Qualitative Research*. Sage Publications.
<http://jan.ucc.nau.edu/~pms/cj355/readings/fontana%26frey.pdf>
- Fontes, A., & Freixo, O. (2004). *Vigotsky e a Aprendizagem Cooperativa*. Livros Horizonte.
- Formosinho, J. (2013). *Modelos curriculares na educação básica – o caminho das pedagogias explícitas*. In J. Oliveira-Formosinho (Org.), *Modelos Curriculares para a Educação de Infância. Construindo uma práxis de participação* (p. 9-24). Porto Editora.
- Francisco, S.H.D.L. (2015). *A importância da autonomia em ambiente inclusivo*. Dissertação de Mestrado, Instituto Superior de Educação e Ciências.
<https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/21558/1/tese%20concluida.pdf>
- Freire, P. (2005). *Pedagogia do Oprimido*. Paz e Terra.
- Freitas, L., & Freitas, C. (2003). *Aprendizagem Cooperativa*. Edições Asa.
- Giddens, A. (2004). *Sociologia*. (4ªed.). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Hohmann, M., & Weikart, D. P. (2011). *Educar a Criança*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Klein, J. (1990). *Interdisciplinarity: history, theory, and practice*. Michigan, Wayne State University Press.
- Lopes, J., & Silva, H. (2009). *A Aprendizagem Cooperativa Na Sala De Aula- Um Guia Prático Para o Professor*. Lidel.
- Madureira, I. (2017). *Pedagogia Inclusiva - Princípios e práticas*. In M. L. Borges, C. Luísa, & Martins, M. H. (Coords.) II Congresso Internacional Direitos Humanos e Escola Inclusiva: Múltiplos Olhares (pp.42-51). Universidade do Algarve.
- Margalha, H. (2009). *A Feminização na Educação Básica: os Docentes do Género Masculino na Educação de Crianças*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Évora. <http://hdl.handle.net/10174/18463>
- Martins, G. O., Gomes, C. S., Brocardo, J. L., Pedroso, J. V., Carrillo, J. L. A., & Silva, L. M. U., ... Rodrigues, S. V. (2016). *Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória*. Ministério da Educação.
https://dge.mec.pt/sites/default/files/Noticias_Imagens/perfil_do_aluno.pdf
- Masetto, M. (1998). *Didática: a aula como centro*. FTD.

- Matos, A.F.G. (2014). *Vou-te dar um brinquedo de menino: um carro ... ou o Desmistificar as questões de sexo no Jardim de Infância*. Relatório da Prática Profissional Supervisionada, Instituto Politécnico de Lisboa.
<http://hdl.handle.net/10400.21/3997>
- Mesquita-Pires, C. (2007). *Educador de Infância Teorias e Práticas*. Profedições. Ministério da Educação. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Departamento de Educação Básica.
- Morais, A. M., & Neves, I. P. (2007). Fazer investigação usando uma abordagem metodológica mista. *Revista Portuguesa de Educação*, 20 (2), 75-104.
<http://hdl.handle.net/10451/4392>
- Niza, S. (2013). *O Modelo Curricular de Educação Pré-escolar da Escola Moderna Portuguesa*. In J. Oliveira-Formosinho (Org.), *Modelos Curriculares para a Educação de Infância* (pp. 130-159). Porto Editora.
- Nóvoa, A. (1992). *Os professores e a sua formação*. Publicações Dom Quixote.
<https://repositorio.ul.pt/handle/10451/4758>
- Nóvoa, A. (2000). *Vidas de Professores*. Porto Editora.
- Oliveira, A. (2012). *Construção e desenvolvimento da identidade profissional do educador de infância – percursos no masculino: Um estudo de três casos*. Dissertação de Mestrado, Escola Superior de Educação de Lisboa, Instituto Politécnico de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10400.21/2313>
- Piaget, J. (1936). *La naissance de l'intelligence chez l'enfant*. Delachaux & Niestlé S.A.
- Piaget, J. (1976). *A Equilíbrio das Estruturas Cognitivas. Problema central do desenvolvimento*. (Trans.). Álvaro Cabral. Zahar.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (2018). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Gradiva.
- Rasteiro, D. M. S. (2017). *Rutas Para La Inclusión Social En Portugal – Dos Estudios De Casos Centrados En Las Politicas Locales Para Las Personas Con Discapacidad*. Tesis doctoral, Universidad de Extremadura. Extremadura.
<http://hdl.handle.net/10400.26/19349>
- Rodrigues, I. C. (2009). *Ser Educador de Infância na Creche - Entre os discursos e as práticas*. Universidade do Algarve.
- Rosa, J. C. (2002). Construção Curricular e Construção da Cidadania. In: *Anais – Educação e Desenvolvimento*. Faculdade de Ciências e Tecnologia,

- Universidade Nova de Lisboa. Unidade de Investigação, Educação e Desenvolvimento. https://run.unl.pt/bitstream/10362/363/1/anais_2002.pdf
- Rubin, H. J., & Rubin, I. S. (2005). *Qualitative interviewing: The art of hearing data*. Sage Publications.
- Sarmento, T. (1999). Identidades Profissionais de Educadoras de Infância. *Cadernos de Educação de Infância*, 52, 19-26.
- Sarmento, T. (2002). *Histórias de Vida de Educadoras de Infância*. Instituto de Inovação Educacional.
- Sarmento, T. (2004). *Correr o Risco: Ser Homem numa Profissão “Naturalmente” Feminina*” In: Actas do V Congresso Português de Sociologia. https://aps.pt/wp-content/uploads/2017/08/DPR4628d6492bf35_1.pdf
- Sarmento, T. (2009). As Identidades Profissionais em Educação de Infância. *Locus Soci@1*, 2, 46-64.
https://www.academia.edu/13128507/ARTIGO_Teresa_Sarmento_VER_pg_46_64_locus_social_n2_2009
- Sarmento, T. (2015). *Identidades profissionais e contextos de trabalho na educação de infância*. In: F. Ferreira, & C. Anjos. (Org.), *Educação de Infância: formação, identidades e desenvolvimento profissional*. De Facto Editores, (pp.69-86).
<http://hdl.handle.net/1822/52612>
- Seco, T. (2015). *O papel do homem na educação de infância: Construção de uma identidade profissional no masculino*. Dissertação de Mestrado. Escola Superior de Educação de Lisboa, Instituto Politécnico de Lisboa.
<http://hdl.handle.net/10400.21/5674>
- Segalen, M. (1999). *Sociologia da Família*. Terramar.
- Silva, I. L., Marques, L., Mata, L. & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar*. Lisboa: Ministério da Educação
- Simões, C. M., & Simões, H. R. (1997). Maturidade Pessoal, Dimensões da Competência e Desempenho Profissional. In: Idália Sá-Chaves. (Org.), *Percursos de Formação e Desenvolvimento Profissional*. Porto Editora.
- Smith, P., Cowie, H., & Blades, M. (2001). *Compreender o Desenvolvimento da Criança*. Horizontes Pedagógicos.
- Torres, A. (2002). Casamento: Conversa a duas Vozes e três Andamentos. *Análise Social*, XXXVII (163), 569-602.

- Tuckman, W.B. (2000). *Manual de Investigação em Educação*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- UNICEF. (2017). *Guia para educadores e professores*.
<https://www.unicef.pt/media/1311/guia-educadores-professores-dudc.pdf>
- Vasconcelos, T. (2004). *Das casas de asilo ao projeto de cidadania. Políticas de expansão da educação de infância em Portugal*. Edições ASA.
- Vygotsky, L. S. (1987). *A formação social da mente*. Martins Fontes.
- Wallon, H. (1925). *Stades et troubles du développement psycho-moteur et mental chez l'enfant*. F.Alcan.
- Zabalza, M.A. (1998). *Qualidade em Educação Infantil*. Edições ASA.

Legislação:

- Artigo 69 - Licença por paternidade. Código de trabalho.
http://cite.gov.pt/Legis_Nac/ArquivoLN/LeisArqLN/Lei35_04_02.htm
- Decreto – Lei nº147/97. <https://data.dre.pt/eli/dec-lei/147/1997/06/11/p/dre/pt/html>
- Decreto – Lei n.º 240/2001. <https://dre.pt/application/conteudo/631837>
- Decreto – Lei n.º 241/2001. <https://dre.pt/application/conteudo/631843>
- Lei quadro da Educação Pré-escolar.
https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EInfancia/documentos/lei-quadro_educacao_pre-escolar.pdf

Webgrafia

- Junta de Freguesia de Marvila. <https://jf-marvila.pt/>
- Pordata. (1 de julho de 2020). Base de dados Portugal Contemporâneo. Fundação Francisco Manuel dos Santos <https://www.pordata.pt/Home>
- Wadley, A. (n.d.) *Just Play*. Pragmatic Mom.
<https://www.pragmaticmom.com/2010/09/just-playing-by-anita-wadley-poem-for-parents-of-small-children/>

Anexos

Anexo A - Guião de entrevista para docentes do género masculino

Bloco/tema	Objetivos específicos	Tópicos/questões
Bloco A – Legitimação da entrevista	Legitimar a entrevista	<p>Explicar os objetivos da investigação;</p> <p>Garantir o anonimato ao entrevistado e explicar que os dados são usados unicamente para a investigação;</p> <p>Solicitar a gravação da entrevista, como forma de facilitar o registo dos dados.</p>
Bloco B – Percurso profissional e formação do entrevistado	Conhecer a formação académica e o percurso profissional do entrevistado	<p>Fale-me da sua formação académica;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Onde estudou? • Há quantos anos tirou o curso? <p>Fale-me do seu percurso profissional;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Quantos anos de serviço tem? • Em quantas escolas já exerceu (públicas ou privadas)?
Bloco C - Conceções e representações sobre o papel do homem na educação	Conhecer a opinião do entrevistado sobre o papel do homem na sociedade em geral e especificamente na educação.	<ul style="list-style-type: none"> • Qual a sua opinião sobre a presença dos homens na educação? <ul style="list-style-type: none"> ○ Acha que os homens podem trazer contributos para docência?

<p>Bloco D - Conceções e representações sobre o papel do homem na educação de infância</p>	<p>Indagar sobre a opinião do entrevistado quanto à presença dos homens na educação de infância.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Em relação à educação de infância, o número de profissionais de género masculino é muito inferior quando comparado ao do sexo feminino. Quais serão no seu entender as causas desta discrepância numérica tão grande? <ul style="list-style-type: none"> ○ No seu entender existem consequências relativamente à feminização da profissão docente? Quais? ○ O que poderia ser diferente se existissem mais profissionais do sexo masculino na educação de infância e mesmo no 1º ciclo? • Em termos de relação com as crianças, acha que existem diferenças devido ao facto de o educador ser homem ou mulher? Quais as principais diferenças que reconhece? <ul style="list-style-type: none"> ○ Em termos afetivos e de cuidados, parece-lhe que o educador homem consegue dar resposta às necessidades das crianças? Porquê? ○ E em outros domínios relacionais, encontra diferenças ou discrepâncias com as colegas do sexo feminino? Se sim, em que termos?
--	--	---

		<ul style="list-style-type: none"> • E em relação às famílias face à sua experiência, como se processam as comunicações? Tem sentido alguma dificuldade em particular? • Alguma vez se sentiu embaraçado em alguma situação na vida profissional pelo facto de ser do género masculino? • Ao longo do tempo tem sentido alterações em termos das atitudes das famílias ou das colegas de trabalho no exercício da docência face às questões de género? Quais?
Bloco E – Desempenho da profissão e diferenças implícitas num profissional de género masculino e feminino.	Conhecer a opinião do entrevistado quanto às eventuais diferenças nas práticas profissionais dos homens e das mulheres.	<ul style="list-style-type: none"> • Em relação à sua experiência profissional, já trabalhou em escolas com outros docentes homens? • Face às colegas do sexo feminino, identifica alguma(s) diferença(s) significativa(s) na implementação das práticas pedagógicas? Em que aspetos ou em que domínios? • Acha que se existissem mais docentes homens o ambiente e o clima de trabalho nas escolas poderia ser diferente? Em que termos?
Bloco F – Conclusões e agradecimento	Dar oportunidade ao entrevistado para acrescentar alguma coisa. Agradecer a disponibilidade e garantir novamente a confidencialidade.	<ul style="list-style-type: none"> • Gostaria de acrescentar mais alguma coisa à entrevista? <p>Agradecer a disponibilidade; Garantir a confidencialidade da identidade do entrevistado; Após a transcrição da gravação, ser-lhe-á facultada uma cópia.</p>

Anexo B - Guião de entrevista para docentes do género feminino

Bloco/tema	Objetivos específicos	Tópicos/questões
Bloco A – Legitimação da Entrevista	Legitimar a entrevista	Explicar os objetivos da investigação; Garantir o anonimato à entrevistada e explicar que os dados são usados unicamente para a investigação; Solicitar a gravação da entrevista, como forma de facilitar o registo dos dados.
Bloco B – Percurso profissional e formação da entrevistada	Conhecer a formação académica e o percurso profissional da entrevistada	Fale-me da sua formação académica; <ul style="list-style-type: none"> • Onde estudou? • Há quantos anos tirou o curso? Fale-me do seu percurso profissional; <ul style="list-style-type: none"> • Quantos anos de serviço tem? • Em quantas escolas já exerceu (públicas ou privadas)?
Bloco C - Conceções e representações sobre o papel do homem na educação	Conhecer a opinião do entrevistado sobre o papel do homem na sociedade em geral e especificamente na educação.	<ul style="list-style-type: none"> • Qual a sua opinião sobre a presença dos homens na educação? <ul style="list-style-type: none"> ○ Acha que os homens podem trazer contributos para docência?

<p>Bloco D - Conceções e representações sobre o papel do homem na educação de infância</p>	<p>Indagar sobre a opinião da entrevistada quanto à presença dos homens na educação de infância.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Em relação à educação de infância, o número de profissionais de género masculino é muito inferior quando comparado ao do sexo feminino. Quais serão no seu entender as causas desta discrepância numérica tão grande? <ul style="list-style-type: none"> ○ No seu entender existem consequências relativamente à feminização de profissão docente? Quais? ○ O que poderia ser diferente se existissem mais profissionais do sexo masculino na educação de infância e mesmo no 1º ciclo? • Em termos de relação com as crianças, pensa existirem diferenças devido ao facto de o educador ser homem ou mulher? Porquê? <ul style="list-style-type: none"> ○ Em termos afetivos e de cuidados, parece-lhe que o educador homem consegue dar resposta às necessidades das crianças? Porquê? • E em relação às famílias, face à sua experiência, como se processam as comunicações entre os educadores homens e os familiares? Existem dificuldades? Porquê?
<p>Bloco E – Desempenho da profissão e diferenças implícitas</p>	<p>Conhecer a opinião da entrevistada quanto às eventuais diferenças nas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Em relação à sua experiência profissional, já trabalhou em escolas com educadores homens?

<p>num profissional de género masculino e feminino.</p>	<p>práticas profissionais dos homens e das mulheres.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Face aos colegas do sexo masculino, identifica alguma(s) diferença(s) significativa(s) na implementação das práticas pedagógicas? Em que aspetos ou em que domínios? • Acha que pelo facto de haver mais colegas do sexo masculino isso poderia ter alguma influência no ambiente e no clima de escola? Em que aspetos?
<p>Bloco F – Conclusões e agradecimento</p>	<p>Dar oportunidade à entrevistada para acrescentar alguma coisa. Agradecer a disponibilidade e garantir novamente a confidencialidade.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Gostaria de acrescentar mais alguma coisa à entrevista? <p>Agradecer a disponibilidade; Garantir a confidencialidade da identidade da entrevistada; Após a transcrição da gravação, ser-lhe-á facultada uma cópia.</p>

Anexo C - Guião de entrevista para encarregados de educação

Bloco/tema	Objetivos específicos	Tópicos/questões
Bloco A – Legitimação da Entrevista	Legitimar a entrevista	<p>Explicar os objetivos da investigação;</p> <p>Garantir o anonimato ao entrevistado e explicar que os dados são usados unicamente para a investigação;</p> <p>Solicitar a gravação da entrevista, como forma de facilitar o registo dos dados.</p>
Bloco B – Situação da família	Conhecer a família	<p>Fale-me da sua família;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Qual o seu enquadramento familiar em termos do estado civil? • Tem filhos? Quantos? Menino ou menina?
Bloco C – Situação dos discentes face ao contexto escolar	Conhecer o percurso escolar do(s) filho(s) do(s) entrevistado(s)	<ul style="list-style-type: none"> • Os seu(s) filho(s) frequentam ou já frequentaram a creche ou o jardim de infância? • Neste momento, em que nível de educação se encontram? • Quantos docentes teve o seu filh(o) ao longo do percurso escolar? <ul style="list-style-type: none"> ○ Algum deles era do sexo masculino?

<p>Bloco D - Conceções e representações sobre o papel do homem na educação de infância</p>	<p>Indagar sobre a opinião do entrevistado quanto à presença dos homens na educação de infância.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Em relação à educação de infância, o número de profissionais de género masculino é muito inferior quando comparado ao do sexo feminino. Quais serão no seu/vosso entender as causas desta discrepância numérica tão grande? <ul style="list-style-type: none"> ○ O que poderia ser diferente se existissem mais profissionais do sexo masculino na educação de infância e mesmo no 1º ciclo? • Em termos de relação com as crianças, pensa(m) existirem diferenças devido ao facto de o educador ser homem ou mulher? Quais serão as principais diferenças? <ul style="list-style-type: none"> ○ Em termos afetivos e de cuidados, parece-lhe(s) que o educador homem consegue dar resposta às necessidades das crianças? Porquê? • Em relação à experiência enquanto pais, acha que um educador homem consegue criar a mesma relação convosco, que uma educadora mulher? Já teve alguma dificuldade em criar essa relação/pensa que teria dificuldade em criar essa relação? Porquê?
<p>Bloco E – Desempenho da profissão e diferenças</p>	<p>Conhecer a opinião do entrevistado quanto às eventuais diferenças nas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Identifica(m) alguma(s) diferença(s) nas práticas pedagógicas dos educadores de infância homens e mulheres? Quais?

<p>implícitas num profissional de género masculino e feminino.</p>	<p>práticas profissionais dos homens e das mulheres.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Acha(m) que um educador homem pode/poderia trazer contributos diferentes para a educação dos seus filhos? Em que medida?
<p>Bloco F – Conclusões e agradecimento</p>	<p>Dar oportunidade ao(s) entrevistado(s) para acrescentar alguma coisa. Agradecer a disponibilidade e garantir novamente a confidencialidade.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Gostaria(m) de acrescentar mais alguma coisa à entrevista? Agradecer a disponibilidade; Garantir a confidencialidade da identidade da entrevistada; Após a transcrição da gravação, ser-lhe-á facultada uma cópia.

Anexo D - Guião de entrevista para docentes com cargo diretivo

Bloco/tema	Objetivos específicos	Tópicos/questões
Bloco A – Legitimação da Entrevista	Legitimar a entrevista	<p>Explicar os objetivos da investigação;</p> <p>Garantir o anonimato ao entrevistado e explicar que os dados são usados unicamente para a investigação;</p> <p>Solicitar a gravação da entrevista, como forma de facilitar o registo dos dados.</p>
Bloco B – Percurso profissional e formação do entrevistado	Conhecer a formação académica e o percurso profissional do entrevistado	<p>Fale-me da sua formação académica;</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Onde estudou? ○ Há quantos anos tirou o curso? <p>Fale-me do seu percurso profissional;</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Quantos anos de serviço tem? ○ Em quantas escolas já exerceu (públicas ou privadas)? ○ Á quantos anos está num cargo diretivo?
Bloco C - Conceções e representações sobre o papel do homem na educação	Conhecer a opinião do entrevistado sobre o papel do homem na sociedade em geral e especificamente na educação.	<ul style="list-style-type: none"> • Qual a sua opinião sobre a presença dos homens na educação? <ul style="list-style-type: none"> ○ Acha que os homens podem trazer contributos para docência?

<p>Bloco D - Conceções e representações sobre o papel do homem na educação de infância</p>	<p>Indagar sobre a opinião do entrevistado quanto à presença dos homens na educação de infância.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Em relação à educação de infância, o número de profissionais de género masculino é muito inferior quando comparado ao do sexo feminino. Quais serão no seu entender as causas desta discrepância numérica tão grande? <ul style="list-style-type: none"> • No seu entender existem consequências relativamente à feminização de profissão docente? Quais? • O que poderia ser diferente se existissem mais profissionais do sexo masculino na educação de infância e mesmo no 1º ciclo? • Em termos de relação com as crianças, pensa existirem diferenças devido ao facto de o educador ser homem ou mulher? Porquê? <ul style="list-style-type: none"> • Em termos afetivos, parece-lhe que o educador homem consegue dar resposta às necessidades das crianças? Porquê? • E em relação às famílias, face à sua experiência, como se processam as comunicações entre os educadores homens e os familiares? Existem dificuldades? Porquê?
--	--	---

		<ul style="list-style-type: none"> • Na instituição que dirige, como avalia o impacto das questões de género no trabalho em geral, no clima e no ambiente organizacional?
<p>Bloco E – Desempenho da profissão e diferenças implícitas num profissional de género masculino e feminino.</p>	<p>Conhecer a opinião do entrevistado quanto às eventuais diferenças nas práticas profissionais dos homens e das mulheres.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Em relação à sua experiência profissional, já trabalhou em escolas com educadores homens? • Identifica alguma(s) diferença(s) na(s) prática(s) pedagógicas dos educadores de infância homem e mulheres? Quais? • Em relação à sua experiência como diretora, no ato da contratação de docentes, o género influencia a sua escolha? Porquê/Em que medida? • No que diz respeito a cargos diretivos, existe algum género mais apto para desempenhar essa função? Porquê?
<p>Bloco F – Conclusões e agradecimento</p>	<p>Dar oportunidade ao entrevistado para acrescentar alguma coisa. Agradecer a disponibilidade e garantir novamente a confidencialidade.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Gostaria de acrescentar mais alguma coisa à entrevista? <p>Agradecer a disponibilidade; Garantir a confidencialidade da identidade da entrevistada; Após a transcrição da gravação, ser-lhe-á facultada uma cópia.</p>

Anexo E - Entrevista com professor

1 **Entrevistador** - Fale-me da sua formação académica, onde é que estudou, há quantos
2 anos tirou o curso?

3 **Entrevistado** – Eu estudei em Évora, foi uma opção que começou por ser de birra com a
4 família, que depois acabou por ser a opção acertada e não me arrependo nada. Estudei em
5 Évora e tive a sorte de, foi numa fase de reestruturação do ensino, do ensino para professor,
6 em que eu já apanhei o curso de três anos, com ótimos professores e com uma grande
7 diferença, não estou a dizer que era melhor ou pior, mas que deu muito ênfase à relação
8 com o professor com a comunidade e da abertura da escola à vida. E que era uma coisa
9 que não acontecia muito, e portanto, eu tive a sorte nesse ano, eu acabei o curso em 79,
10 nessa altura, havia essa grande preocupação de tal maneira, que nós no primeiro ano e
11 para grande surpresa nossa de estudos, para quem vinha de um liceu e de repente
12 apanhamos uma turma de 25 alunos e a que nos dizem, “faz um grupo”, com pessoas que
13 ainda mal conhecíamos, façam um grupo porque vocês vão fazer uma coisa que se
14 chamava na altura as atividades do meio e era, fomos para uma aldeia, todos, na altura foi
15 para Alqueva, fomos para uma aldeia. Nós, o meu grupo era um grupo muito grande,
16 eram 12 pessoas e qual era a intenção, era de nós vivenciarmos a experiência de, “eu
17 agora sou o professor, vou chegar aquela aldeia, qual vai ser a minha reação naquela
18 aldeia”. Então foi muito engraçado, porque foi falar com as pessoas, foi falar com as
19 entidades, com o centro de saúde, tudo, para depois essa informação toda me servir na
20 sala de aula. E, portanto, desde perceber que por exemplo, que o centro de saúde não
21 funcionava muito bem, porque era só duas vezes por semana, então eu como professor
22 pensei, então eu se calhar tenho que ser um pouco o enfermeiro.

23 **Entrevistador** – Perceber o contexto.

24 **Entrevistado** – O contexto. Se calhar também tenho que ser um pouco o enfermeiro,
25 perceber que por exemplo havia muita gente de idade, então vou recolher todas as
26 histórias tradicionais, até quem sabe se eu conseguir falar com a dona, a tia Emília, se ela
27 depois não vai à sala de aula falar com os meninos, tudo isso, foi muito bom, e isso deu-
28 nos aquela perspetiva que é, o professor não é só o que está na sala de aula, mas o
29 professor é também o que rodeia, e perceber que aquele menino, o António, ou a Maria
30 ou o Pedro, que está na sala de aula, é perceber que o António, a avó dele tem muitas
31 histórias, a avó dele sabe fazer mezinhas e benzeduras, e que a mãe sabe fazer ainda
32 croché com agulhas de cinco linhas e que pode ensinar essas coisas todas. Isso era uma

33 coisa que até aí não era muita valorizada. É evidente que o professor era uma pessoa
34 importante, mas era na sala de aula. E esta perspectiva é que o professor continua a ser
35 importante, mas o professor também está atento ao que o rodeia, e que traz o mundo dos
36 miúdos, das crianças, porque era uma coisa, a escola impunha os seus valores à família,
37 e aqui era a escola a querer também que a família viesse à escola. Isso foi uma perspectiva
38 muito importante.

39 **Entrevistador** – Ao longo destes anos todos, quantos anos de carreira já tem?

40 **Entrevistado** – 40 anos e já presenciei muitas mudanças, reviravoltas, já passámos por
41 fases em que a importância era a pessoa pensar num percurso de quatro anos, sem
42 divisões, já passamos pela fase em que as coisas eram divididas em dois ciclos, primeiro
43 e segundo ano era um ciclo, uma fase, terceiro e quarto ano era outra fase, até este
44 momento em que as coisas estão ainda mais estanques, que é o primeiro, o segundo, o
45 terceiro e o quarto.

46 **Entrevistador** – Ao longo dos anos, em quantas escolas já exerceu?

47 **Entrevistado** – Por acaso não exerci em tantas assim, porque, entretanto, no meu
48 percurso aconteceu uma coisa que foi, para mim foi importante, e que nem sempre é fácil
49 no ensino primário, que foi, nós muitas vezes não temos a possibilidade de mudanças de
50 trabalho. Eu tive a possibilidade de, se calhar porque fui trabalhando, ou destaquei-me,
51 ou notaram que havia uma diferença, qualquer coisa, uma mais valia, e durante muitos
52 anos fiz formação de professores, ao nível das expressões, porque entretanto eu fiz estudo
53 paralelos em termos artísticos, teatro e pintura, e durante 15 anos fiz formação de
54 professores da Drell. Mas mesmo assim em termos de escola, e depois agora tive a
55 possibilidade, estou nesta escola há 20 anos, mas mesmo assim, devo ter passado por, sei
56 lá, em termos de dar aulas aí umas 15 escolas.

57 **Entrevistador** – Públicas ou privadas?

58 **Entrevistado** – Sempre públicas. Em termos depois de trabalho, trabalhar com turmas,
59 100 turmas, 200 turmas. Mesmo quando eu fazia formação, eu trabalhava com turmas,
60 porque a minha formação era sempre prática. Eu para além de trabalhar com o professor,
61 depois dava-lhe complemento à formação, mas eu sempre fui, mesmo quando fazia a
62 formação, de provar aos professores que mesmo nas situações menos facilitadoras se
63 podiam fazer coisas, e portanto, para não haver...

64 **Entrevistador** – Em que aquelas técnicas que o professor estava a dar que resultavam,
65 não é?

66 **Entrevistado** – Sim, todas as técnicas resultavam e para a pessoa perceber, que não era
67 preciso ser um grande entendido ou ter grandes materiais, se quisesse, podia fazer. E,
68 portanto, eu trabalhava com as turmas.

69 **Entrevistador** – Fazia omeletes sem ovos.

70 **Entrevistado** – Como se fosse a minha turma, que ainda era mais difícil, porque eu não
71 tinha o conhecimento. É evidente que ao longo do tempo fui conhecendo a turma, mas ia
72 fazendo o trabalho e o professor percebia que se podia fazer o trabalho.

73 **Entrevistador** – E agora em relação mais especificamente ao tema professor, qual é a
74 sua opinião sobre a presença dos homens na educação? Acha que os homens podem trazer
75 contributos?

76 **Entrevistado** – Em relação à questão do homem, até lhe vou dizer uma coisa, o meu
77 percurso no magistério, eu fui para a escola do magistério e fui ser professor do 1º ciclo,
78 por uma questão absurda, na altura não aceitavam os homens no jardim de infância, eu
79 queria ser educador de infância. Não aceitavam, mintos, ao nível oficial, nas escolas
80 oficiais, ainda não havia. Havia em Lisboa, ou não sei se em Lisboa já havia, mas na
81 altura não me apeteceu, nem tinha condições para vir para Lisboa. Eu vivia em Évora e
82 em Évora não havia. E mesmo assim, não quero agora estar a insistir, mas eu tenho
83 impressão de que na altura, há 40 e tal anos atrás a Maria Ourique, que eram escolas
84 privadas, a Maria Ourique e a Joao de Deus já deixavam, já aceitavam homens, mas era
85 muito raro. Já nessa altura eu, a minha vontade era ser educador de infância, e achei
86 absurda a resposta que me deram na altura, de não existirem professores homens no
87 jardim de infância porque lhes faltava o instinto maternal, que eu achei um disparate.
88 Felizmente no 1º ciclo eu sempre achei que o homem é cada vez mais e sempre foi um
89 papel muito importante, porquê? Porque o homem, o professor Homem, dá a componente
90 que muitas vezes falhava nas crianças, que é... Hoje em dia mesmo assim já está um
91 pouco diferente, mas há muito tempo atrás, até por questões e não estou a dizer que os
92 homens não queriam ser pais mais atuantes e mais... às vezes são as questões da vida e
93 às vezes até a informação e questões culturais. O que é um facto, é que a presença
94 masculina sempre foi a presença menos presente, ainda por cima, pior ainda, a presença
95 masculina sempre foi a presença punidora, com a mãe podiam fazer as coisas, mas se
96 havia alguma coisa grave, deixa que a gente já fala com o teu pai.

97 **Entrevistador** – Era com o pai... O teu pai já te conta...

98 **Entrevistado** - E qualquer um de nós, de certeza que teve essa experiência, a maior parte
99 de nós o pai era a punição. Mesmo que não nos batesse fisicamente, mas nós... o pai era

100 o medo. Isso por um lado. Mesmo a questão afetiva, também por questões culturais, o
101 homem agora foi-se libertando disso, os homens nunca eram muito dos afetos. E nós
102 sabemos hoje, porque também já fomos pequenos, como isso é importante. Como é
103 importante o toque, o olhar, a mão do ombro, o agarrar.

104 **Entrevistador** – O abraço.

105 **Entrevistado** – Que nos dá proteção e isso não acontecia. Portanto sempre achei que era
106 importante, ainda por cima a escola, a escola primária então, é um mundo muito feminino,
107 um mundo muito feminino que é o mundo que a maior parte das vezes conhecem, porque
108 a casa é feminina. Muitas vezes é mãe, se não é a mãe, é a avó, se não é a avó, é a prima
109 ou a vizinha, é sempre o feminino. Nunca há o homem e a escola continuava a perpetuar
110 isso. E é muito engraçado, todo o percurso que eu tenho tido, nota-se não só nas crianças,
111 há essa apetência, essa vontade do homem, da presença do homem, e daí até é muito
112 engraçado, e eu não sou, eu, quando digo eu, qualquer um, professor masculino, numa
113 escola, acaba por ficar muito mais conhecido por ser homem.

114 **Entrevistador** – Porque está em minoria, não é?

115 **Entrevistado** – É. Numa escola em que há 10 mulheres, se aparecem dois homens,
116 tornam-se mais notados, são mais... pronto. De tal maneira que até pelo nome, porque é
117 muito mais fácil um miúdo dizer “é o professor João ou é o professor Alberto”.

118 **Entrevistador** – As minorias são sempre mais notadas.

119 **Entrevistado** – “E a professora do terceiro ano? Isso não me lembro”. E não é por... é
120 por o homem, como há minoria repara-se mais. Por outro lado, já agora, sem ser com um
121 aspeto misógino, também acho que é muito importante, na sala de aula mesmo, é
122 importantíssimo a presença do homem, porque o homem como digo, é o lado que está
123 menos presente na vivência da criança, até porque ainda hoje acontece um pouco, o pai é
124 quem ganha o pão, até não há muito tempo atrás era assim, o pai é que ia sair para
125 trabalhar. E, a esse nível. Por outro lado, ao nível das dinâmicas que se criam numa escola,
126 é completamente diferente quando há um homem numa escola, porque inclusivamente,
127 destabiliza, no sentido bom, esse universo feminino que é a escola primária, porque um
128 universo muito feminino, de repente aparecer um homem, isso implica que até, que todos,
129 que tanto eu que entro naquele universo como o universo onde eu entro, temos que nos
130 adaptar. E é muito engraçado, até há uma história engraçada, que para mim foi muito
131 agradável na altura, porque eu andava a estudar, e estive numa escola muito longe, longe
132 de Lisboa, e a escola era muito pequenina, e eu tinha que fazer reuniões de escola, e tinha
133 que me juntar a outras escolas, e não me dava muito jeito, mas tinha que ser, era uma vez

134 por mês, pronto. E então é muito engraçado que eu cheguei, na primeira reunião que
135 cheguei a essa escola, que eram só colegas, eu era o único homem e a diretora dessa escola
136 disse-me assim, “olha colega, olha Alberto, eu vou dizer uma coisa, isto não é por
137 maldade, nós aqui nas reuniões não falamos assim grandes coisas das escolas, falamos
138 olha das nossas vidas, dos nossos filhos, falamos da... trocamos receitas, fazemos
139 crochês, portanto não é o teu mundo. Podes não vir.” Pronto. Isto foi já há muitos anos,
140 foi num ambiente... A verdade é que independentemente disso, eu sinto que, um homem,
141 mesmo até numa reunião de escola, a presença de um homem, faz a diferença, tal e qual
142 como, e quando eu digo a presença de um homem digo o mesmo se numa sala de aula,
143 em 25 meninos, se houver um menino que é, que não é católico, que é muçulmano, isso
144 implica da parte de todos nós uma maior atenção e respeito.

145 **Entrevistador** – E uma adaptação mesmo.

146 **Entrevistado** – Ou se um menino não fala bem português, eu tenho que falar de maneira
147 a que ele perceba. Portanto, esta questão do homem, do professor masculino, do professor
148 num universo feminino, isso dá uma adaptação, e mais que tudo, também há um lado,
149 muitas vezes isto... o homem, tem um sentido às vezes, não quer dizer que é sempre, um
150 sentido mais prático e mais desprendido de algumas outras coisas, mesmo até em termos
151 da reação, mesmo até com os meninos, eu sou capaz de barafustar, de gritar com eles, de
152 zangar-me naquele momento e aquilo depois passou. Às vezes no universo feminino, sem
153 querer ser mauzinho, fica um “rancorzinho”, que eu acho que os homens não têm, não se
154 sente tanto isso. Agora, que eu acho que é importante, e eu sinto, e cada vez mais isso
155 acontece, porque eu passei parte do meu percurso em que era o único homem, e de repente
156 por exemplo, agora nesta escola somos cinco homens, é quase metade, e faz uma
157 diferença enorme, para os meninos. E é engraçado que os meninos, e é engraçado sentir
158 isso, e quando eu falo dos meninos não é só os rapazes com o professor, são os meninos
159 todos, há uma... não estou a dizer, atenção, não estou a dizer que não gostam das
160 professoras, mas há um lado de curiosidade de... porque é um lado de um mundo que
161 eles não conhecem, que não estão tão habituados.

162 **Entrevistador** – E em relação à educação de infância, o número de profissionais do sexo
163 masculino é muito inferior quando comparado ao do sexo feminino. Quais serão no seu
164 entender as causas desta discrepância numérica tão grande?

165 **Entrevistado** – Eu acho que apesar de tudo... Para já neste momento, já nem sequer falo
166 do ensino do 1º ciclo ou do jardim de infância, porque de facto cada vez mais as pessoas
167 pensam duas vezes se vão para o ensino. Mas independentemente disso, acho que ainda

168 há questões culturais, e até nem sei ainda se da própria instituição, se da própria escola,
169 se mesmo de nós ainda, se na nossa cabeça ainda não há essa ideia que me disseram, que
170 havia há 40 e tal anos atrás, que aos homens falta o instinto maternal. E não sei se não é
171 isso um pouco.

172 **Entrevistador** – Acha que isso ainda está muito presente na cabeça das pessoas?

173 **Entrevistado** – Eu acho que ainda é um conceito, por mais modernos, por mais adeptos
174 que nós queiramos ser, eu não sei se nós, ainda há um pouco isso. Eu até vou dizer se
175 calhar é a mesma coisa de, eu há... quando tinha uns 30 anos, ainda pensei em adotar
176 uma criança, e como na altura vivia sozinho, eu pensava, “será que se eu adotar uma
177 criança essa criança não fica um pouco prejudicada porque não tem o lado feminino?”.
178 Agora se calhar penso de outra maneira. Mas eu não sei se estas coisas, se não estão lá na
179 nossa cabeça. Volto a dizer, neste momento, não é tão atrativa a questão do ensino, só
180 não é atrativa porque a gente nova não consegue entrar na escolas, mas eu não sei se não
181 há ainda esse lado, um pouco... são duas coisas que se juntam, também é verdade que
182 uma pessoa não se pode esquecer, que também nós ainda temos, por mais abertos que
183 sejamos, nós ainda somos uma sociedade machista, ainda há valores muito machistas e
184 de separação de sexos também, e não sei se na nossa cabeça, se ainda não há isso que o
185 ensino pré primário é para as mães.

186 **Entrevistador** – No seu entender existem consequências relativamente a feminização da
187 profissão docente?

188 **Entrevistado** – Eu acho que, eu sinto, sem querer chocar, mas eu vou dizer o que penso.

189 **Entrevistador** – Diga, claro.

190 **Entrevistado** – Agora mesmo assim já é diferente. O que eu sentia antes quando chagava
191 a uma escola, e eram imaginemos, uma escola eramos 12 professores, e 11 eram mulheres
192 e era eu, ou dois homens, o que é que eu senti. Senti sempre que as mulheres, com todo o
193 respeito que eu tenho por elas, as colegas, as professoras, transportam para a escola a casa
194 e um sentido doméstico, um sentido muito doméstico, muito doméstico até no sentido de
195 esta é a minha casa, estes são os meus meninos. É evidente, eu também tenho, atenção,
196 eu tenho, na minha sala eu gosto dos meninos todos, mas a minha turma são os meus
197 meninos e são mais bonitos que os outros todos. Mas o que eu sinto é que nas escolas,
198 agora mesmo assim já estão muito diferentes, porque agora mesmo assim o tempo passou
199 e cada vez há mais homens, felizmente. Mas o que eu sentia é que ficava um universo
200 muito fechado, muito feminino nesse sentido de fechado entre as pessoas e de alguma
201 tensão.

202 **Entrevistador** – Entre géneros? Tensão entre géneros?

203 **Entrevistado** – No próprio género, porque eu acho que no universo feminino há alguma
204 tensão.

205 **Entrevistador** – Está a falar em competição entre as mulheres, não é?

206 **Entrevistado** – É. Eu penso que é assim. Eu vou dizer isto. Eu penso que entre os homens,
207 nós temos uma maneira de resolver as coisas, se eu não gostar do que o João me disse, eu
208 até posso entrar em vias de facto e dar-lhe uma chapada, ou agredi-lo verbalmente e as
209 coisas ficam assim e percebemos, olha ou não há ponto onde a gente se “toque”, ou então
210 há esse lado, “pronto ok”, eu já sei que não podemos falar de futebol, porque se não
211 zangamo-nos, vamos evitar isso, mas a coisa foi posta à prova, nem que fosse pela
212 agressão e eu mostrei o meu ponto de vista e agora era só uma questão e avançamos. E o
213 que acontece muitas vezes com os homens, eu sinto isso, eu posso ter tido uma discussão
214 com um colega, podemos até ter, não digo bater, mas posso ter sido e ter dito três
215 disparates, a seguir eu caio em mim e se achar que foi demasiado eu digo “Pedro desculpa
216 lá”, “Ok Alberto, eu percebo, eu também se calhar excedi-me”, e o que é um facto é que
217 passado umas horas aquilo deu para esclarecer que “olha, há aquele assunto, é melindroso,
218 eu não vou voltar aquilo”. No universo feminino, isso é menos possível, isto é, as pessoas
219 não se zangam, as colegas não se zangam, vão guardando rancores e se eu me zanguiei
220 com o Pedro e amanhã estou numa reunião a ouvi-lo, e já esqueci que quase estivemos a
221 batermo-nos, mas no universo feminino, eu acho que estou a ouvir a colega e cá para mim
222 estou a dizer “sim, sim, tu estás a dizer isso, mas tu não fazes assim, na tua sala não é
223 assim. Eu bem sei, porque uma vez aconteceu isto ou aquilo”. E as coisas ficam muito
224 marcadas, porque as coisas não foram esclarecidas, houve ali um coisa qualquer e em vez
225 de se esclarecer, nem que fosse “olha não falas comigo”, não, as coisas ficam muito
226 diplomaticamente, mas não se resolvem.

227 **Entrevistador** – Na sua opinião, professor, o que poderia ser diferente se existissem mais
228 profissionais do sexo masculino na educação de infância e mesmo no 1º ciclo?

229 **Entrevistado** – A questão, eu acho que é esse lado da normalidade, porque o mundo é o
230 masculino e o feminino. Cada vez mais nós sabemos que esse lado masculino e feminino
231 é que estrutura a nossa personalidade, e eu tenho pena que ainda hoje em 2020 isso
232 aconteça. Eu sinto isso e eu posso falar com toda a propriedade. Eu fiquei órfão com seis
233 anos e eu sinto a perda enorme que foi eu não ter tido o meu pai, apesar de o avô e os tios.
234 Eram o meu elemento masculino, mas não é a mesma coisa, porque não estava ali presente
235 e, portanto foi aos seis anos. Até aos seis anos eu tive essa presença constante. Mas... não

236 | estou a falar da escola, porque nós nessa altura iniciávamos o nosso percurso aos seis/sete
237 | anos, mas isso já estava sendo feito. E então cada vez mais os meninos, ao um ano de
238 | idade estão na creche, portanto, é nessa altura que é importante não só a Maria e a Fátima
239 | e a Luísa, mas era bom estar o João e o Pedro, um homem. Porque isso vai estruturar, até
240 | comportamentos, olhares, porque um homem tem uma maneira de estar diferente da
241 | mulher.

242 | **Entrevistador** – Indo ao encontro desse pensamento professor, acha que em termos de
243 | relação com as crianças, existem diferenças ao facto de o educador ser homem ou mulher?
244 | Quais são as principais diferenças que reconhece, se reconhece algumas.

245 | **Entrevistado** – A diferença não sei, eu aí, eu sinto que é um adulto e nomeadamente um
246 | professor, ou é professor ou não é. Há ótimas professoras e ótimos professores e há
247 | péssimos professores homens e péssimas professoras mulheres. Aí a questão do sexo com
248 | “qualidade” do trabalho não sei, agora que eu acho que é importante os meninos terem
249 | homens e terem mulheres, porque volto a dizer, estrutura a personalidade deles, porque
250 | cada um destes sexos traz qualidade, maneiras de estar, maneiras de observar, porque um
251 | homem vê de maneira diferente de uma mulher, até em termos de sensibilidades.

252 | **Entrevistador** – Em termos afetivos e de cuidados parece-lhe que o educador homem
253 | consegue dar resposta às necessidades da criança?

254 | **Entrevistado** – O que é que eu sempre senti um pouco, também não é regra geral, há 40
255 | anos atrás, quando eu fui para o magistério, porque não pude ir para jardim de infância,
256 | entraram duas turmas, eramos uns 75 alunos, se calhar desses 75 alunos, eramos 20
257 | homens e 50 mulheres. Senti que para nós homens, foi uma “aventura”, para um trabalho
258 | quase exclusivamente feminino, portanto já foi porque sim. Eu vou para professor e quero
259 | lá saber que digam que professores são as mulheres, eu vou para professor porque gosto.
260 | Isso à partida condiciona logo essa situação. Eu penso que ainda hoje acontece, muita
261 | gente, ainda há esse lado de acharem, porque não é normal, se nós ainda hoje pensarmos
262 | a todos os graus, se nós ainda pensarmos hoje em 2020, eu não sei bem esses números,
263 | mas se agora se fizesse um apanhado de quantos homens e de quantas mulheres há no
264 | ensino, deve ser uma discrepância enorme. Devem ser se calhar de cinco professores, três
265 | são mulheres. Ou até mais. E eu penso que ainda há um pouco esse lado de se achar,
266 | porque durante muito tempo, e é engraçado, que há medida que vamos subindo nos
267 | níveis... a um nível mais superior são os homens, a um nível mais inferior do ensino são
268 | as mulheres. O que quer dizer que a um determinado nível de conhecimento, o
269 | conhecimento é valorizado pelo homem e num nível mais baixo é a mulher, que seja pelo

270 instinto maternal, seja pela dedicação. O que eu sinto é que um homem quando está no
271 ensino, regra geral, não estou a dizer que as mulheres não se dedicam, mas o homem
272 quando está no ensino, já teve que passar por tantas coisas, que está ali com muita
273 dedicação.

274 **Entrevistador** - Para estar ali, é mesmo porque quer mesmo estar, não é?

275 **Entrevistado** – É! Foi uma opção e muitas vezes, nem sempre o ir dar aulas é opção. No
276 caso do homem a maior parte é opção, e se é opção foi uma escolha e há qualquer coisa
277 já afetiva, ou da maneira de ser que puxa para isso.

278 **Entrevistador** – Em outros domínios relacionais o professor encontra diferenças ou
279 discrepâncias com as colegas do sexo feminino?

280 **Entrevistado** – Não. Em termos de relação entre as pessoas, não. E até gosto imenso. Eu
281 acho que é uma coisa muito boa, também não gostava nada de estar numa escola em que
282 os professores fossem todos homens. O que é muito importante é que, tanto as mulheres
283 como os homens, aliás, qualquer professor traz as suas vivências e se eu estiver na escola
284 com o professor João, eu vou tentar perceber quais são as coisas que eu vou tirar do
285 professor João. Como professor, o João vai tentar perceber o que pode tirar do professor
286 Alberto ou da professora Luísa, e nem sequer estamos a pensar na questão do sexo. Em
287 termos de trabalho é o que é, eu acho que a professora Ana faz o que eu também gostava
288 de fazer. É evidente que cada um de nós traz as suas vivências e o seu mundo, e é evidente
289 que há diferenças de ver o mundo, até em questões culturais e da educação. Um homem
290 e uma mulher têm maneiras diferentes de apreender o mundo.

291 **Entrevistador**- E em relação às famílias, face à sua experiência, como é que se processam
292 as comunicações? Tem sentido alguma dificuldade em particular ao longo dos anos?

293 **Entrevistado** - Não. Eu nunca tive problema nenhum na relação com os pais e
294 inclusivamente os pais sempre valorizaram muito eu ser professor Homem. Tanto o pai
295 como a mãe. E até aconteceu às vezes duas ou três situações melindrosas, de pais ficarem
296 com muitos ciúmes de mim. Muitas vezes, os meninos chegam a casa ... há meninos que
297 têm muita necessidade da presença do professor. Eu, também já me aconteceu ter alunos
298 brilhantes, que eu sinto que não sou nada importante para eles. Há outros miúdos que eu
299 sinto, às vezes até é quase desconfortável eu sentir que sou tão importante para aqueles
300 meninos, não queria ser tão importante, porque é complicado. Por exemplo, aconteceu-
301 me pais na escola, homens, ficarem com ciúmes porque o menino, que é uma coisa
302 normal, até à idade dos dez anos, nós a maior parte das vezes somos a pessoa que aquele
303 menino conhece que sabe mais. Porque eu estou com ele seis horas e se o menino

304 perguntar “professor o que é um pombo?” e eu explico-lhe o pombo, até sou capaz de
305 dizer como é que é o sistema nervoso, respiratório e isto e aquilo, e se ele me disser “e os
306 gatos?”. Portanto, eu sou a pessoa que sabe mais. Há meninos que se em casa a coisa não
307 é... há dois mundos deles, há o mundo da escola e há o mundo de casa e eles conseguem
308 separar. Mas há alguns meninos que o mundo de casa não é suficiente e, portanto, quando
309 está em casa o mundo ainda é o da escola. E é o professor Alberto. Dizem assim. “Não é
310 assim, porque o professor Alberto não me disse isso”, e houve um dos pais que até veio
311 ter comigo, esse pai percebeu como estava a descurar um pouco o filho, às vezes acontece,
312 mas não é muito normal.

313 **Entrevistador** - E alguma vez se sentiu embaraçado, em alguma situação da vida
314 profissional, pelo facto de ser do género masculino?

315 **Entrevistado** – Não, porque eu também resolvo muito bem as coisas, por exemplo, há
316 situações, por exemplo a educação sexual, eu sinto mais à vontade se tiver que dizer a um
317 rapaz as coisas, os segredinhos de como é que vai ser a sua evolução, às vezes o universo
318 feminino é mais delicado. E não é só mais delicado na questão de eu sentir que é mais
319 delicado ou não, ainda é um assunto tabu, e eu muitas vezes nem sabia bem como é que
320 as mães, por exemplo, reagiriam se eu estivesse a falar da menstruação com as filhas. “Ah
321 o professor esteve a falar da menstruação”. Mas foi muito engraçado, porque se resolveu
322 isso de uma maneira, que foi logo, principalmente quando eu cheguei e esta escola,
323 quando ainda tínhamos a médica escolar, estabelecemos logo uma grande empatia e ela
324 ia lá muito dar aulas, sobre as doenças, sobre isto e sobre aquilo e necessariamente
325 também falava da educação sexual. Eu achei muita graça na altura, porque ela como ia lá
326 uma vez, de vez em quando, e ela percebia que eu tinha uma relação muita aberta e muito
327 simples com os miúdos, dizia-me assim “professor, o professor tem muito mais jeito,
328 ensine lá isso”. E então ela trazia a documentação toda da sexualidade e eu avancei. Nunca
329 senti grande embaraço nessas questões, inclusivamente é uma situação que eu sinto
330 sempre que tenho de estar muito atento. Ainda hoje em 2020, o caso das raparigas, mais
331 no caso das raparigas quando estão comigo acontecem alterações. E faz-me impressão
332 ainda não haver muita informação de casa, mas eu ainda continuo a fazê-lo.

333 **Entrevistador** – Ao longo do tempo, o professor tem sentido alterações em termos das
334 famílias ou das colegas de trabalho femininas face às questões de género no exercício da
335 docência?

336 **Entrevistado** – Acho que tem havido algumas alterações, mesmo em termos das novas
337 famílias, tudo isso. Eu não vou generalizar, mas quero querer que essas questões já nem

338 se põem, mas que, neste momento, nós cada vez mais nas escolas temos meninos de todas
339 as raças, com maneiras diferentes de comer, tudo isso. As questões de gênero já não se
340 põem e penso que cada vez há mais atenção a isso. Eu sinto que cada vez mais há atenção
341 à individualidade, isto é, em termos de situação de trabalho, ser cada vez mais
342 complicado, mas no entanto o que eu sinto é que qualquer um de nós tem mais consciência
343 que hoje cada menino é um caso, que era uma coisa que antes, até por questões culturais,
344 era um todo. Havia dois ou três casos fora do “baralho” e agora o que nós sentimos, é que
345 cada criança é um caso.

346 **Entrevistador** - Sei que trabalhou com outros homens.

347 **Entrevistado** – Mas não muito tempo. Por exemplo, mesmo até quando fui formador,
348 que trabalhava e fazia formação ao 1º ciclo, e o 1º ciclo era essencialmente feminino. Eu
349 não sei se até o meu “sucesso” se não era porque eu era homem. Era homem e era um
350 lado que eu acho que é muito engraçado que é ... assim de dupla entrada, que é há um
351 lado que eu aparentemente passo a ideia de que sou meio irresponsável, isto é, pouco
352 organizado, mas depois as pessoas descobrem que há seriedade no que faço e isso
353 fascinava as pessoas. E era um ambiente muito feminino. De resto eu sempre me dei muito
354 bem com todo a gente e com os homens também me sinto muito à vontade, se bem que
355 devo confessar, eu às vezes em termos de trabalho, em termos de parceria, com mais
356 facilidade faço parceria com as mulheres, também porque se calhar homem com homem
357 não joga tanto. Porque, por exemplo, com a Carla, há o olhar que é feminino e outro que
358 é masculino e aí as coisas complementam-se.

359 **Entrevistador** – Face as suas colegas do sexo feminino, identifica algumas diferenças
360 significativas na implementação das práticas pedagógicas?

361 **Entrevistado** – Não. Essa questão é sempre... na questão do trabalho não há questão do
362 gênero, ou se trabalha ou não se trabalha, ou se gosta ou não se gosta. Se calhar quanto
363 muito, às vezes acontece isso, já me aconteceu, essas questões da sexualidade haver
364 colegas mulheres dizer assim “ai Alberto tu devias vir dar a aula, porque eu não me sinto
365 à vontade”. Mas é uma questão pontual. Ou então “olha Alberto, há pouco estávamos a
366 falar dos jogos e isso, eu não sei tantos jogos masculinos e não sei quê”, mas pronto não
367 é muito relevante.

368 **Entrevistador** – Acha que se existissem mais docentes homens, o ambiente e o clima nas
369 escolas poderia ser diferente?

370 **Entrevistado** – Isso eu sinto.

371 **Entrevistador** – Em que termos?

372 **Entrevistado** – Eu sinto que há uma diferença muito grande. Basta haver um homem
373 numa reunião. Numa escola basta haver um homem e é aquilo que eu já disse, porque é
374 assim, se nós formos todos benfiquistas podemos falar e ...somos todos. No caso de na
375 escola se há um homem, imaginemos que estamos a discutir o carnaval, as colegas dizem
376 “podíamos fazer assim ou assado”, e de repente o homem diz “desculpem lá mas eu não
377 tenho tanto jeito para isso”, aí já há outra maneira de abordar a coisa. Portanto, quando
378 há mais homens é a mesma coisa, como no universo de qualquer trabalho, numa loja, se
379 houver só mulheres é um tipo de trabalho, se for homens e mulheres a dinâmica que se
380 cria é diferente. Uma escola, homens e mulheres cria-se outra dinâmica, porque tem que
381 haver respeito pela diferença, porque a questão é essa, entre as mulheres, ou entre homens,
382 atenção, se for só entre homens o trabalho imaginemos que não querem um trabalho assim
383 tão de “recortezinhos”, assim coisas mais de meninas, então põem de parte esse trabalho,
384 ou então imaginemos que o ministério fala da iniciação à dança ou à expressão dramática,
385 os homens podem não ter tanto jeito e então entre eles dizem que não se metem nessas
386 coisas. O mesmo acontece com as mulheres, por exemplo, as coisas do vôlei ou do
387 basquete, ou futebol “a gente não faz isso não temos jeito nenhum” e não se faz. Se houver
388 homens e mulheres criam-se empatias e dinâmicas e criam-se parcerias. “Matilde, eu não
389 tenho tanto jeito para as questões lá da pintura, porquê que a gente não troca, tu dás pintura
390 à minha turma e eu dou futebol aos teus alunos”. Portanto, são dinâmicas completamente
391 diferentes.

392 **Entrevistador** – Acabámos professor. Gostaria de acrescentar mais alguma coisa que
393 fosse relevante?

394 **Entrevistado**- Eu acho e eu sinto isso, eu que já estou há 40 anos na escola, eu sinto
395 muita coisa que mudou e que a escola já não é hoje, aquilo que era quando eu comecei.
396 A todos os níveis. Até mesmo na relação entre as pessoas. Eu quando entrei na escola,
397 para além de sermos poucos homens, quando eu entrei na escola, apesar de ser muito
398 novo, eu comecei a trabalhar com 21 anos, eu entrava numa escola e notava que havia um
399 estatuto de respeito porque eu era homem, de alguma permissão de coisas porque era
400 homem. “Podes não vir às reuniões porque não sei o quê”. Em vez de se mudarem as
401 coisas não. “Ele é homem, não vem cá entrar no nosso mundo”. E de algum respeito, até
402 notava imenso com as auxiliares, mesmo apesar de ter 22 anos eu era homem, e, portanto,
403 havia um respeito diferente de uma colega da minha idade. Lá para ela “Eu não vou
404 arrumar a tua sala, tu és mulher que varras!”. Isso mudou muito. O que eu sinto, é que
405 neste momento quase com toda a gente, a escola, antes a escola era muito mais de posição.

406 | Eu chegava, mas depois tinha que me pôr no meu lugar, eu era homem, mas tinha dois
407 | anos de serviço, portanto não podia falar. Neste momento, há muito mais igualdade entre
408 | nós. Eu sou tao respeitado como a colega Clara, que dá aulas há cinco anos. E isso mudou
409 | imenso. Mudou imenso e já não há a questão desse lado de “eu sou homem e elas são
410 | mulheres”, neste momento as coisas discutem-se e independentemente se sou homem ou
411 | mulher, a tua ideia é boa ou não é, acabou-se, e há muito mais igualdade entre as pessoas.
412 | **Entrevistador** – Obrigado professor.

Anexo F - Entrevista com educador

1 **Entrevistador** - Fale-me da sua formação académica. Onde é que estudou? Há quantos
2 anos tirou o curso?

3 **Entrevistado** – Em termos de formação académica, comecei, isto já foi em 80, portanto
4 já tenho 34 anos de serviço, já são muitos anos. Foi no Piaget que tirei, por opção. Porque
5 na altura em Lisboa havia Piaget, Maria Ourique, João de Deus. Acho que do ministério
6 da educação havia uns cursos quaisquer, mas acho que ainda não era nada de educadores
7 de infância. E pelo Piaget, pela metodologia, ou seja, por nós termos de estar a trabalhar
8 segunda, terça, quarta e quinta, e à sexta e ao sábado termos aulas teóricas, portanto optei
9 pelo Piaget, quando na altura era só bacharelato e depois mais tarde, acabei por fazer a
10 licenciatura também no Piaget. Portanto em termos de habilitações académicas foi o que
11 eu fiz.

12 **Entrevistador** – E em quantas escolas já exerceu até agora?

13 **Entrevistado** – Eu trabalhei também como educador no hospital, porque fiz a minha tese
14 final sobre a intervenção educativa no Hospital de Santa Maria. Portanto, eu trabalhei
15 dois anos no hospital de Santa Maria enquanto estava a tirar o curso, depois convidaram-
16 me para trabalhar no Hospital Garcia de Orta.

17 **Entrevistador**- Estagiou lá, portanto?

18 **Entrevistado**- Em Santa Maria, depois quando acabei o curso, ainda estive um ano a
19 trabalhar no “CICI” e depois concorri para o Hospital Garcia de Orta e fiquei. Mas,
20 portanto, escolas ou jardins de infância, já estive em sete.

21 **Entrevistador** - Públicas e privadas?

22 **Entrevistado** - Só públicas, entrei logo para o estado.

23 **Entrevistador** - Qual é a sua opinião sobre a presença dos homens na educação? Acha
24 que os homens podem trazer contributos para a docência?

25 **Entrevistado** – Eu, primeiro, não acredito em questões de género neste processo do que
26 é educar. Na minha experiência, trabalhei sempre com colegas educadoras. Aquilo que
27 eu posso dizer é que havendo um homem e uma mulher em termos do equilíbrio, se é que
28 assim podemos chamar, do equilíbrio, do trabalho feito, até mesmo da procura dos miúdos
29 em relação a nós é muito melhor. Porque eles procuravam-me a mim em determinadas
30 coisas e à minha colega noutras coisas.

31 **Entrevistador** - Em que aspetos?

32 **Entrevistado** - Por exemplo, para jogar à bola vinham ter comigo, para subir às árvores...
33 Não gosto muito de classificar isto como brincadeiras de género, mas era esta a procura,
34 porque culturalmente eles têm essa influência. Procuravam mais as minhas colegas para
35 mais coisas como desenhos, pinturas, para coisas mais... não é mais de mulher, porque
36 não é como é evidente, mas havia este equilíbrio, até em termos da minha forma de estar,
37 eu acho que nós descomplicamos um bocadinho mais que propriamente as minhas
38 colegas. Eu digo isso sempre a elas, elas complicam. E acho que havia aqui um equilíbrio,
39 portanto é essa a minha experiência. Acaba por ser uma escola mais tranquila, mais
40 equilibrada.

41 **Entrevistador** - Em relação à educação de infância, o número de profissionais do género
42 masculino é muito inferior quando comparado ao do sexo feminino. Quais serão no seu
43 entender as causas desta discrepância numérica tão grande?

44 **Entrevistado** - Isso temos de recuar um bocado à história. Quem começou por ser
45 educador, nesta vertente profissional eram os homens que tratavam da educação dos
46 miúdos, só mais tarde é que esse papel passou a ser da mulher. Eu posso dizer que quando
47 optei por ser educador, e foi uma opção minha, não foi uma questão, não foi de não haver
48 outra profissão ou um lugar numa outra faculdade. Aquilo que eu posso dizer é que
49 primeiro és logo considerado homossexual. Acabas por provavelmente ter alguma
50 relutância... eu penso que agora já é menos e tu se calhar tens essa experiência. Na minha
51 altura era muito complicado. Eu quando dizia no meu grupo de amigos “olha sou
52 educador, estou a tirar um curso de educador.” Olhavam-te assim... “ok pronto tudo
53 bem”. Era mais uma profissão que era considerada de mulheres, até mesmo, por exemplo,
54 só para teres uma ideia, quando fui pedir o adiamento da inspeção para ir à tropa, na altura
55 ainda era obrigatório, a senhora disse-me que não, o curso de educadores não fazia parte
56 da lista para pedir o adiamento. E por incrível que pareça tive de escrever uma carta para
57 o ministro, na altura da administração interna, a pedir e alegando que era um curso
58 superior, portanto tinha o direito de continuar a estudar. É só para veres esta segregação,
59 segregação de uma área que é feminina em relação a nós que somos homens. Agora
60 porque é que há mais mulheres? Não sei. Sabes que nunca me preocupo com isso, eu
61 estou bem e é o que me interessa.

62 **Entrevistador** - No seu entender existem consequências relativamente à feminização da
63 profissão docente? Se sim, quais?

64 **Entrevistado** - Se tu não estiveres bem contigo e se não fores ciente daquilo que és
65 enquanto pessoa, se calhar podes ter alguns problemas, porque és alvo de alguma

66 segregação, porque estás numa profissão que não é de homem. Em relação aos pais, eu
67 sentia que numa primeira fase, quando te deixam os teus filhotes, demoravam mais tempo
68 a deixar. Em creche então, quando fiz estágio em creche, terrível. Ficam a olhar para mim
69 e perguntavam “onde é que está a educadora?”. De resto, com os miúdos não.

70 **Entrevistador** - O que acha que poderia ser diferente se existissem mais profissionais do
71 sexo masculino na educação de infância e no 1º ciclo?

72 **Entrevistado** – Para já as reuniões eram muito mais rápidas. Eu sou a favor de que deve
73 haver um equilíbrio entre homem e mulher em qualquer situação. E depois na escola,
74 dentro da sala ou no espaço escola, também acho que era muito mais equilibrante. Acho
75 que havia menos complicação.

76 **Entrevistador** – Em termos de relação com as crianças, acha que existem diferenças
77 devido ao facto de o educador ser homem ou mulher? Quais são as principais diferenças
78 que reconhece?

79 **Entrevistado** – Diferenças só na procura para determinado tipo de atividades, porque a
80 procura do colo, ou a procura do maminho, ou a procura de resposta a qualquer situação
81 que se passe, é perfeitamente igual. Eu acho que não tem a ver com o género, tem a ver
82 enquanto tu como pessoa, e enquanto tu és como ser humano, e aí é que há diferença. Há
83 mulheres muito fabulosas em termos do trabalho que fazem, assim como há homens
84 muito fabulosos e o contrário igualzinho. Há mulheres péssimas na nossa profissão e
85 provavelmente, se calhar menos, porque somos menos... Na minha turma, quando estive
86 no Piaget, tinha um homem na minha turma, em 400 e tal alunos eram 3 homens e um
87 deles estava na minha turma.

88 **Entrevistador** - Em termos afetivos e de cuidados parece-lhe que o educador homem
89 consegue dar resposta às necessidades da criança?

90 **Entrevistado** - Completamente, a todos os níveis. A nível de carinho, a nível de atenção,
91 a nível de cuidado, não há. Eu não acredito que haja coisas que o homem não possa fazer
92 ou que a mulher não possa fazer. Às vezes é uma questão de treino, mudar uma fralda é
93 uma questão de treino.

94 **Entrevistador** - E em outros domínios relacionais, encontra diferenças ou discrepâncias
95 com as colegas do sexo feminino?

96 **Entrevistado** - A mim é muito difícil separar o género. Eu separo a pessoa. Já tive colegas
97 que tive algumas “guerras”, mas não é por serem mulheres, é pelo feitio delas e da maneira
98 de ser. Eu não vejo muito isto homem/mulher, mas isso tem a ver comigo, outros colegas
99 se calhar veem.

100 **Entrevistador**- E em relação às famílias, face à sua experiência, como é que se processam
101 as comunicações? Tem sentido alguma dificuldade em particular?

102 **Entrevistado** – Não. Em comparação com as minhas colegas, aí sinto uma grande
103 diferença. Sinto que passando aquela fase de perceberem que é um homem que está com
104 os filhos, mas lá está, se calhar não tem a ver por eu ser homem, mas tem a ver por eu ter
105 uma determinada perspetiva de como são as coisas e penso que não é por ser homem.
106 Agora que eu consigo estabelecer uma excelente relação com os pais e conseguimos ter
107 um núcleo, mas isso também tem a ver com a minha conceção do que é os pais na escola
108 e os pais na escola há limites, como é evidente, há competências de uns e de outros, mas
109 eu considero que os pais devem estar presentes na escola. Portanto estabeleço com eles
110 logo uma relação muito clara, muito bem definida e é uma relação honesta sobretudo. E
111 é isso que eu sinto por parte dos pais, é sentirem em mim uma confiança, que muitas
112 vezes procuram fora da escola, para dificuldades que estão a ter com os miúdos, às vezes
113 é um bocado palerma, um pai ter que me pedir ajuda, mas é verdade, às vezes pedem.
114 Sinto que temos uma relação extremamente boa.

115 **Entrevistador** – Alguma vez se sentiu embaraçado, em alguma situação da vida
116 profissional, pelo facto de ser do sexo masculino?

117 **Entrevistado** – Não, eu gosto muito do que faço e defendo o que faço, e tenho orgulho
118 no que faço e tenho orgulho em ser educador, portanto não.

119 **Entrevistador**- Ao longo do tempo tem sentido alterações em termos das atitudes das
120 famílias ou das colegas de trabalho, no exercício da docência, face às questões de género?

121 **Entrevistado** - Sinto que há um maior à vontade ao longo do tempo, provavelmente por
122 começar a haver mais homens, principalmente no 1º ciclo, com muitos colegas de
123 educação física que entraram para o 1º ciclo. Portanto há menos desconfiança.

124 **Entrevistador** – Em relação à sua experiência profissional, já trabalhou em escolas com
125 outros docentes homens?

126 **Entrevistado** – Não, fui sempre sozinho.

127 **Entrevistador** – Face às colegas do sexo feminino, identifica diferenças significativas
128 em relação às práticas pedagógicas?

129 **Entrevistado** – Não. Não tem a ver com o género. Tem a ver com a tua conceção da tua
130 prática pedagógica, tem a ver com a tua conceção da tua didática, com a tua conceção do
131 que é ser educador de infância. Não consigo pôr-te isto em termos de género.

132 **Entrevistador** – Acha que se existissem mais docentes homens, o ambiente e o clima de
133 trabalho nas escolas podia ser diferente? Se sim, em que termos?

134 **Entrevistado** – Claramente em todos os termos. Em termos da objetividade de
135 determinadas coisas, do não perdermos tempo com coisas e não andarmos aqui às voltas.
136 Sermos muito objetivos e concisos. Aí pode ter um bocado a ver com o ser homem ou ser
137 mulher, mas isto de uma forma generalizada. Também já encontrei colegas minhas
138 extremamente objetivas e muito claras. Mas de uma forma generalizada, penso que sim.
139 Primeiro em termos de aquilo que se quer no trabalho, ser muito mais objetivo e muito
140 mais claro, depois em termos do clima e da tranquilidade, quer na relação com os
141 auxiliares de educação e depois o clima de escola, que acho que se houvesse mais homens
142 era muito mais tranquilo, sem dúvida nenhuma. Mas eu considero que não tem a ver com
143 o género, independentemente se há características do homem e características da mulher.
144 Mas não tem a ver. Na minha experiência de trabalho, tem muito mais a ver com a tua
145 conceção do que é ser educador de infância e da tua conceção pedagogia, e didática e da
146 prática que tu queres.

147 **Entrevistador** - Gostaria de acrescentar mais alguma coisa à entrevista?

148 **Entrevistado**- Só te quero desejar que tudo corra bem.

Anexo G - Entrevista com educadora

- 1 **Entrevistador** – Começa-me por falar da tua formação académica. Onde é que estudaste,
2 há quantos anos é que tiraste o curso?
- 3 **Entrevistada** - A minha formação académica foi no Instituto Piaget. Acabei o curso em
4 1989.
- 5 **Entrevistador** – Quantos anos de serviço é que tens?
- 6 **Entrevistada** – 30 anos de serviço.
- 7 **Entrevistador** - Em quantas escolas já exercestes?
- 8 **Entrevistada**- Sempre na casa Nuclisol.
- 9 **Entrevistador** - Ou seja, sempre em escolas privadas, não é?
- 10 **Entrevistada** - Sim.
- 11 **Entrevistador** - Mais propriamente sobre o tema, qual é a tua opinião sobre os homens
12 na educação?
- 13 **Entrevistada** - Eu sempre trabalhei com homens. Desde que tirei o curso, sempre tive
14 estagiários do Piaget e acho que é uma mais valia, assim como as mulheres. Acho que
15 não há diferença. A única diferença que possa haver, é o preconceito que poderá haver
16 em relação a eles. Não nós como técnicos, mas se calhar, por parte dos pais.
- 17 **Entrevistador** - Achas que os homens podem trazer contributos para a docência?
- 18 **Entrevistada** - Claro que sim. Tanto homens como mulheres. Eu não faço a diferença.
19 Quem está vocacionado. É uma questão de vocação, não uma questão de género. Portanto,
20 quem tem vocação acho que deve seguir esta carreira educacional.
- 21 **Entrevistador** - Em relação à educação de infância, o número de profissionais do sexo
22 masculino, é muito inferior quando comparado ao do sexo feminino. Quais serão no teu
23 entender as causas desta discrepância numérica tão grande?
- 24 **Entrevistada** - Primeiro eu acho que é assim. O género acaba por afetar. Primeiro porque
25 isto também tem um bocado de educação em termos de sociedade, que ainda não evoluiu.
26 O homem era visto como... pronto. A mulher era a cuidadora, a mãe cuidadora e o homem
27 era o profissional, autoridade, sabedoria, por exemplo, para professor era bem visto, para
28 educador penso que não, porque não era um cuidador, era uma autoridade, porque o
29 professor era uma autoridade noutros tempos.
- 30 **Entrevistador** - No teu entender existem consequências relativamente à feminização da
31 profissão docente?

32 **Entrevistada** - Acho que sim. Porque é assim, faz logo diferença se nós estamos a educar
33 crianças para a parte social, para se relacionarem uns com os outros, para não haver a
34 diferença, logo aí, se não houver o masculino e o feminino, estamos nós a marcar a
35 diferença, naquilo que estamos a tentar educar a criança.

36 **Entrevistador** - O que achas que podia ser diferente se existissem mais profissionais do
37 sexo masculino na educação de infância e no 1º ciclo?

38 **Entrevistada** - Era uma mais valia, porque quem tenha paixão naquilo que faz, seja
39 homem ou mulher, é sempre uma mais valia na educação da criança, no seu projeto como
40 pessoa e de evolução ao longo da vida, portanto é fundamental o masculino e o feminino.
41 Vejo aqui é a paixão, seja homem ou mulher.

42 **Entrevistador** - Para ti então não interessa o género do educador, interessa que ele tenha
43 gosto no que está a fazer.

44 **Entrevistada** - Exato. Tenha gosto, paixão por aquilo que está a fazer.

45 **Entrevistador** - Em termos de relação com as crianças, achas que existem diferenças
46 devido ao facto de o educador ser homem ou mulher?

47 **Entrevistada** - Eu acho que não. Eu já trabalhei com ambos, com homens e com mulheres
48 e acho que não há diferença nenhuma. É sempre uma mais valia, porque, lá está, a paixão
49 acima de tudo e o gosto que é estar com as crianças e partilhar os seus conhecimentos.
50 Viver em comunidade praticamente. Não há diferença entre o homem e a mulher.

51 **Entrevistador** - Em termos afetivos e de cuidados, achas que o educador homem
52 consegue dar resposta às necessidades da criança?

53 **Entrevistada** - Acho que sim. Lá está, não consigo marcar a diferença de género.

54 **Entrevistador** - Em relação às famílias, face à tua experiência, como é que se processam
55 as comunicações entre os educadores homens e as famílias? Existem dificuldades?

56 **Entrevistada** - É assim, se falarmos em termos gerais, há sempre preconceito, porque era
57 o predador, o homem é sempre o predador, o homem é sempre o violador, e quando está
58 numa profissão destas é sempre o conceito que têm. Da minha experiência, ao longo dos
59 anos que trabalhei com homens, os pais sempre gostaram do homem a trabalhar com
60 crianças, nunca trabalhei em creche. Acho que a creche é onde se toca na ferida. Trabalhei
61 no pré-escolar com homens e todos os pais sempre gostaram muito e sempre tiveram um
62 papel fundamental nos grupos com que trabalhei.

63 **Entrevistador** - E face aos colegas do sexo masculino, identificas diferenças
64 significativas nas práticas pedagógicas?

65 **Entrevistada**- É igual, de todo. Acho que um bom profissional que passa com paixão,
66 tanto faz ser homem como mulher, portanto é uma mais valia sempre haver homens a
67 trabalhar connosco.

68 **Entrevistador**- Achas que pelo facto de haver mais colegas do sexo masculino, isso
69 poderia ter alguma influência no ambiente e no clima da escola?

70 **Entrevistada** - Eu acho que não vai haver diferença, lá está, o que é que o homem vai
71 marcar a diferença por ser homem? Vai marcar a diferença com a paixão que tem por
72 aquilo que está a fazer.

73 **Entrevistador** - Gostavas de acrescentar mais alguma coisa à entrevista?

74 **Entrevistada** – Não.

Anexo H - Entrevista com encarregada de educação

- 1 **Entrevistador** - Fale-me da sua família. Qual é o seu enquadramento familiar em termos
2 de estado civil, é casada, divorciada, solteira?
- 3 **Entrevistada** - Sou solteira, tenho uma filha. Neste momento partilhamos casa com a
4 minha mãe, ou seja, somos três mulheres numa casa, mãe, avó e filha.
- 5 **Entrevistador**- Quantos anos tem a sua filha?
- 6 **Entrevistada**- Sete.
- 7 **Entrevistador**- E você?
- 8 **Entrevistada**- Eu tenho 38.
- 9 **Entrevistador**- O seu filho já frequentou a creche ou o jardim de infância?
- 10 **Entrevistada** - Sim já.
- 11 **Entrevistador** - E neste momento, em que nível de educação é que ela se encontra?
- 12 **Entrevistada** - Está no 1º ano.
- 13 **Entrevistador** - Quantos docentes já teve a sua filha ao longo do percurso escolar?
- 14 **Entrevistada** - Contando com auxiliares ou não?
- 15 **Entrevistador** - Não. Só pessoal docente, educadores e professores.
- 16 **Entrevistada** - Teve dois.
- 17 **Entrevistador**- E algum deles era do sexo masculino?
- 18 **Entrevistada** - Sim.
- 19 **Entrevistador** - Em relação à educação de infância o número de profissionais do sexo
20 masculino é muito inferior quando comparado ao do sexo feminino. Quais serão no seu
21 entender as causas desta discrepância tão grande?
- 22 **Entrevistada** - Eu acho que até há uns anos atrás, eu acho que um educador ou uma
23 educadora era ligado se calhar ao lado maternal e daí acabarem por ser mais mulheres do
24 que homens. Como hoje em dia, aliás, como no passado também se via, que os pais
25 também não eram muito presentes na educação dos filhos, sempre foram as mães. Eu
26 acho que por aí o facto de as mulheres terem mais à vontade para essa função.
- 27 **Entrevistador** - O que poderia ser diferente, na sua opinião, se existissem mais
28 profissionais do sexo masculino na educação?
- 29 **Entrevistada** - Eu acho que poderia trazer melhorias, na minha opinião, e na experiência
30 que tenho, acho que o sexo masculino consegue ter um nível de gestão emocional dos
31 miúdos diferente.

32 **Entrevistador** - Em termos de relação com as crianças, pensa existirem diferenças,
33 devido ao facto de o educador ser homem ou mulher?

34 **Entrevistada** - Eu acho que não existe diferença no relacionamento. Eu acho que exige
35 um pouco mais de respeito e de atenção. No caso da minha filha, sendo menina, eu vejo
36 que ela tem uma relação muito mais assertiva com o sexo masculino do que propriamente
37 com o sexo feminino.

38 **Entrevistador** - Em termos afetivos e de cuidados, parece-lhe que o educador homem
39 consegue dar resposta às necessidades da criança?

40 **Entrevistada**- No que toca à minha filha, sim. Mas posso dizer, que de outras
41 experiências que tenho, que ainda há uma certa reticência por parte de alguns pais.

42 **Entrevistador** - Mais para as mães ou para os pais?

43 **Entrevistada** - Eu acho que para os dois.

44 **Entrevistador** - Em relação à sua experiência como mãe, acha que um educador homem
45 consegue criar a mesma relação convosco família, do que uma educadora mulher?

46 **Entrevistada**- Acho, totalmente, sim.

47 **Entrevistador** - Já teve dificuldades em criar essa relação?

48 **Entrevistada** - Não, não tem diferença nenhuma para mim.

49 **Entrevistador** - Identifica alguma diferença nas práticas pedagógicas dos educadores ou
50 professores homens e mulheres?

51 **Entrevistada** - Não. Não vejo que haja uma grande diferença. O que eu vejo é que, na
52 experiência que tenho, os profissionais do sexo masculino, acabam por retirar mais da
53 criança do que do sexo feminino, porque, aqui entra novamente a ligação de... as crianças
54 quando olham para uma educadora, olham um bocado para o lado maternal e todos nós
55 sabemos que a mãe é sempre aquela que dá o puxão de orelhas, mas a seguir põe a mão
56 por baixo. E há aqui um bocadinho essa ligação. Quando há um docente do sexo
57 masculino, eu acho que acaba de conseguir deles, um bocadinho mais de atenção. Exige
58 ali um bocadinho... eu não quero dizer que seja respeito, mas exige ali... consegue cativá-
59 los mais. Eu acho isso.

60 **Entrevistador** - Acha que um educador homem podia ter trazido contributos diferentes
61 para a educação dos seus filhos?

62 **Entrevistada** - Eu acho... a (nome da filha) teve sempre uma educadora, mas teve sempre
63 um suporte por trás masculino e eu acho que isso foi muito importante.

64 **Entrevistador** - Está a referir-se a um auxiliar certo?

65 **Entrevistada** - Sim, a um auxiliar. Esse auxiliar do sexo masculino teve ali alguma
66 capacidade de captação, atividade de concentração que se calhar, só com o sexo feminino
67 se perde um bocadinho.
68 **Eu**- Gostaria de acrescentar mais alguma coisa à entrevista?
69 **Entrevistada** - Não.
70 **Eu**- Obrigado.

Anexo I - Entrevista com docente do género feminino com cargo diretivo

1 **Entrevistador** – Fale-me da sua formação académica. Onde é que estudou? Há quantos
2 anos tirou o curso?

3 **Entrevistada** – O meu primeiro curso foi de educadora de infância, no Instituto Piaget
4 em Almada. Depois fiz direção pedagógica e administração escolar, também no Instituto
5 Piaget de Almada. Depois fiz o mestrado em Educação em Sociedade no ISCTE, e depois
6 em 2014, defendi o doutoramento em educação na Lusófona. Portanto a minha área é a
7 educação.

8 **Entrevistador** – Fale-me do seu percurso profissional. Quantos anos tem de serviço? Em
9 quantas escolas já exerceu?

10 **Entrevistada** – Nós no Piaget começámos todos como estagiários. A primeira função que
11 tive foi como estagiária, porque estava a fazer o curso em Almada e tinha uma formação
12 em alternância. Tinha prática numa das nossas unidades, em São João da Talha, e tinha
13 formação teoria em Almada. Depois no final da formação fiquei como educadora em São
14 João da Talha, durante uns dois anos, sensivelmente. Entretanto, o Instituto Piaget
15 convidou-me para acompanhar as unidades de desenvolvimento e, posteriormente, fiquei
16 a fazer parte da direção na (nome da escola), que já vão desde 1993, até agora. Como
17 tesoureira, vice-presidente e também com departamentos associados à pedagogia,
18 científico pedagógico, expansão, património.

19 **Entrevistador** – Qual a sua opinião sobre a presença dos homens na educação?

20 **Entrevistada** – O problema da educação e dos homens sempre foi complicado. Nós
21 sempre nos debatemos que deveríamos ter sempre a figura masculina presente nas nossas
22 instituições, nas creches, nos jardins de infância. Porque defendemos sempre. De facto, a
23 maioria são sempre mulheres, 99% ou mais são figura feminina e o homem é sempre a
24 figura que está em minoria

25 **Entrevistador** – Acha que os homens podem trazer contributos para a docência?

26 **Entrevistada** – Os homens podem. Só que tem de haver uma mentalidade que ainda não
27 está completamente clara em Portugal, porque ainda existe muito o preconceito do
28 homem, principalmente na creche. Sabemos de situações... que mudar uma fralda a uma
29 menina, por exemplo, levantava questões e temos de ter muito cuidado com esse tipo de
30 situações. Na verdade, nós não temos esse preconceito, nós sempre defendemos e, até
31 porque tivemos diretores homens, tivemos educadores homens e defendemos o papel do
32 homem. Defendemos a igualdade de género na prática. Neste caso, pela parte masculina.

33 Mas são poucos. Nós sempre achámos que efetivamente os homens deveriam investir
34 mais na educação, para já porque independentemente de dizermos que somos todos
35 iguais, somos todos diferentes, o homem é homem e a mulher é a mulher, como é obvio.
36 Somos diferentes e temos formas diferentes de ver a vida e o homem também tem o seu
37 papel na educação da criança, pode fazer o mesmo que a mulher faz e contribuir com
38 outras diferenças.

39 **Entrevistador** – Em relação à educação de infância, o número de profissionais do género
40 masculino é muito inferior quando comparado ao do género feminino. Quais serão, no
41 seu entender, as causas desta discrepância numérica tão grande?

42 **Entrevistada** – É cultural. Não há dúvida, é inevitável. É cultural, é o preconceito
43 ainda... que esta função, esta profissão ainda está muito associada às mulheres.

44 **Entrevistador** – No seu entender existem consequência relativamente à feminização da
45 profissão docente?

46 **Entrevistada** – As escolas devem ter um conjunto de colaboradores diversificados, e para
47 mim e todos defendemos isso, que é a igualdade de género. Portanto, devia de ser quase
48 meio por meio, deveria de haver tantos homens como mulheres na escola, mas não há.
49 Para mim é uma questão cultural e de mentalidade.

50 **Entrevistador** – O que acha que poderia ser diferente se existissem mais profissionais do
51 sexo masculino?

52 **Entrevistada** – Se falarmos em termos de conteúdos, em termos de desenvolvimento de
53 projetos, seria a mesma, porque seguimos no fundo, imaginemos, no pré-escolar há
54 orientações. Mas a verdade é que o género nos define e podemos ter situações diferentes.
55 Eu acho que enquanto houver um homem e uma mulher têm sempre uma visão diferente
56 da coisa, portanto é a questão da diversidade e de contribuir com mais alguma coisa
57 diferente, porque deveria de haver um equilíbrio. Hoje já não falamos em termos de
58 educação apenas das escolas, os pais hoje já têm um papel diferente. Não escolhem a
59 profissão de ser educador. Professor é diferente, já há mais professores, até porque havia
60 mais professores homens do que mulheres. Mas o homem hoje, enquanto pai, já tem um
61 papel diferente, definem-se papeis muito idênticos aos da mãe. Toma conta da criança,
62 faz a parte das rotinas, sem problema nenhum e isso vê-se nesta geração. Continua a falhar
63 ainda é na parte da creche. O pré-escolar, o 1º ciclo já não é a mesma coisa.

64 **Entrevistador** – Porquê que acha que não é a mesma coisa?

65 **Entrevistada** – Porque efetivamente o papel do professor via-se relacionado com o
66 homem.

67 **Entrevistador** – E porquê que acha que o de educador não? Quais são as causas disso?

68 **Entrevistada** – Eu continuo a dizer que tem a ver com a nossa sociedade. Continuamos
69 a não fazer um trabalho em que a educação tem de ser vista quer pelo homem, quer pela
70 mulher. A educação conta muito. Provavelmente também segues este caminho porque
71 crescestes dentro de uma instituição que foi mostrando a mais valia desta profissão e o
72 importante que isto é. Eu acho que a tua escolha teve muito a ver com este contexto onde
73 tu crescestes. A tua família foi importante. Significa que a educação tem sempre a ver com
74 a família e com os contextos onde nós estamos inseridos.

75 **Entrevistador** – Em termos de relação com as crianças, pensa que existem diferenças
76 devido ao facto de o educador ser homem ou mulher? Ou acha que é igual?

77 **Entrevistada** – A resposta deveria ser que é igual. Mas depende de pessoa para pessoa.

78 **Entrevistador** – Em termos afetivos, parece-lhe que o educador homem consegue dar
79 resposta às necessidades das crianças?

80 **Entrevistada** – Claramente. Porque a criança em crescimento, desde pequeninos eles
81 veem a presença afetiva e eles não estão a medir se é homem ou se é mulher. É aquela
82 relação, aquela vinculação que eles estabelecem, e tanto estabelecem com o género
83 feminino como masculino.

84 **Entrevistador** – Em relação às famílias, face à sua experiência, como é que se processam
85 as comunicações entres os educadores homens e as famílias? Existem dificuldades, não?

86 **Entrevistada** – Eu acho que existe mais dificuldades das famílias com o educador
87 homem. Continua a ser uma questão de preconceito, cultura e de mentalidade. Ainda não
88 ultrapassámos isso completamente.

89 **Entrevistador** – Na instituição que dirige, como avalia o impacto das questões de género
90 no trabalho em geral, no clima e no ambiente organizacional?

91 **Entrevistada** – Temos de contruir e promover uma educação que contribua para a
92 igualdade de género.

93 **Entrevistador** – Em relação à sua experiência profissional, já trabalhou em escolas com
94 educadores homens?

95 **Entrevistada** – Quando eu era educadora de infância não tinha nenhum homem, mas
96 trabalhámos com diretores, e com educadores e professores. Mas são sempre a minoria.

97 **Entrevistador** – Identifica diferenças nas práticas pedagógicas dos educadores de
98 infância homem e mulheres?

99 **Entrevistada** – Identifica-se, é inevitável. Só o facto de tu seres masculino e eu feminino,
100 é inevitável, são pessoas diferentes. Independentemente do género, cada ser é um ser

101 diferente e que tem uma forma de agir diferente e que tem uma forma de estabelecer a
102 relação diferente. Cada ser humano estabelece uma relação diferente, não há duas coisas
103 iguais.

104 **Entrevistador** – Em relação à sua experiência como diretora, no ato da contratação de
105 docentes, o gênero influencia a sua escolha?

106 **Entrevistada** – Não influencia em nada. Se tiver um bom currículo e reunir os requisitos,
107 tanto será homem como mulher.

108 **Entrevistador** - No que diz respeito a cargos diretivos, pensa que existe algum gênero
109 mais apto para desempenhar essa função?

110 **Entrevistada** – Não. Tanto tem competências a mulher como o homem.

111 **Entrevistador** – Terminámos. Gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

112 **Entrevistada** – Não. Só desejar-te felicidades.

Anexo J - Descrição de categorias de entrevista - Professor

Tema: Percurso profissional e formação.

Pergunta: Fale-me da sua formação académica: Onde estudou? Há quantos anos tirou o curso?

Fale-me do seu percurso profissional: Quantos anos de serviço tem?

Em quantas escolas já exerceu (públicas ou privadas)?

Vontade própria – Esta categoria refere-se à forte vontade do entrevistado em seguir a carreira de docente e às condições adversas que ultrapassou para seguir a área profissional que desejava.

Formação em contexto de reforma – Inclui-se nesta categoria as mudanças a que o entrevistado acompanhou ao longo da sua carreira, em termos do percurso para se ser professor.

Alterações à estratégia de formação de professores – Esta categoria contempla os vários contextos que o professor entrevistado passou ao longo do seu percurso de formação para professores, nomeadamente as mudanças e variáveis com que se deparou.

Importância do contexto – Integra-se nesta categoria a importância dada aos contextos envolventes à escola, como são exemplo a comunidade e as famílias das crianças.

Experiência muito relevante – Faz-se menção nesta categoria à ampla experiência do entrevistado, confirmando a expectativa e pertinência da sua entrevista para o desenvolvimento do estudo em questão.

Tema: Presença dos homens na educação e na sociedade.

Pergunta: Qual a sua opinião sobre a presença dos homens na educação?

Valorização dos docentes homens – Nesta categoria inclui-se a importância da figura masculina no contexto escolar, mas ainda a exaltação da mesma em relação às colegas mulheres.

Conceções e estereótipos quanto ao homem – Inclui-se nesta categoria os preconceitos em torno da figura masculina e as conceções ligadas aos homens.

Alterações do papel masculino da sociedade – Nesta categoria está colocada a informação quanto às mudanças dos papéis dos homens na sociedade e a importância que isso pode trazer.

Feminização excessiva – Inclui-se nesta categoria a demasia e exagerada presença feminina na vida das crianças e por consequência a falta da presença masculina.

Tema: Discrepância numérica entre o género dos docentes.

Pergunta: Em relação à educação de infância, o número de profissionais de género masculino é muito inferior quando comparado ao do sexo feminino. Quais serão no seu entender as causas desta discrepância numérica tão grande?

Desinteresse pela profissão docente – Esta categoria contempla a diminuição do interesse pela docência por parte dos jovens.

Causas do desinteresse pela profissão docente – Integra-se nesta categoria a informação relativa às causas do aumento do desinteresse pela profissão docente.

Tema: Feminização da profissão docente.

Pergunta: No seu entender existem consequências relativamente à feminização da profissão docente? Quais?

Competição e dificuldades entre docentes do género feminino – Nesta categoria faz-se menção ao universo feminino e à forma como o género lida com conflitos entre si.

Tema: Diferenças da existência de mais docentes homens.

Pergunta: O que poderia ser diferente se existissem mais profissionais do sexo masculino na educação de infância e mesmo no 1º ciclo?

Presença masculina como docente – Faz-se menção nesta categoria à importância da convivência das crianças com ambos os géneros e à normalização dessa presença para a equidade da profissão quanto à realidade humana.

Tema: Relação com as crianças.

Pergunta: Em termos de relação com as crianças, acha que existem diferenças devido ao facto de o educador ser homem ou mulher? Quais as principais diferenças que reconhece? Em termos afetivos e de cuidados, parece-lhe que o educador homem consegue dar resposta às necessidades das crianças? Porquê?

Homem como docente – Esta categoria abarca a importância do professor do género masculino.

Igualdade e qualidade docente – Esta categoria refere-se à qualidade dos docentes, afastando a ideia de que esse fator esteja ligado ao género do profissional.

Tema: Diferenças em outros domínios relacionais com docentes do género feminino.

Pergunta: E em outros domínios relacionais, encontra diferenças ou discrepâncias com as colegas do sexo feminino? Se sim, em que termos?

Perspetivas da docência – Nesta categoria menciona-se a individualidade humana como fator presente nas práticas docentes.

Visões do mundo – Inclui-se nesta categoria as diferentes perspetivas face ao mundo por parte de mulheres e homens.

Tema: Relação com as famílias.

Pergunta: Em relação às famílias face à sua experiência, como se processam as comunicações? Tem sentido alguma dificuldade em particular?

Valorização do docente homem – Nesta categoria está colocada a informação relativa a importância que os familiares das crianças dão ao facto do professor dos discentes ser um homem.

Importância do contexto escolar para as crianças – Esta categoria contempla a importância do contexto escolar para as crianças como forma de colmatar a ausência do contexto familiar.

Tema: Embaraço na vida profissional por ser homem.

Pergunta: Alguma vez se sentiu embaraçado em alguma situação na vida profissional pelo facto de ser do género masculino?

Desconfortos e preocupações – Faz-se menção nesta categoria às complexidades e contratempos a que um docente do género masculino pode estar sujeito.

Tema: Alterações das atitudes face às questões de género.

Pergunta: Ao longo do tempo tem sentido alterações em termos das atitudes das famílias ou das colegas de trabalho no exercício da docência face às questões de género? Quais?

Alterações da sociedade implícitas na docência – Nesta categoria está contida a informação quanto às mudanças em curso e que influenciam diretamente o mundo da educação.

Tema: Trabalho com outros homens.

Pergunta: Em relação à sua experiência profissional, já trabalhou em escolas com outros docentes homens?

Trabalho entre géneros – Nesta categoria inclui-se a colaboração entre géneros como fator de maior sucesso no trabalho.

Tema: Diferença na implementação das práticas entre mulheres e homens.

Pergunta: Face às colegas do sexo feminino, identifica alguma(s) diferença(s) significativa(s) na implementação das práticas pedagógicas? Em que aspetos ou em que domínios?

Diferenças entre mulheres e homens – Esta categoria refere-se às diferenças entre géneros associadas à docência.

Tema: Clima de trabalho nas escolas.

Pergunta: Acha que se existissem mais docentes homens, o ambiente e o clima de trabalho nas escolas poderia ser diferente? Em que termos?

Presença dos homens na escola – Menciona-se nesta categoria o facto da presença masculina influenciar de forma positiva, o ambiente escolar.

Tema: Conclusões finais.

Pergunta: Gostaria de acrescentar mais alguma coisa à entrevista?

Evolução das mentalidades – Nesta categoria está presente uma síntese reflexiva da carreira docente do entrevistado, contemplando algumas mudanças quanto ao estatuto dos homens enquanto profissionais e à igualdade de oportunidades que se vive atualmente.

Anexo K - Descrição de categoria de entrevista – Educador

Tema: Percurso profissional e formação.

Pergunta: Fale-me da sua formação académica: Onde estudou? Há quantos anos tirou o curso?

Fale-me do seu percurso profissional: Quantos anos de serviço tem?

Em quantas escolas já exerceu (públicas ou privadas)?

Experiência muito relevante – Inclui-se nesta categoria a relevância da experiência do entrevistado para com o estudo deste relatório.

Decisão segura – Esta categoria contempla o facto de a escolha da profissão de docente ter sido uma decisão segura.

Formação com poucos homens – Integra-se nesta categoria a escassez de colegas do género masculino durante a formação para professor.

Tema: Presença dos homens na educação e na sociedade.

Pergunta: Qual a sua opinião sobre a presença dos homens na educação?

Conceções sobre as questões de género – Nesta categoria faz-se menção à forma como o entrevistado vê o processo de educar.

Alterações do papel masculino como educador – Esta categoria refere-se à informação de que, em tempos passados, eram os homens os principais intervenientes na educação das crianças.

Segregação dos homens na educação – Esta categoria contempla a informação da discriminação que os homens, que pretendiam ser educadores de infância, passavam.

Tema: Discrepância numérica entre o género dos docentes.

Pergunta: Em relação à educação de infância, o número de profissionais de género masculino é muito inferior quando comparado ao do sexo feminino. Quais serão, no seu entender, as causas desta discrepância numérica tão grande?

Causas da discrepância numérica – Esta categoria refere-se aos preconceitos e ideias pré-concebidas para com os homens que escolhem a profissão de educadores de infância.

Tema: Feminização da profissão docente.

Pergunta: No seu entender existem consequências relativamente à feminização da profissão docente? Quais?

Segurança e confiança – Inclui-se nesta categoria a segurança e confiança que os profissionais do género masculino precisam de ter para que possam evitar alguns problemas enquanto profissionais de educação.

Tema: Diferenças da existência de mais docentes homens.

Pergunta: O que poderia ser diferente se existissem mais profissionais do sexo masculino na educação de infância e mesmo no 1º ciclo?

Presença masculina – Mencionam-se nesta categoria as diferenças que, na opinião do entrevistado, existem quanto à presença de um maior número de profissionais do género masculino.

Tema: Relação com as crianças.

Pergunta: Em termos de relação com as crianças, acha que existem diferenças devido ao facto de o educador ser homem ou mulher? Quais as principais diferenças que reconhece? Em termos afetivos e de cuidados, parece-lhe que o educador homem consegue dar resposta às necessidades das crianças? Porquê?

Homem como docente – Nesta categoria está presente a informação quanto à igualdade na procura das crianças pelos profissionais tanto do género masculino como feminino.

Traços de personalidade – Esta categoria contempla a relação entre a personalidade do profissional e a relação que constrói com as crianças.

Equilíbrio no trabalho – Esta categoria refere-se ao equilíbrio de trabalho que se alcança quando existem profissionais de géneros opostos a trabalhar mutuamente.

Atividades sob influencia cultural – Integra-se nesta categoria a influência cultural que as crianças evidenciam na procura dos géneros.

Tema: Diferenças em outros domínios relacionais com docentes do género feminino.

Pergunta: E em outros domínios relacionais, encontra diferenças ou discrepâncias com as colegas do sexo feminino? Se sim, em que termos?

Perspetivas sobre género – Nesta categoria evidenciam-se as diferenças ou discrepâncias entre profissionais, independentemente do género.

Tema: Relação com as famílias.

Pergunta: Em relação às famílias face à sua experiência, como se processam as comunicações? Tem sentido alguma dificuldade em particular?

Relação com os pais – Inclui-se nesta categoria as possíveis reticências que as famílias têm para com os profissionais do género masculino.

Conceções sobre educação – Integra-se nesta categoria a opinião do entrevistado quanto ao papel das famílias na escola.

Tema: Embaraço na vida profissional por ser homem.

Pergunta: Alguma vez se sentiu embaraçado em alguma situação na vida profissional pelo facto de ser do género masculino?

Segurança como docente – Nesta categoria inclui-se o gosto pela profissão de docente como fator de segurança para evitar embaraços na vida profissional.

Tema: Alterações das atitudes face às questões de género.

Pergunta: Ao longo do tempo tem sentido alterações em termos das atitudes das famílias ou das colegas de trabalho no exercício da docência face às questões de género? Quais?

Evolução de mentalidade – Esta categoria diz respeito às alterações quanto à forma como as famílias olham para os profissionais do sexo masculino.

Tema: Trabalho com outros homens.

Pergunta: Em relação à sua experiência profissional, já trabalhou em escolas com outros docentes homens?

Ausência de colegas homens – Nesta categoria está colocada a informação sobre a ausência de colegas do sexo masculino na profissão de docente.

Tema: Diferença na implementação das práticas entre mulheres e homens.

Pergunta: Face às colegas do sexo feminino, identifica alguma(s) diferença(s) significativa(s) na implementação das práticas pedagógicas? Em que aspetos ou em que domínios?

Diferenças entre homens e mulheres – Esta categoria refere-se às disparidades entre profissionais do sexo masculino e feminino.

Tema: Clima de trabalho nas escolas.

Pergunta: Acha que se existissem mais docentes homens o ambiente e o clima de trabalho nas escolas poderia ser diferente? Em que termos?

Presença dos homens docentes nas escolas – Inclui-se nesta categoria as diferenças que se podiam sentir com o aumento de profissionais do género masculino nas escolas.

Anexo L - Descrição de categorias de entrevista – Educadora

Tema: Percurso profissional e formação.

Pergunta: Fale-me da sua formação académica: Onde estudou? Há quantos anos tirou o curso?

Fale-me do seu percurso profissional: Quantos anos de serviço tem?

Em quantas escolas já exerceu (públicas ou privadas)?

Experiência profissional – Inclui-se nesta categoria os vários anos de experiência da entrevistada.

Contexto de trabalho – Esta categoria contempla os contextos de experiência e in experiência com que a entrevistada teve contacto.

Tema: Presença dos homens na educação e na sociedade.

Pergunta: Qual a sua opinião sobre a presença dos homens na educação?

Conceções e estereótipos quanto ao género – Integra-se nesta categoria a visão sobre os papéis do homem e da mulher na sociedade.

Igualdade entre género dos docentes – Faz-se menção nesta categoria à vocação para professor, sejam do género masculino ou feminino.

Tema: Discrepância numérica entre o género dos docentes.

Pergunta: Em relação à educação de infância, o número de profissionais de género masculino é muito inferior quando comparado ao do sexo feminino. Quais serão no seu entender as causas desta discrepância numérica tão grande?

Causas da discrepância entre género dos docentes – Esta categoria refere-se aos motivos pela qual se sente a discrepância de géneros na profissão de docente.

Tema: Feminização da profissão docente.

Pergunta: No seu entender existem consequências relativamente à feminização da profissão docente? Quais?

Educação da criança e a importância do masculino e do feminino – Nesta categoria inclui-se a informação referente à importância do contacto com os dois géneros docentes por parte das crianças.

Tema: Diferenças da existência de mais docentes homens.

Pergunta: O que poderia ser diferente se existissem mais profissionais do sexo masculino na educação de infância e mesmo no 1º ciclo?

Contributos para a criança – Nesta categoria está colocada a informação que concerne a importância da paixão pela profissão de docente como contributo para a educação da criança.

Presença dos homens como docentes – Inclui-se nesta categoria a valorização dos homens como docentes.

Tema: Relação com as crianças.

Pergunta: Em termos de relação com as crianças, acha que existem diferenças devido ao facto de o educador ser homem ou mulher? Quais as principais diferenças que reconhece? Em termos afetivos e de cuidados, parece-lhe que o educador homem consegue dar resposta às necessidades das crianças? Porquê?

Género dos docentes e as crianças – Esta categoria contempla a relação com as crianças e o facto de não se notar diferença entre os géneros dos docentes.

Tema: Relação com as famílias.

Pergunta: Em relação às famílias face à sua experiência, como se processam as comunicações? Tem sentido alguma dificuldade em particular?

Atitudes das famílias – Integra-se nesta categoria os estereótipos em relação aos docentes homens por parte das famílias das crianças.

Relação com os pais – Faz-se menção nesta categoria à valorização dos homens no trabalho com as crianças e ao contexto em que ainda é mais difícil o homem atuar.

Tema: Diferença na implementação das práticas entre mulheres e homens.

Pergunta: Face aos colegas do sexo feminino, identifica alguma(s) diferença(s) significativa(s) na implementação das práticas pedagógicas? Em que aspetos ou em que domínios?

Igualdade nas práticas – Esta categoria refere-se à igualdade na implementação das práticas pedagógicas por docentes homens e mulheres.

Tema: Clima de trabalho nas escolas.

Pergunta: Acha que se existissem mais docentes homens o ambiente e o clima de trabalho nas escolas poderia ser diferente? Em que termos?

Presença dos homens na escola – Nesta categoria inclui-se as qualidades profissionais independentemente do género como marco de diferença no ambiente e no clima de trabalho nas escolas.

Anexo M - Descrição de categoria de entrevista - Encarregada de educação

Tema: Enquadramento familiar.

Pergunta: Fale-me da sua família: Qual o seu enquadramento familiar em termos do estado civil? Tem filhos? Quantos? Menino ou menina?

Enquadramento pessoal do entrevistado – Inclui-se nesta categoria o contexto familiar atual da entrevistada.

Membros do agregado familiar – Esta categoria contempla a constituição do agregado familiar e as idades de alguns dos membros.

Tema: Conhecer o percurso escolar do(s) filho(s) do(s) entrevistado(s).

Pergunta: O(s) seu(s) filho(s) frequenta(m) ou já frequentaram a creche ou o jardim de infância?

Neste momento, em que nível de educação se encontra(m)?

Quantos docentes teve o(s) seu(s) filho(s) ao longo do percurso escolar? Algum deles era do sexo masculino?

Percurso escolar dos filhos – Integra-se nesta categoria o percurso escolar atual dos filhos da entrevistada.

Docentes no percurso escolar dos filhos – Faz-se menção nesta categoria aos docentes que os filhos da entrevistada têm ou tiveram contacto.

Tema: Discrepância numérica entre o género dos docentes.

Pergunta: Em relação à educação de infância, o número de profissionais de género masculino é muito inferior quando comparado ao do sexo feminino. Quais serão no seu/vosso entender as causas desta discrepância numérica tão grande?

Motivos da discrepância numérica entre géneros de educadores de infância – Esta categoria refere-se às razões pelas quais o número de profissionais do género masculino é inferior ao do género feminino.

Tema: Mais profissionais do sexo masculino.

Pergunta: O que poderia ser diferente se existissem mais profissionais do sexo masculino na educação de infância e mesmo no 1º ciclo?

Melhorias para a educação – Nesta categoria inclui-se a possibilidade de se verificarem melhorias para a educação com o aumento de profissionais do género masculino.

Tema: Relação com as crianças.

Pergunta: Em termos de relação com as crianças, pensa(m) existirem diferenças devido ao facto de o educador ser homem ou mulher? Quais serão as principais diferenças?

Em termos afetivos e de cuidados, parece-lhe(s) que o educador homem consegue dar resposta às necessidades das crianças? Porquê?

Diferenças na relação com as crianças – Nesta categoria está contida a informação acerca das diferenças na relação com as crianças por parte dos docentes do género masculino.

Experiência da filha – Inclui-se nesta categoria a forte relação que a filha da entrevistada cria com os docentes do género masculino.

Tema: Relação com as famílias.

Pergunta: Em relação à experiência enquanto mãe, acha que um educador homem consegue criar a mesma relação convosco, que uma educadora mulher? Já teve alguma dificuldade em criar essa relação/pensa que teria dificuldade em criar essa relação? Porquê?

Dúvidas por parte das famílias – Esta categoria contempla as reticências das famílias quanto ao género do docente.

Paridade de género no exercício profissional – Integra-se nesta categoria a igualdade na criação de boas relações com as famílias por parte de ambos os géneros docentes.

Tema: Diferenças nas práticas pedagógicas.

Pergunta: Identifica(m) alguma(s) diferença(s) nas práticas pedagógicas dos educadores de infância homens e mulheres? Quais?

Diferenças entre homens e mulheres docentes – Faz-se menção nesta categoria às distinções entre as práticas pedagógicas dos educadores de infância homens e mulheres.

Tema: Educador homem e os contributos que poderia trazer.

Pergunta: Acha(m) que um educador homem pode/poderia trazer contributos diferentes para a educação dos seus filhos? Em que medida?

Contributos da presença masculina no percurso da filha – Esta categoria refere-se à informação acerca da experiência positiva por parte da filha com a relação criada com o auxiliar de educação do sexo masculino.

Anexo N - Descrição de categorias de entrevista - Docente com cargo diretivo

Tema: Percurso profissional e formação.

Pergunta: Fale-me da sua formação académica: Onde estudou? Há quantos anos tirou o curso?

Fale-me do seu percurso profissional: Quantos anos de serviço tem?

Em quantas escolas já exerceu (públicas ou privadas)?

Vasta formação – Inclui-se nesta categoria a diversa formação da entrevista na área da educação.

Experiência relevante – Esta categoria contempla a vasta experiência profissional na entrevistada.

Tema: Presença dos homens na educação e na sociedade.

Pergunta: Qual a sua opinião sobre a presença dos homens na educação?

Relação homem/educação – Integra-se nesta categoria a dificuldade do homem na área da educação.

Presença masculina nas instituições – Faz-se menção nesta categoria à presença de docentes homens nas escolas e ao facto de serem sempre a minoria.

Preconceitos sobre os homens – Esta categoria refere-se aos contextos preconceituosos vividos em Portugal em relação aos docentes homens.

Papel dos homens na educação – Nesta categoria inclui-se a informação relativa ao interesse dos homens na área da educação e aos contributos que os mesmos podem trazer.

Tema: Discrepância numérica entre o género dos docentes.

Pergunta: Em relação à educação de infância, o número de profissionais de género masculino é muito inferior quando comparado ao do sexo feminino. Quais serão no seu entender as causas desta discrepância numérica tão grande?

Causas da discrepância numérica – Nesta categoria faz-se menção às razões pelas quais se verifica um baixo número de educadores de infância do género masculino.

Alicerces para a escolha da profissão docente – Inclui-se nesta categoria a importância dos contextos com que temos contacto como fator de influência na escolha da carreira docente.

Discrepância numérica de homens na profissão de educador e professor – Esta categoria contempla a diferença numérica de profissionais do género masculino na educação de infância e no 1º ciclo do ensino básico.

Tema: Feminização da profissão docente.

Pergunta: No seu entender existem consequências relativamente à feminização da profissão docente? Quais?

Realidade preferencial nas escolas – Faz-se menção nesta categoria à vontade de existir um número semelhante de profissionais de ambos os géneros.

Tema: Diferenças da existência de mais docentes homens.

Pergunta: O que poderia ser diferente se existissem mais profissionais do sexo masculino na educação de infância e mesmo no 1º ciclo?

Igualdade no desenvolvimento de projetos – Nesta categoria inclui-se a igualdade de competências de géneros no desenvolvimento de projetos educativos.

Género e profissionalidade – Nesta categoria está colocada a informação referente às diferenças entre géneros na visão de algumas realidades.

Estereótipos de género – Integra-se nesta categoria a relação entre o papel do professor do 1º ciclo e o homem.

Igualdade de géneros na relação com as crianças – Inclui-se nesta categoria a desvalorização do género do profissional docente pela criança na construção de uma relação de afetividade.

Tema: Relação com as famílias.

Pergunta: E em relação às famílias, face à sua experiência, como se processam as comunicações entre os educadores homens e os familiares? Existem dificuldades? Porquê?

Diferenças de geração quanto à influência familiar – Esta categoria contempla as diferenças do papel de pai na relação atual com as crianças.

Dificuldades com docente masculino – Integra-se nesta categoria o facto de existir mais relutância das famílias com educadores do género masculino.

Causas das dificuldades – Faz-se menção nesta categoria às razões pelas quais as famílias ainda sentem dificuldades em aceitar os profissionais de educação do género masculino.

Tema: Questões de gênero na escola.

Pergunta: Na instituição que dirige, como avalia o impacto das questões de gênero no trabalho em geral, no clima e no ambiente organizacional?

Educação a promover – Esta categoria refere-se à importância da educação como fator fulcral para a igualdade de gênero.

Tema: Trabalho como homens.

Pergunta: Em relação à sua experiência profissional, já trabalhou em escolas com educadores homens?

Experiência enquanto educadora – Nesta categoria inclui-se a escassez de colegas educadores de infância homens.

Experiência enquanto diretora – Inclui-se nesta categoria a minoria de homens em todos os cargos educativos.

Tema: Diferença nas práticas pedagógicas.

Pergunta: Identifica alguma(s) diferença(s) na(s) prática(s) pedagógicas dos educadores de infância homem e mulheres? Quais?

Perfil global – Nesta categoria está contida a informação acerca do gênero como um dos vários fatores que influenciam a perfil do docente.

Tema: Contratação de docentes.

Pergunta: Em relação à sua experiência como diretora, no ato da contratação de docentes, o gênero influencia a sua escolha? Porquê/Em que medida?

Igualdade de oportunidades – Esta categoria contempla a valorização da qualidade do profissional independentemente de qual o gênero do mesmo.

Tema: Desempenho de cargos diretivos.

Pergunta: No que diz respeito a cargos diretivos, existe algum gênero mais apto para desempenhar essa função? Porquê?

Igualdade de competências – Faz-se menção nesta categoria à igualdade de capacidades entre géneros no desempenho de cargos diretivos na área da educação.

Anexo O – Declaração de Autorização de Depósito no Repositório Comum



DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO DE DEPÓSITO NO REPOSITÓRIO COMUM Decreto-Lei n.º 115/2013, de 7 de agosto

Considerando que a legislação em vigor referente ao depósito legal de dissertações e teses - artigo 50.º, do Decreto-Lei n.º 115/2013, de 7 de agosto, obriga ao depósito de uma cópia digital das teses e outros trabalhos de doutoramento e das dissertações de mestrado num repositório integrante da rede RCAAP - Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal, o(a)

Portador do Cartão de Cidadão n.º _____

Autor do Trabalho de Projeto / Relatório Final / Dissertação de Mestrado

Intitulado/a: _____

Concluído/a em __/__/__,

Declara, sob compromisso de honra, que:

1. O Trabalho de Projeto / Relatório final / Dissertação entregue e que conduziu à atribuição do grau é um trabalho original e detenho todos os direitos de autor;
2. Concedo ao Instituto Piaget, entidade instituidora da Escola Superior de Educação Jean Piaget de Almada, uma licença não-exclusiva para a/o arquivar e tornar acessível em formato digital no Repositório Comum, ou em qualquer outro repositório que a Instituição venha a utilizar, com o seguinte estatuto:

Acesso aberto _____

Acesso restrito _____

Acesso fechado _____

Acesso Embargado¹ até __/__/__

Email: _____ Contacto tlf: _____

Data: __/__/__

Assinatura: _____

¹Após a data indicada, o documento fica disponível em Acesso Aberto.

Anexo P – Licença de Distribuição Não Exclusiva – Repositório Comum



LICENÇA DE DISTRIBUIÇÃO NÃO EXCLUSIVA – REPOSITÓRIO COMUM

Ao depositar no Repositório Comum, os autores devem concordar com a seguinte licença de utilização: LICENÇA DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

Ao depositar um documento no Repositório Comum, o/a Sr./Sra.:

- a) Concede à FCCN o direito não-exclusivo de reproduzir, converter (como definido em baixo), disponibilizar, comunicar e/ou distribuir o documento entregue (incluindo o resumo/abstract) em formato digital, no quadro e para os fins e objetivos do projeto RCAAP.
- b) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que detém o direito de conceder à FCCN os direitos referidos na alínea anterior ou que obteve do respetivo titular as necessárias permissões para essa concessão.
- c) Declara que a concessão à FCCN dos direitos referidos na alínea a), não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade e que o conteúdo do documento disponibilizado não viola direitos de terceiros.
- d) Declara acautelar que os documentos por si disponibilizados não contêm informações sigilosas ou confidenciais relativas à sua atividade educativa ou profissional, nomeadamente em termos de marcas, patentes ou segredos industriais ainda não registados ou atribuídos pelas entidades competentes.
- e) Declara que os documentos contêm todas as referências bibliográficas, editoriais, e a referência aos respetivos programas financiadores e apoios institucionais (se aplicável).

A FCCN identificará claramente o(s) autor(es) do documento entregue, e não fará qualquer alteração, para além das permitidas por esta licença.

O autor pode solicitar que o seu documento seja retirado do Repositório Comum.

Data: ____/____/____

Assinatura: _____